

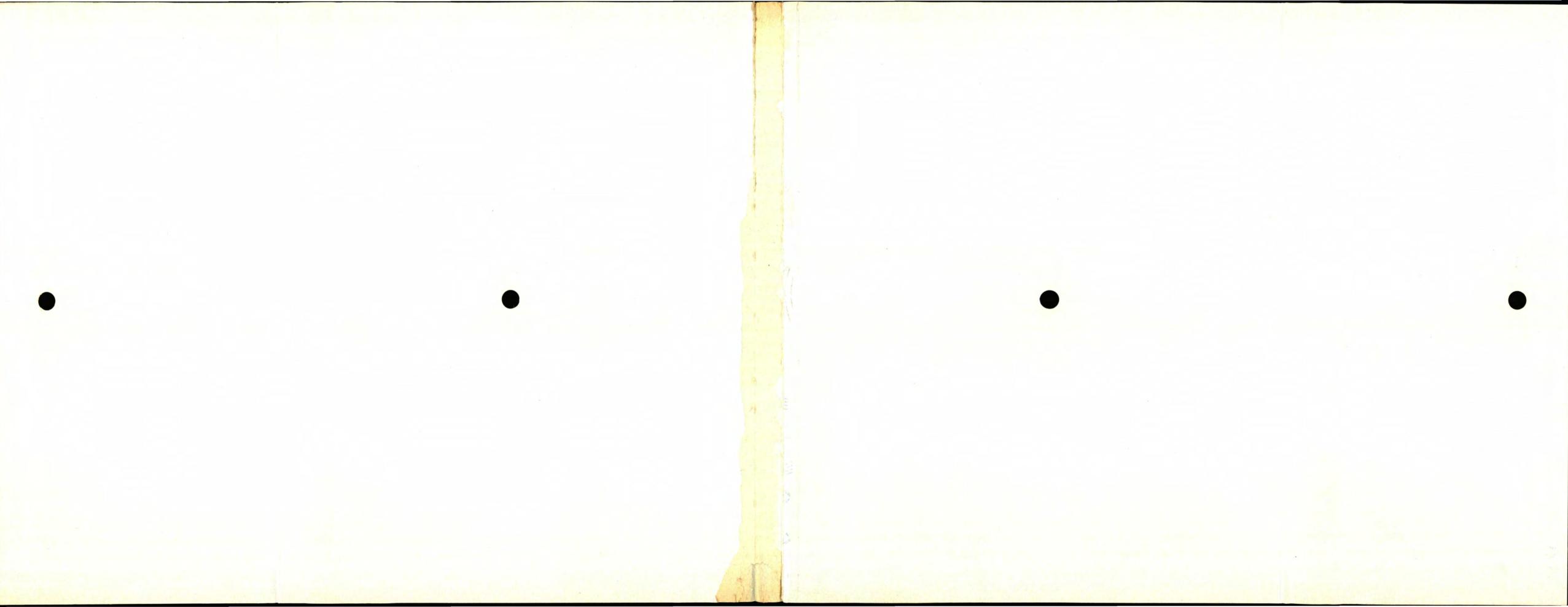
COLABORARAM NESTE NÚMERO:

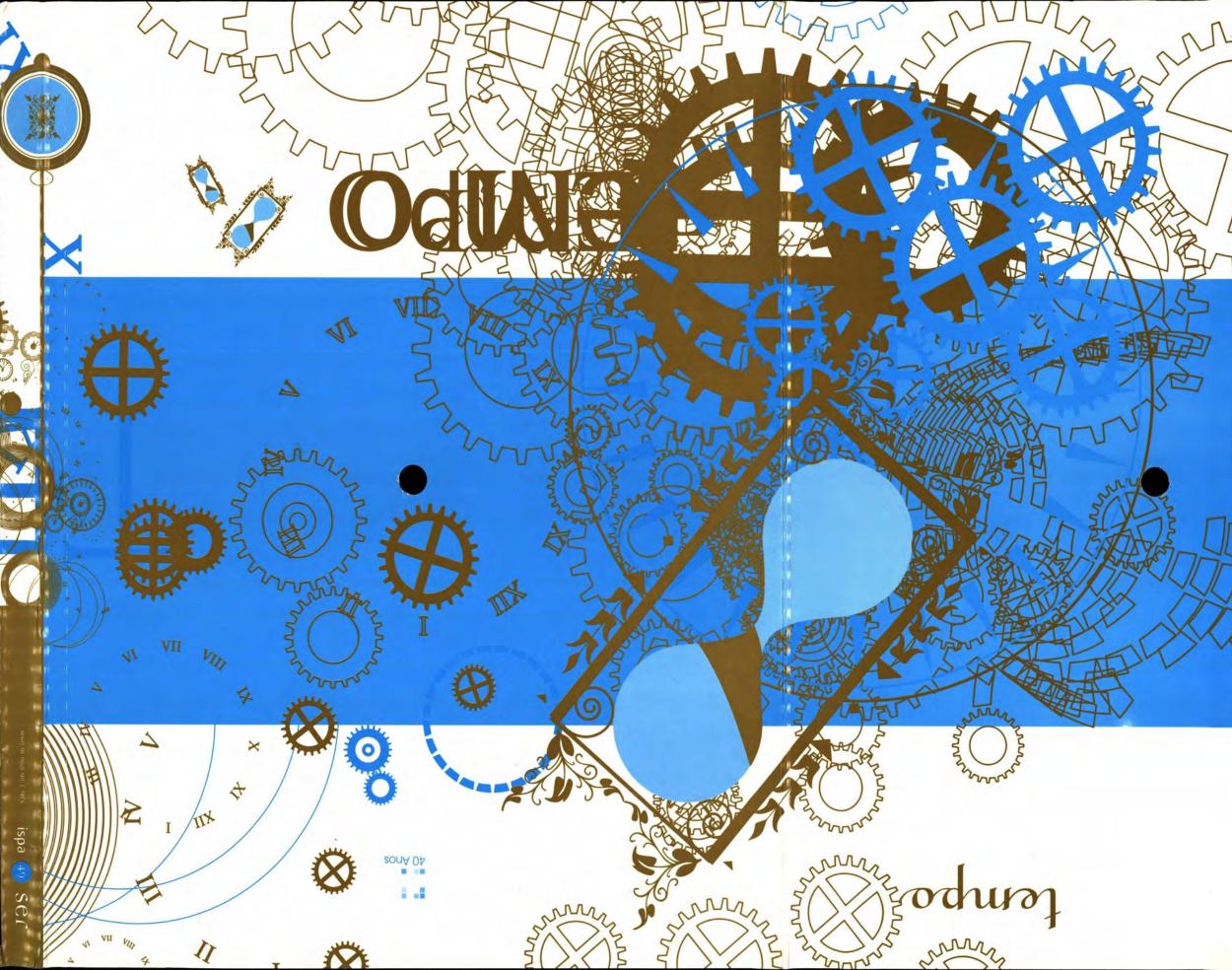
R. 7 de Junho, 24 R/C - C Loja

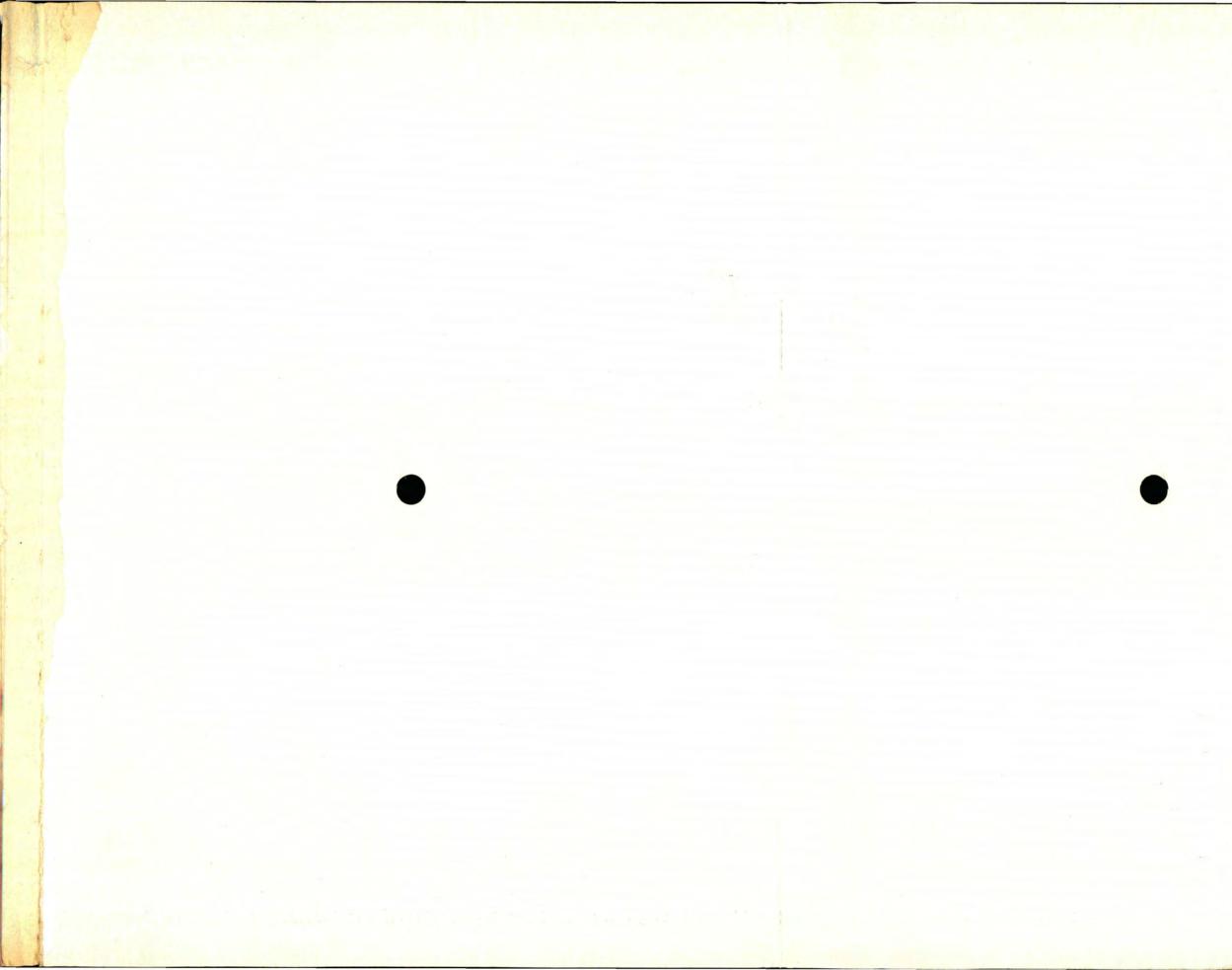
R. Mousinho de Albuquerque, 6 C Damaia, 2760-390 Amadora

Departamento de Mailings do ISPA

Tel.: 21 881 17 00 • Fax: 21 886 09











ín dice



07 EDITORIAL

08 PERCURSOS DOCENTES

MESTRADOS E DOUTORAMENTOS

10 DESPEDIDAS

- FERNANDA SOUSA RIBEIRO
- · HAROLD H. KELLY

14 NOTICIAS

- DIA INTERNACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
- · ANO EUROPEU DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA - 2003
- · CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS AZIZ AB'SABER: COOPERAÇÃO, PARCERIAS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO
- CONSELHO PEDAGÓGICO
- "MIGRAÇÃO E SAÚDE: QUE PERCURSOS?" (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA TRANSCULTURAL)
- · PREVENÇÃO DE CONFLITOS (OIKOS)

26 PONTOS DE VISTA

- . ENSINO REPETITIVO / ENSINO REFLEXIVO POR ANTÓNIO COIMBRA DE MATOS · PSICOLOGIA DA VIDA URBANA, PRODUÇÃO
- DE CIDADE E SUB-URBANIZAÇÃO POR LUÍS D. BALULA

36 PERCEPÇÕES

- · O ACONTECER DO TEMPO POR ANDRÉ BARATA
- · O RELOJOEIRO CONTORCIONISTA POR VALÉRIO ROMÃO

48 DOSSIER

- · CENTRO INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO
- · ENTREVISTA PROF. DOUTOR RUI OLIVEIRA
- · CICLO CONFERÊNCIAS CII
- MAIS 2 PROJECTOS ISPA APROVADOS
- · PRÉMIO ISPA
- · I SIMPÓSIO CII
- CONFERÊNCIA EXTRAORDINÁRIA
- QUEM SÃO OS NOSSOS BOLSEIROS ?

70 MESTRADOS E PÓS-GRADUAÇÕES

- MESTRADO EM COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL
- · PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESPORTO E DA ACTIVIDADE FÍSICA

82 ENCONTROS CIENTÍFICOS

- · II COLÓQUIO EUROPEU ÉTICA E PSICOLOGIA
- II CONFERÊNCIA DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

REALIZADOS

- PSICOLOGIA EDUCACIONAL
- 1º ENCONTRO LIC. REABILITAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL

92 ISPA - BEJA

- · PROTOCOLO PSP / ISPA BEJA
- · "ODISSEIA DO BEBÉ"

96 DEPARTAMENTO

DE FORMAÇÃO PERMANENTE

- APRESENTAÇÃO
- PRÓXIMAS ACÇÕES FORMAÇÃO
- NOVA COLABORADORA
- ACTIVIDADE DESENVOLVIDA: 1995-2002

102 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

- · LIVROS
- · PERIÓDICOS
- · NÚMEROS TEMÁTICOS
- INTERNET

112 LANÇAMENTO DE LIVROS

- "ADOLESCENTES SOMOS NÓS" DE EDUARDO SÁ
- "EDUCAÇÃO E CONFLITO" DE XESUS R. JARES

118 EDIÇÕES ISPA

- · PAUL RICOEUR: UMA HOMENAGEM
- · POR O CORPO A PENSAR
- · DA TRAMA DAS MINHAS MEMÓRIAS
- TEXTOS FUNDAMENTAIS

130 CULTURA

- FRANCIS BACON
- · UM MILITANTE DO AMOR
- · MUNDOS, UM SÓ MUNDO
- . O PUDIM DAS 500 MILHAS
- EMOÇÕES PRIMEIRA LIÇÃO
- · IRA A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LEITURA
- OU A VERDADEIRA GUERRA DO IRAQUE
- · A "NOSSA" GUERRA
- · PELOS MARES DO SUL

160 ALUNOS

- · CLONAGEM O GENOMA HUMANO (ABORDAGEM BIOPSICOLÓGICA)
- PSICOTUNA: TUNA FEMININA

164 AGENDA

• REUNIÕES CIENTÍFICAS NACIONAIS E INTERNACIOANIS

166 MEMÓRIA



editorial

o tempo separa. separa ao revelar ou revela separando.

Maria zambrana

"Para onde vão os dias que passam?"

Perguntou a criança. Uma criança.

Extasiada. Provocadora, O espanto e a magia da sua interrogação coloca-nos perante uma sucessão de dúvidas e outros incómodos. Pêndulos múltiplos que avançam e recuam, para lá e para cá, entre outras perguntas e respostas. Inocente e feliz, longe das certezas do mundo da fiabilidade.

Mais perto da poesia, jardim da linguagem, dita casa do SER.

Questões impelidas por movimentos de quem desvela e vela, virando e revirando, uma ampulheta imaginária.

Um espaço em aberto. De Tempo.

Que representa uma interrogação, ela mesma viajante de todas as épocas.

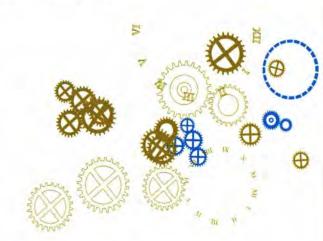
Abalou civilizações e continua a questionar os nossos horizontes. De saber:

Estamos assim lançados através de uma indagação mágica.

Busca permanente do mistério ontológico. Temporalidade que atravessa o SER.

Areia fina que nos foge entre as mãos, nos escapa por um ínfimo espaço e verte na ampulheta das descobertas.

Nada melhor do que uma criança, esperemos, também em nós presente, para nos remeter ao princípio das questões, por vezes, transformadas em respostas de pedra.



s e



DOCENTES DEFESAS de DOUTORAMENTO

Prof. Doutor José Morgado, docente na Licenciatura de Psicologia Aplicada, concluiu o Doutoramento em Estudos da Criança, área de Educação Especial na Universidade do Minho, com a dissertação do tema "Qualidade, Inclusão e Diferenciação Pedagógica - Importância e Dificuldade atribuída por Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico". O Júri constituido por Prof. Doutor Acílio Rocha (Vice Reitor da Universidade do Minho), Prof. Doutor Vítor da Fonseca (Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa), Prof. Doutor João Formosinho (Universidade do Minho), Prof. Doutor Leandro de Almeida (Universidade do Minho), Prof. Doutor David Rodrigues (Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa), Prof. Doutor Luís Miranda Correia (Universidade do Minho), Prof. Doutor Francisco Ramos Leitão (Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa), classificou a tese como "Aprovado".



por Unanimidade".

DOCENTES DEFESAS de MESTRADOS

Dr. Carlos Alberto Lopes, docente na Licenciatura em Psicologia Aplicada concluiu o Mestrado em Psicologia Educacional no Instituto Superior de Psicologia Aplicada com tese intitulada: "Auto-Conceito e Estatuto Social da Criança". O Júri constituído por Prof. Doutor Frederico Pereira (Director do ISPA), Prof. Doutor José António dos Santos (ISPA), Prof. Doutor Manuel Viegas Tavares (Instituto Piaget de Almada), classificou a tese com "Muito Bom".



Dr. Luís Manuel Romano Delgado, docente na Licenciatura em Psicologia Aplicada concluiu o Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada com tese intitulada: "Um Olhar sobre a Dinâmica Afectiva da Criatividade através da Prova Projectiva do T.A.T.". O Júri constituído por Prof. Doutor Rui Aragão (ISPA), Prof. Doutora Maria Emília Marques (ISPA), Prof. Doutora Manuela Fleming (Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar - Porto), classificou a tese com "Bom com Distinção".

Dr. José Maria Castro Silva, docente na Licenciatura em Psicologia Aplicada, concluiu o Mestrado Psicologia Educacional no Instituto Superior de Psicologia Aplicada com tese intitulada "Cooperação entre Professores: Realidade(s) e Desafios". O Júri constituído por Prof. Doutor José Morgado (ISPA), Prof.ª Doutora Glória Ramalho (ISPA) e Dr.ª Teresa Lopes Vieira (Escola Superior de Educação de Lisboa), classificou a tese com "Muito Bom".

Faleceu em 16 de Fevereiro passado a Dr.ª Fernanda Sousa Ribeiro, de 59 anos, antiga aluna e docente do ISPA, na área de Psicologia Clínica, sendo também psicóloga do Serviço de Psicologia do Hospital Miguel Bombarda, após ter trabalhado durante vários anos no antigo Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa.

Maria Fernanda Ribeiro Pereira de Barros de Sousa Ribeiro tinha 59 anos, era licenciada em Psicologia pelo ISPA em 1980, na área de Psicologia Clínica, fez formação como psicoterapeuta, sendo Grupanalista desde 1987 e membro candidata da Sociedade Portuguesa de Psicanálise desde 1994.

A sua carreira no ISPA, embora se tenha iniciado há mais de 20 anos quando no ano lectivo de 1982/83 começou a leccionar como assistente convidada na cadeira de Psicopatologia do Adulto, do 4º ano de Psicologia Clínica, na equipa docente do Dr. João Azevedo e Silva, foi bastante diversificada. Assim, o seu percurso docente incluiu colaboração nas seguintes cadeiras:

Psicopatologia do Adulto (4ºano) 1982/83 a 1993/94 Psicologia Clínica do Adulto (Tema Avançado do 5º ano) 1983/94 Seminário do 4º ano 1993/94 Psicopatologia Geral (3º ano)

1994/95 a 1999/2000 Seminário de Estágio (5° ano) 1991/92 a 2002/2003

Com ela tive o privilégio estabelecer uma relação de amizade e de trabalhar em colaboração durante vários anos na cadeira de Psicopatologia do Adulto e, mais recentemente, em Psicopatologia Geral, testemunhando de muito perto as suas elevadas qualidades pedagógicas, o seu interesse genuíno pela formação dos estudantes, bem como a sua competência, empenho e dedicação por todas as tarefas envolvidas na docência.

Da primeira cadeira recordo muito especialmente a grande entusiasta das aulas práticas de Psicopatologia

do Adulto que decorriam às 5ª feiras no Hospital Miguel Bombarda e nas quais os alunos entrevistavam sempre um doente de consulta ou internado, ao mesmo tempo que se ocupava de forma muito eficiente de vários aspectos da calendarização das aulas e da organização dos Seminários de Psicologia e Psicopatologia Clínica do Adulto que se realizaram anual e ininterruptamente durante 10 anos!

Da segunda, recordo a amiga e colaboradora de vários anos nos quais aderiu ao projecto de uma cadeira de Psicopatologia Geral em que na a sua sólida formação dinâmica e a sua vasta experiência clínica constituiram uma mais valia dificilmente substituível.

Contudo, sei que o grande amor docente da Fernanda Sousa Ribeiro era o Seminário de Estágio. Durante 10 anos leccionou numerosos grupos de Seminário de Estágio no 5° ano de Psicologia Clínica, sendo aí que se sentia mais realizada como docente. Ao longo desses anos, muitas dezenas de alunos de psicologia clínica tiveram a possibilidade de beneficiar da sua experiência clínica na orientação e supervisão no estágio do 5° ano. Muito particularmente da sua sólida identidade profissional como psicóloga clínica, da sua postura clínica genuína e empática e das suas competências para formar alunos em áreas de avaliação e de intervenção psicológicas, essenciais no estudo de acompanhamento de casos. Ao mesmo tempo, tinha uma forma inconfundível e rara de se interessar simultaneamente pela formação académica e pelo desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos.

A sua trajectória profissional esteve sempre muito ligada ao ISPA, primeiro como aluna e depois como docente, numa relação que se iniciou em 1975 e se manteve ininterruptamente até 16 de Fevereiro de 2003. Mesmo este ano lectivo, já bastante debilitada, não deixou de trabalhar e em Janeiro ainda estava a leccionar... Seminário de Estágio.

O ISPA perdeu uma docente competente e dedicada. Nós perdemos uma colega e uma amiga de longa data.



 χ

B

L

T

K

H

Q

0

B

A

H

OS TRABALHOS DESENVOLVIDOS POR HAROLD KELLEY

Os trabalhos desenvolvidos por Kelley possuíram um carácter verdadeiramente pioneiro, granjeando hoje em dia foros de referência incontornável. Como acontece com muitos outros grandes cientistas, o seu brilhantismo deve-se não tanto à defesa de noções complexas ou transcendentes mas antes, à clarividência com que aderiu a alguns princípios simples. No caso de Kelley salientam-se dois princípios básicos.

- I O princípio de que o comportamento é controlado pelas suas consequências - A importância deste princípio pode ser verificada pelo facto dele estar subjacente a vastas áreas de diversas disciplinas científicas (por exemplo, micro-economia, teoria da decisão comportamental, aprendizagem, teoria da evolução, etc.). Este princípio aplicado à vida em comunidade, torna saliente o facto de que as consequências do comportamento de um indivíduo não são apenas fruto desse comportamento em si, mas também do comportamento dos outros e da sua interacção - daí o grande interesse de Kelley pela interdependência. No estudo da interdependência estaria a chave para a compreensão de todo o comportamento humano (para uma compreensão da sua abordagem ver Kelley & Thibaut, 1978; Kelley, 1979; Kelley, 1983; Kelley, Holmes, Kerr, Reis, Rusbult & Van Lange, 2003; Thibaut & Kelley, 1959).
- 2 O princípio de que o nosso comportamento não se rege em função das suas consequências objectivas mas sim da forma como subjectivamente interpretamos as consequências passadas do nosso comportamento ou antecipamos as suas consequências futuras. Este segundo princípio qualifica, assim, o primeiro, e salienta o facto dos seres humanos não estarem apenas interessados na mera observação do contexto social em que se inserem, mas necessitarem de o explicar e prever. Não espanta por isso, que a atribuição causal, ou seja a forma como as pessoas explicam os acontecimentos se tornasse rapidamente numa das áreas mais fundamentais não só da Psicologia Social mas também de toda a ciência psicológica. A persecução deste princípio deu origem ao célebre modelo ANOVA de atribuição causal (Kelley, 1967, 1973; para uma discussão crítica do modelo, ver Garcia-Marques, 1988).

Esta visão de Kelley sobre o processo de atribuição causal privilegia a analogia do homem comum com o cientista, encarando o percipiente leigo como ser cognitivo eminentemente racional (Kelley, 1967, 1973). Hoje em dia, tal paralelo é geralmente considerado menos útil devido às

limitações de racionalidade encontradas no funcionamento cognitivo (Gilovich, Griffin & Kahneman, 2002). No entanto, o princípio avançado por Kelley como critério de identificação de causas, continua a ocupar um lugar proeminente na literatura (Cheng, 1997).

A insistência de Kelley, em todas as suas abordagens teóricas, na necessidade de levar em considerações, não apenas os estímulos sociais a que os comportamentos humanos respondem, mas também a forma como o estímulo é representado cognitivamente (Kelley, 1967) foi, em grande parte, responsável pela emergência da Cognição Social, uma área de charneira entre a Psicologia Cognitiva e Social actualmente em plena expansão.

ALGUMAS NOTAS SOBRE A CARREIRA DE HAROLD KELLEY

H. Kelley recebeu o grau de MA em psicologia da Universidade da Califórnia, em Berkeley entre 1942/43. Após ter trabalhado no programa psicológico da aviação da Força Aérea Americana, entrou para o Centro de Investigação em Dinâmica de Grupos (RCGD), de Kurt Lewin, no Massachusetts Instituto of Technology (MIT). Durante esta altura, trabalha em "primeiras impressões" e "relações interpessoais" com Cartwright. Após obter o grau de Doutoramento, em 1948, ingressa na Universidade de Michigan onde trabalha por uns tempos com Festinger. Junta-se de seguida à Yale University onde faz parte integrante do proeminente grupo de investigação de Hovland e Janis, que muito contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Comunicação e Persuasão. Em 1957 continua os seus estudos sobre "Poder", "Influência" e "Comunicação" na Universidade de Minnesota onde desenvolve em estreita colaboração com John Thibaut os trabalhos que mais marcarão a sua carreira. Estes trabalhos são sumariados em duas grandes obras: The Social Psychology of Groups (1959) e A Theory of Interdependence (1978).

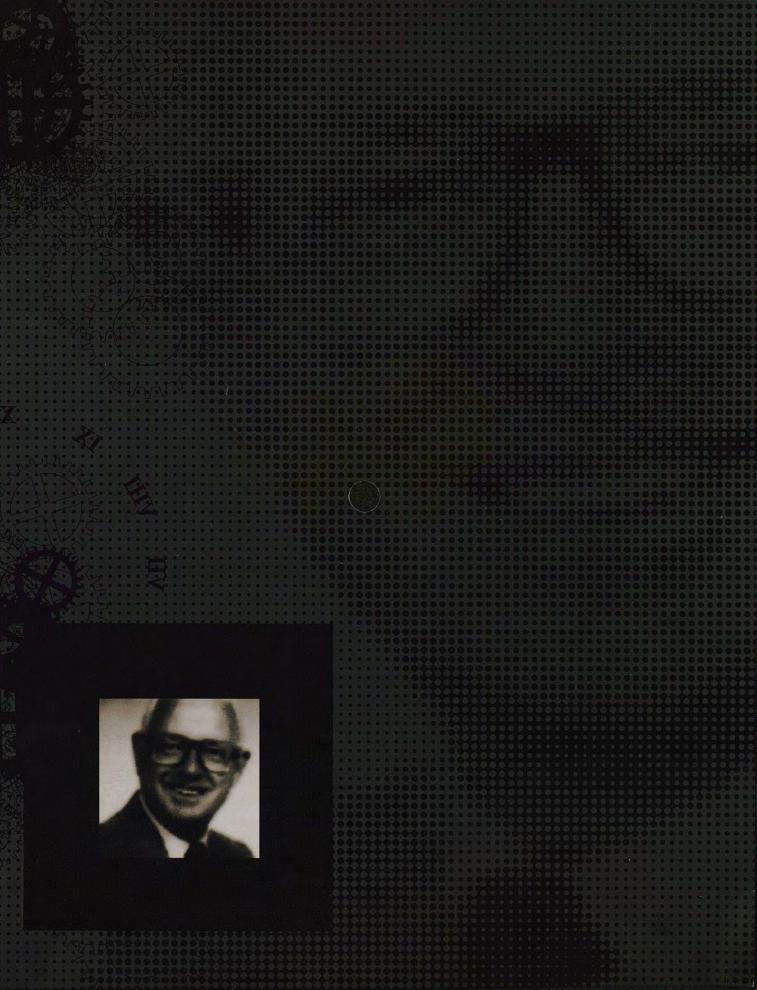
Em 1961 estabelece-se definitivamente como professor de psicologia na Universidade da Califórnia - Los Angeles.

Durante a sua carreira incorpora os corpos editoriais de muitas revistas de investigação em psicologia, e entre outras actividades se destaca o facto de ter sido Presidente da oitava divisão da American Psychology Association (APA) e da Western Psychology Association (WPA).

São vários os prémios de que foi alvo ao longo da sua carreira: o prémio "William James Fellow" pela American Psychology Society; o prémio "Distinguished Scientific Contribuition" pela American psychology Association; o prémio "Distinguished Scientific" pela Society of Experimental Social Psychology; o prémio "Kurt Lewin" pela Society for the Psychological Study of Social Issues e o prémio "Cooley-Mead" pela American Sociological Association

O departamento de psicologia da UCLA em sua homenagem criou, após a sua morte o *Harold H. Kelley Social Psychology Memorial Fund* ao qual ficarão associados desenvolvimentos futuros dos seus trabalhos.

recesa garcia-marques (ISPA Leonel garcia-marques (EDCEUL



No âmbito do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência a Licenciatura em Reabilitação e Inserção Social realizou, sob o lema Informar Melhor para Melhor Conhecer, uma acção de sensibilização junto do grande público da cidade de Lisboa sobre questões/problemáticas das pessoas com deficiência. Estas accões decorreram nas estações de Santa Apolónia, Cais do Sodré e Rossio, locais de passagem de milhares de pessoas e nelas foram instaladas Bancas informativas, que funcionaram dia 3 de Dezembro, das 10 às 17 horas. A adesão dos alunos, 78 no total, e docentes foi bastante significativa. Para além de Alunos e Docentes, contámos ainda com a colaboração de Técnicos de Reabilitação e pessoas com deficiência. Nas Bancas informativas, instaladas nas referidas estações foi disposto material informativo elaborado por alunos, bem como material utilizado por pessoas com deficiência, que despertou uma enorme curiosidade nas pessoas. As actividades desenvolvidas passaram, não só pela disponibilização do material acima referido, mas ainda pela exposição de cartazes, que todos os alunos envergaram, alusivos à data e a algumas problemáticas das pessoas com deficiência, nomeadamente o emprego. Os alunos realizaram ainda uma sondagem sobre o



conhecimento do significado da data.

O número de pessoas inquiridas cifra-se em cerca de 850.

Nas estações acima citadas e no período em que as actividades foram realizadas, partiram ou chegaram cerca de 240 comboios entre linhas de serviço sub-urbano, intercidades, regionais e inter-regionais, estimando-se que alguns milhares de pessoas possam, pelo menos, ter tido a oportunidade de ver os cartazes alusivos à data.

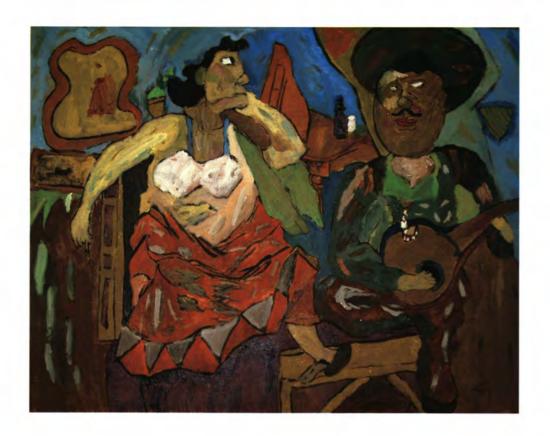
É nossa convicção, não só pela franca adesão dos alunos mas também do público em geral, que esta jornada teve um impacto significativo.

Foi gratificante observar a implicação dos alunos. Todos os materiais foram por si adquiridos e tratados, a sua disponibilidade para esclarecer dúvidas e questões que lhes eram colocadas bem como a correcta postura que adoptaram ao longo do dia são dignos de registo. Foi também muito enriquecedor observar a disponibilidade das pessoas que aderiram à proposta de diálogo/reflexão a que um grupo de jovens apelava.

Muitas pessoas ficaram a saber que o dia 3 de Dezembro é Dia Internacional

da Pessoa com Deficiência. Bastantes terão ficado mais alerta para os problemas, nomeadamente de inserção, das pessoas com deficiência.

arménio sequeiro



SEGUNDO MALHOA

PINTURA

GALERIA DO ISPA · DE 24 DE MARÇO A 12 DE ABRIL DE 2003

Autores da Oficina de Artes da AFID (Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente) com o apoio da Licenciatura em Reabilitação e Inserção Social

Em cooperação com associações de e para peficientes o ISPA colabora num alargado leque de actividades

a desenvolver durante o ano Europeu da pessoa com peficiência



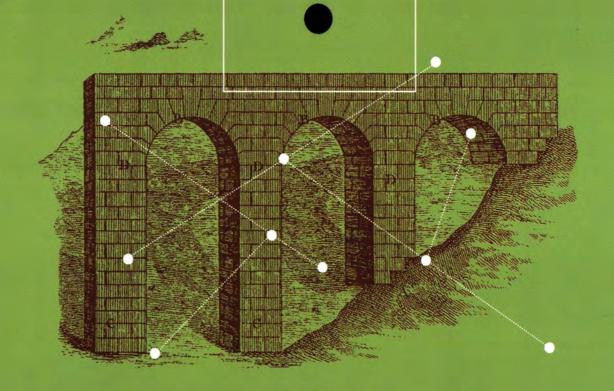
Ano Europeu da Pessoa com Deficiência

PROGRAMA ACTUALIZADO EM WWW.ISPA.PT

de estudos interculturais aziz ab' sáber CENTBO

"sonho com o dia em
que os administradores
públicos sentarão
à mesa com cientistas
de todas as áreas para
tentarem, antes de
executar determinada
obra ou projeto,
entender os impactos
de seus atos amanhã,
daqui a cinco, vinte,
cem, milhares de anos"

[Aziz Ab'sáber



científicas, em intervenções conjuntas. Interculturalidade e interdisciplinaridade ligam-se de forma fértil em projectos integrados de investigação/acção que pretendemos construir e apoiar. É na área da cooperação que podem ser cruzados os interesses científico--pedagógicos dos investigadores com as reais necessidades das populações, contribuindo para a melhoria das suas condições de vida e deixando no conhecimento local meios de continuar e desenvolver o trabalho iniciado. Propomo-nos intervir nos domínios da educação, da linguística, da saúde, da religião, da economia social, da

O Centro de Estudos Interculturais
Aziz Ab´ Sáber (CEI Aziz Ab´ Sáber)
resulta da vontade de elementos do ISPA
de lançar projectos de cooperação,
privilegiando valores como a
interculturalidade e a interdisciplinaridade.
Dizer "interculturalidade" não remete para
um mundo exótico, distante na geografia
física ou na geografia dos afectos: o
"exótico" é nosso vizinho, com aspecto,
ideias e comportamento diferentes dos
nossos. A interdisciplinaridade corresponde
a uma atitude essencial na abordagem da
realidade plural e traduz-se na participação
de elementos com distintas formações

CENTRO
DE ESTUDOS
INTERCULTUBAIS
AZIZ Ab' SÓBER

ecologia e do desenvolvimento sustentável, das minorias culturais e da exclusão social, fomentando investigações, organizando e divulgando eventos que contribuam para a definição de estratégias de acção do Centro.

Uma das tarefas essenciais do CEI, nos próximos tempos, consistirá na exploração de vias de financiamento.

Ao promovermos a integração do CEI no

quotidiano dos docentes, dos funcionários e dos alunos do I.S.P.A., pretendemos que ele seja um local de efectiva troca de ideias, de esclarecimento e de discussão de temas com reconhecida relevância social.

"cooperação, parcerias e pesenvolvimento sustentável"

A definição das iniciativas a privilegiar nestes primeiros tempos de vida do CEI exigia, aos olhos dos seus membros, a necessidade de esclarecimento quanto a áreas de intervenção e a políticas de financiamento de projectos de cooperação. Com o objectivo de nos informarmos sobre esses aspectos, convidámos o Dr. António Cabral, licenciado em Gestão e Organização, director de equipas no terreno de uma ONG britânica, para fazer uma conferência no ISPA e participar numa sessão de trabalho com os membros do CEI. A conferência, aberta a docentes e funcionários do ISPA que se inscrevessem, decorreu no dia 6 de Janeiro, de manhã, e teve por tema "Cooperação, Parcerias e Desenvolvimento Sustentável". A comunicação do Dr. António Cabral iniciou-se por algumas questões que ele colocou de forma sintética:

- I Cooperação: Porquê? Com quem? Como?
 Qual é o valor acrescentado do CEI?
- II Parcerias: Porquê? Com quem? Como? Qual é o valor acrescentado do CEI?

O autor da comunicação comentou as questões, justificando a sua escolha como base de trabalho, as quais foram debatidas durante a conferência e constituíram o centro da discussão na sessão de trabalho, que decorreu à tarde, na sala do CEI. A propósito da ONG, cujos projectos na África Ocidental e junto aos Grandes Lagos são dirigidos por António Cabral, foi por ele apresentado - a par de informação sobre as taxas de incidência de HIV-Sida em vários países de África, com expressão surpreendente para os presentes - um projecto que orientou, no qual participou e que decorreu na Serra Leoa. Esse



projecto, de recuperação e reintegração de crianças afectadas pela guerra civil naquele país, foi sendo esclarecido ao longo da exposição, quanto ao objectivo global, aos objectivos específicos, às várias actividades projectadas e desenvolvidas, aos resultados esperados, aos indicadores de progresso, aos meios de verificação e à avaliação. A análise desse projecto foi pretexto, ou fio condutor, para o António Cabral discorrer sobre as incidências de um projecto no terreno e a relevância de um trabalho de cooperação deixar, no terreno da intervenção, pessoas capacitadas para rentabilizar o trabalho efectuado e dar-lhe

continuidade para além do momento da partida dos membros da ONG. Estes e outros temas foram desenvolvidos na sessão de trabalho, à tarde, e o António Cabral foi interpelado pelos membros do CEI a propósito de aspectos relacionados com a cooperação e sobre a forma como poderiam ser rentabilizados, para projectos de cooperação, os interesses, a experiência e as capacidades dos membros do Centro. O balanco feito pelos membros do CEI foi muito positivo. O António Cabral manifestou toda a sua disponibilidade para manter contacto com o CEI e facultar informação relevante para o Centro, deixou material importante, questões para serem debatidas e sugestões de caminhos para que o CEI, dentro de poucos anos, tenha uma filosofia de acção bem definida, um conhecimento aprofundado das vias de financiamento e um planeamento claro de estratégias de intervenção.

Há muito caminho por fazer até que o CEI faça parte, como agente e parceiro reconhecido, do exigente e competitivo mundo da cooperação. A iniciativa que escolhemos como a primeira envolvendo um elemento exterior ao CEI, destinada a esclarecer alguns aspectos essenciais sobre os quais nos interrogávamos, revelou-se acertada e produtiva.

Acreditando que fizemos boas escolhas, mãos à obra...

CONTACTOS:

Secretariado: Dr^a Maiana Freire Telefone: 218 811 706 (directo) 218 811 700 (ext. 223)

E-mail: cei@ispa.pt

O Conselho Pedagógico, em conjunto com o Conselho Científico e o Conselho Directivo, é um dos 3 órgãos estruturantes do funcionamento de uma instituição de ensino superior:

O Conselho Pedagógico do ISPA é constituído por 6 representantes dos docentes (4 efectivos e dois suplentes) e igual número de representantes dos estudantes das três licenciaturas. Este órgão tem como principais competências avaliar e deliberar sobre a dinâmica pedagógica da instituição, nomeadamente no que se refere:

- à sua orientação pedagógica,
- aos métodos de ensino e aprendizagem,
- aos regimes de avaliação,
- ao desempenho pedagógico dos docentes e
- a questões relativas à relação professor - aluno.

Como consequência, grande parte da sua actividade regular consiste em deliberar sobre recursos que neste âmbito são submetidos à sua apreciação. Outras tarefas sistemáticas, isto é, independentes de programas específicos de cada mandato, dizem respeito, entre outras, à elaboração/actualização das normas pedagógicas e do regulamento específico das monografias e à aprovação do calendário escolar, das frequências e exames.

Todas estas competências exigem

uma constante articulação com outras

DEDAGÓGICO: PEDAGÓGICO: QUEM SOMOS E O QUE FAZEMOS



pessoas, órgãos e serviços da instituição, particularmente - o Director e Subdirectores, as Coordenações de Área e das Licenciaturas, a Administração Pedagógica, a Associação de Estudantes, a Comissão Cultural, os Servicos de Edição e Audiovisuais, etc. A actual equipa do Conselho Pedagógico é composta pelo Professor Dr. Luís Silva Pereira (Presidente), Dr. Francisco Peixoto, Dra. Marta Guerreiro, Dr. Pedro Almeida (membros efectivos) e pelos Drs. Maria João Gouveia e José Castro Silva (suplentes). Os estudantes são representados pelos alunos Diogo Silva (Reabilitação e Inserção Social), Cátia Sequeira e Sara Messias (Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental), e Marta Sancho (Psicologia) como membros efectivos, e como suplentes Cristina Santos e Karen Teixeira (DCSM), Claudia Moura (RIS) e Rita Raimundo (Psicologia).

Esta equipa foi eleita em Dezembro de 2001, para o exercício do mandato no biénio 2001-2003, com base em 4 grandes objectivos programáticos:

- I Contribuir para a melhoria das condições de atendimento e apoio aos alunos.
- Apoiar e fomentar a formação pedagógica dos docentes.
- Favorecer a reflexão intra e interinstitucional sobre ciência, pedagogia e investigação.
- 4 Optimizar a articulação entre o Conselho Pedagógico e os outros órgãos e serviços da instituição.

Tendo em conta a prossecução destes objectivos, considerou-se útil estruturar internamente o Conselho Pedagógico (CP) em 4 Comissões. Cada uma destas comissões tem composição mista, de alunos e docentes, e desenvolve trabalho regular, de forma autónoma, no sentido de cumprir os objectivos específicos do seu programa de actividades. O resultado deste trabalho é depois apreciado e sujeito a aprovação nas reuniões do Plenário do CP. Assim, e no âmbito destas Comissões. têm vindo a ser realizadas um conjunto de actividades específicas que de algum modo, resumem o trabalho até agora desenvolvido por esta equipa do CP, no actual mandato.

COMISSÃO DE ATENDIMENTO E APOIO AOS ALUNOS

A actividade regular, semanal, desta comissão assenta no atendimento de alunos e professores para o esclarecimento de dúvidas ou reencaminhamento de processos para apreciação no Plenário. O horário de atendimento da comissão é às Sextas-feiras, das 11:30 às 12:30 e deve ser previamente marcado no secretariado do CP. Anualmente é organizado por este grupo um encontro com os delegados das turmas das 3 licenciaturas, tendo em vista auscultá-los sobre as principais questões pedagógicas que considerem pertinentes submeter ao conhecimento deste órgão. Esta reunião, que conta com a presença do Presidente do CP, é um momento importante de avaliação do funcionamento da escola neste domínio, permitindo a identificação de problemáticas que exigem a tomada de posição ou o desenvolvimento de trabalho deste Conselho. Este grupo de trabalho foi ainda o responsável pela organização da Sessão de Abertura do ano lectivo, de que vos demos conta no último número da SER,

e que este ano teve um sucesso assinalável se o medirmos pela forte presença e envolvimento de alunos, docentes e funcionários nas actividades que implementou.

COMISSÃO PARA A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E OUALIDADE DE ENSINO

Esta comissão tem em curso um estudo das percepções dos alunos e docentes sobre o funcionamento pedagógico das disciplinas ministradas nas três licenciaturas existentes no ISPA. Até ao momento, foram construídos os instrumentos de recolha de dados e está a ser desenvolvido o processo logístico para a sua aplicação ainda no decurso deste ano lectivo.

Os resultados, devidamente enquadrados, serão divulgados junto dos docentes

e utilizados para o desenvolvimento de propostas de formação pedagógica em áreas que emirjam como mais relevantes ou prioritárias.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

No âmbito da Comissão de Avaliação, tiveram lugar várias reuniões com as Coordenações de área da licenciatura em Psicologia e a Coordenação das licenciaturas em Desenvolvimento Comunitário e Reabilitação, tendo em vista a reformulação das normas específicas que regulam o funcionamento da cadeira de seminário de monografia. O produto desse trabalho

entrará em vigor no próximo ano lectivo. No decurso deste ano, dever-se-á aínda completar este trabalho, com a elaboração de um conjunto de critérios comuns de avaliação das monografias, critérios esses que contribuam para uma maior equidade na avaliação desta disciplina intra e inter-áreas, sem que se negligencie a diversidade desejável da natureza dos trabalhos produzidos.

Está também em curso, no âmbito desta comissão, a produção de um documento de trabalho que procure contribuir para a definição do perfil do licenciado em Psicologia. O objectivo é que o documento produzido possa constituir-se como ponto de partida para uma discussão posterior alargada a outros interlocutores relevantes no ISPA.

COMISSÃO PERMANENTE

Por último mas não menos importante, a Comissão Permanente do CP, reúne quinzenalmente, e tem o trabalho de apreciar e deliberar sobre os requerimentos apresentados ao CP ou outras problemáticas que exijam uma resposta célere, permitindo libertar o Plenário para tarefas de maior relevância e para as quais seja importante a contribuição de todos os membros deste Conselho. O Plenário do Conselho Pedagógico, no qual estão presentes todos os membros do CP, reúne mensalmente. Nela se debatem os problemas pedagógicos que mais afectam as pessoas que trabalham nesta escola, se realizam as tarefas da sua competência definidas nos estatutos da instituição e se planeiam acções futuras tendentes a melhorar as condições pedagógicas da docência no ISPA.



I" ENCONTBO: MIGRAÇÃO E SAÚDE - QUE PERCUBSOS?

Organizado pela Associação Portuguesa de Psicologia e Psiguiatria Transcultural (APPPT) e pelo Núcleo de Psiguiatria Transcultural do Hospital Miguel Bombarda, decorreu nas instalações deste último, no passado dia 7 de Dezembro. Foi realmente um encontro em pleno. de pessoas de diferentes formações profissionais e culturais, de saberes oriundos de diversas áreas académicas, de experiências da praxis variadas, das incertezas da forma de estar com o outro, tudo isto traduzido nas apresentações, na participação e nos diálogos estabelecidos, no modo de nos darmos a conhecer uns aos outros, nós os que investimos tempo, interesse. esforço, no mundo da saúde dos migrantes e minorias étnicas.

Aconteceram três mesas neste encontro e, em cada uma colocava-se uma pergunta, subentendendo-se que os apresentadores dariam achegas que permitiriam encontrar algumas respostas a essas questões.

Elas eram:

- I Que respostas dos serviços de saúde?
- 2 Que apoios e estruturas na comunidade?
- 3 Que formação e investigação?

Os apresentadores transmitiram conhecimentos e opiniões e o debate estabeleceu-se com significativa participação da assistência.

Deixando aqui alguns excertos, somente de um dos intervenientes, em cada uma das três mesas, passamos a mencionar. Na 1ª mesa a Dr.ª Tersa Gomes, médica de família do centro de saúde da Amadora-Damaia, falou da sua experiência. acompanhando o discurso com imagens de referenciais históricos, artísticos e paisagísticos, permitindo um olhar suave sob uma realidade agreste. O centro, implantado numa zona de aglomeração de populações africanas, particularmente cabo-verdianas, tem uma baixa procura de cuidados. Os números falam por si: apenas existem 84 fichas de pessoas imigrantes. Importa conhecer as razões que motivam esta situação, bem como ter uma informação demográfica, epidemiológica e cultural sobre as populações imigrantes, para planear e desenvolver cuidados de saúde. Identificar e estabelecer prioridades é uma outra meta a atingir.

Na 2º mesa a Dr.ª Patrícia Carter, psicóloga clínica trabalhando como directora técnica

da instituição "Pais Cool", apresentou o projecto intitulado "Diálogos". Este projecto tem como objectivo a promoção da saúde e prevenção de comportamentos de risco, visando trabalhar com os pais (imigrantes e emigrantes) e com os encarregados de educação, de modo a desenvolver redes de interajuda. Levar os pais a recuperar as histórias de vida da adolescência, as próprias memórias, aproximando-os de idênticas situações vividas pelos filhos, distorcidas agora por um enquadramento social que se alterou.

Ao longo dos anos têm surgido na comunidade estruturas capazes de intervir e apoiar as populações migrantes. Contudo a falta de articulação e de conhecimento entre as diversas instituições não permite que a mais valia existente seja utilizada sempre que necessário.

Na 3ª mesa o Prof. Doutor Rui Mota Cardoso, da Faculdade Medicina da Universidade do Porto, na linguagem que lhe é peculiar e que prende a atenção dos ouvintes, abordou alguns aspectos da investigação e prática clínica nesta área. A atribuição de significados por parte do indivíduo, ao estado de saúde e de doença, tem a ver com os significantes em que os outros, o seu mundo, e ele mesmo participam. Na prática clínica mencionou as dificuldades na comunicação e na descodificação de termos utilizados dando alguns exemplos. A teoria da doença e as formas de reagir à doenca são também culturalmente influenciadas, bem com aquilo que é considerado doença ou saúde. Até ao presente, esta temática não foi incluída nos currículos académicos de cursos onde deveria ser abordada. A formação post-graduada ainda tem uma dimensão reduzida. O trabalho de investigação a realizar

é imenso e a colaboração de equipas transdisciplinares é da maior importância. Nas três mesas participaram outras pessoas além das mencionadas, destacando os colaboradores do ISPA, Professores Doutores Luís Silva Pereira e Carlos Simões. O primeiro abordou a antropologia da doença na investigação realizada no Chile com a população Mapuche. O segundo, questionou a formação na actualidade, enfatizando o modelo de formação em transculturalidade.

Fechando os trabalhos a Dr.ª Ines Silva Dias fez uma súmula do percurso do encontro, referindo que há que aprender a viver com a diferença, com as pessoas diferentes, contribuindo para a igualdade na desigualdade. Desigualdade que passa, citando um dos apresentadores, pelo desenraizamento, o isolamento, a ameaça, a frustração, a opressão, o luto, a humilhação, a dor, o sofrimento moral.

23

o



prevenção de conflitos

Prevenir o aparecimento de conflitos, quer ao nível interpessoal, quer internacional, é um dos maiores desafios deste século. Para o efeito, é necessário um esforço multifacetado consistente, vontade política e compromissos a longo prazo. A meta de uma paz duradoura implica uma inversão da tendência actual em que o conflito é a regra em vez da excepção. No dia 9 de Dezembro de 2002, por ocasião do lançamento em Portugal do livro da autoria de Graça Almeida Rodrigues em parceria com Hearther Wharton, realizou-se no ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada) uma conferência organizada pela OIKOS, organização não governamental de cooperação para o desenvolvimento, com o titulo "A participação da sociedade civil na prevenção de conflitos", tema de grande interesse no panorama actual. A validade da prevenção de conflitos para a disciplina da Psicologia é reconhecida e transversal às suas diversas áreas. nomeadamente: clínica (conflitos pessoais); família (conflitos conjugais, parentais, familiares); educação (conflitos no contexto escolar); organizações (conflitos laborais); comunitária (conflitos entre grupos);

e social (conflitos entre grupos sociais, nacionalidades), entre outras.
Estiveram presentes: Heather Wharton, em representação do Pearson Peace Keeping Center, organização canadiana que lecciona cursos de formação em operações de paz; Graça Almeida Rodrigues, professora da Universidade Nova de Lisboa, autora do livro "Nationbuilding in East Timor"; e Rui Ângelo, psicólogo e investigador sobre a temática da prevenção de conflitos e da sua importância para a construção

de uma sociedade mais responsável.

Hearther Wharton apresentou

detalhadamente a organização a que

pertence, dando a conhecer todos

os cursos de formação que tem na área

de Prevenção de Conflitos. Apresentou

também, através de imagens, diversas

situações de conflito que se têm vivido

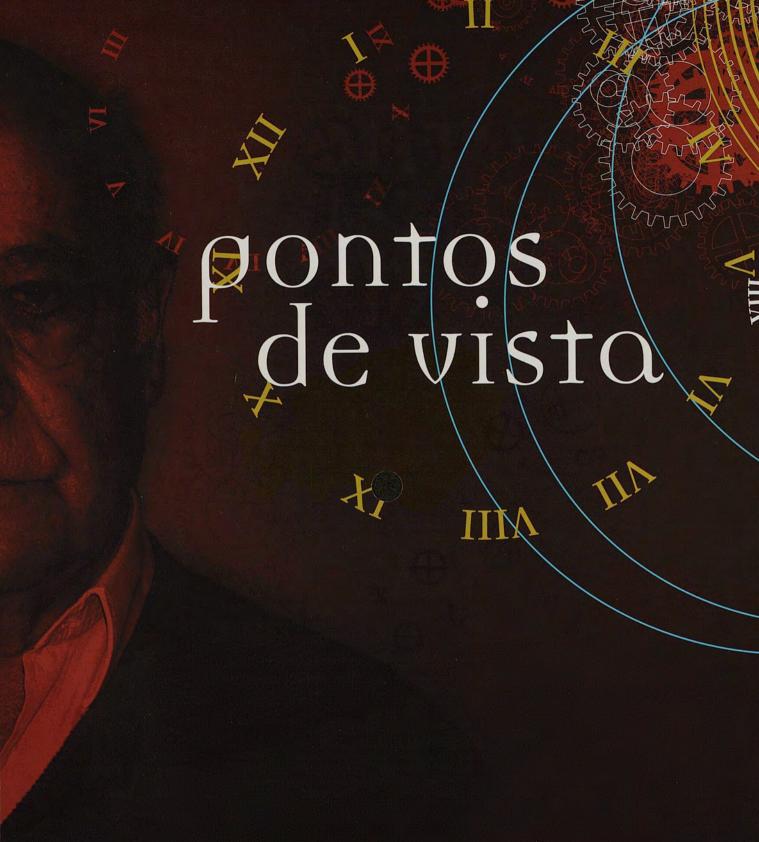
no mundo.

A professora Graça Rodrigues fez uma breve apresentação do seu novo livro dedicado aos problemas da reconstrução de Timor.

Seguiu-se um debate no qual se reconheceu a responsabilidade que cada um de nós tem na sociedade onde vive, no sentido de a tornar mais justa, mais equilibrada e mais pacífica, esta missão pessoal é um dever inerente à cidadania de todos nós.

No que diz respeito ao papel específico dos psicólogos, a sua acção pode incidir não sobre a existência do conflito, mas sobre a forma como o antecipamos, as percepções e as emoções que o acompanham, e o modo como o recordamos e ultrapassamos.







Temos por ideia condutora que o ensino, sobretudo o universitário, mais que transmitir conhecimentos deve formar pensadores.

Com efeito, a ciência não se conforma em resolver problemas (isso é o território da técnica); vai mais longe, coloca questões. Não chega descobrir evidências; é preciso procurar evidências outras, ainda ocultas. Só assim se progride no saber algo, sempre renovado, da complexidade que somos e da complexidade do que nos cerca. Só assim adquirimos conhecimento sempre aprofundado e sempre extensivo, em expansão no espaço e no tempo. E para além disso, quer um conhecimento a par e passo corrigido, que se compacta num saber mais preciso e rigoroso - porque, não sendo o espaço infinito nem o tempo eterno, é desse conhecimento restrito (que não restritivo), claro e utilizável que necessitamos.

Mas para que assim seja, só uma constante indagação e viva curiosidade nos impedem de adormecer sobre o saber feito; reflectindo sobre o que julgamos saber, para arejar as ideias e oxigenar a mente que as fabrica e transforma.

2

Então, saber é interrogar-se; sabermos mais, dialogar com outros saberes.

É a humildade do cientista, fonte da sua sabedoria. Sabe que pouco sabe, e por isso investiga; sabe que outros sabem, e por isso dialoga.

2.

E não é só aprender com os mestres e discutir com os pares. Muito e muito se aprende com quem sabe menos e faz perguntas ingénuas - a mor das vezes, as mais inteligentes, porque não saturadas por conhecimento prévio, mais abertas à inovação do pensamento.

É para isso que pensamos: para criar ideias novas. E se há infinito, é no mundo do pensamento; e se há eternidade, é porque somos os criadores do mundo de cultura.

2.2

Ensinar é, assim, aprender com os alunos. Pois só existe um saber autêntico - aquele que está vivo, isto é, em transformação contínua; e o principal agente transformador é a virgindade interrogante da ignorância.

Só pergunta quem tem dúvidas; mas é a dúvida que me faz

reflectir, sair do saber formatado - necessariamente decadente pela degradação entrópica da notação arquivada.

2.3

Transmitir conhecimentos é repetir saberes duvidosos, corroldos pelo tempo de existência parada. O que transmito de melhor é o que ainda não sei mas estou a investigar.

Ensinar não é, portanto, debitar conhecimentos. É, sim, ensinar a pensar - o que é *pensar com*, pensar com o outro -, reflectir em face do outro, estimular a levantar questões, propor caminhos de pesquisa.

3

Numa Universidade, não devemos formar técnicos mas investigadores.

Em qualquer escola, não interessa habilitar peritos, mas criar/ recriar pessoas que pensem.

4

Estudar não é memorizar, mas meditar. Meditar sobre o que se aprendeu - o conhecido mas ainda não suficientemente pensado.

4.1

O conhecimento começa pelo que - que é isto; pela observação e descrição: fase descritiva, fenomenológica da ciência.

Envereda pelo como - como é que isto é: fase de análise, estudo das partes e da articulação das partes entre si. Passando, de seguida, para

a sintese integradora.

Mas resta ainda o *porquê*: fase experimental das ciências, de certificação das causas.

E por último, o para que: questionamento filosófico do para quê, mas não só; também indagação da finalidade - não como causa última ou princípio teleológico, mas para descoberta da regra que conduz ao resultado: teleonomia, a norma do percurso para a finalidade; para que aconteça o requerido.

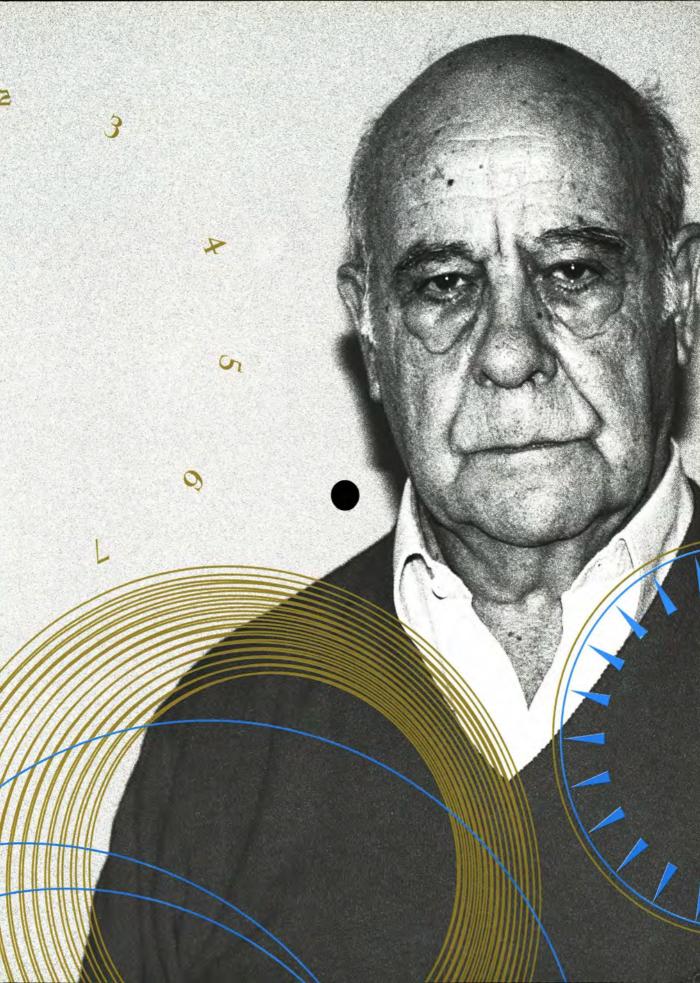
4.2

O conhecimento que aqui e agora importa relevar incide sobre estes dois últimos aspectos: o porquê, conhecimento etiológico, das causas - o conhecimento-objecto; e o para que, o conhecimento da finalidade previsível e/ou desejada - o conhecimento-projecto.

Para o conhecimento projecto, construimos os modelos:

28

3 4 6



esquemas operacionais ou artefactos operativos que nos possibilitam traçar ou escolher o percurso realizado ou a realizar; seja, natural ou seleccionado.

5

O desenvolvimento do ensino deve, por outro lado, processarse dentro das regras da dialética e da polémica: tese, antítese e sintese; argumento, contra-argumento e conciliação plausível (a narrativa coerente e obedecendo a critérios de razoabilidade e credibilidade - tão importante nas ciências humanas).

6

Saber formular e testar hipóteses, bem como desenhar e operacionalizar uma investigação são outros tantos conhecimentos que é preciso ensinar.

7

Porém, quero aqui sublinhar o significado e o valor da partilha da experiência emocional - com os alunos - do deslumbramento pelo acto de conhecer, do entusiasmo pela pesquisa, da beleza do pensamento claro e audaz e da verdade da dúvida subsistente - dúvida que, mais que inquietação, produz, nos espíritos fortes e fortalecidos na relação cooperativa de trabalho docente-discente, um eterno fascineo.

8

A ciência ou se faz com amor ou não se faz. Um amor de complementaridade no trabalho - e não de parasitismo ou simbiose; muito menos, na relação comensal de um comum e pasmado "amor à verdade". Verdade, diga-se, que se atingível, anestesiaria a alma e paralizava o corpo. "Verdade" essa que é, afinal, o triste e enfatuado pasto da intelectualidade pacóvia ou do extase ideológico. Um amor, sobretudo, de criação - o mais elevado patamar da relação amorosa -, olhos postos no ser a criar/recriar: o objecto epistémico, do conhecimento, que construímos e continuamente transformamos - esse objecto transformacional, que se transforma e nos transforma, vale dizer, é transformativo e transformador, criado e criador.

(

Então, podemos dizer que é o pensamento que nos cria, ao mesmo tempo que é por nos criado.

Não haverá pensamentos à procura de um pensador, como o quis Bion. Pensamentos e pensador nascem em simultâneo, da

comunhão-relação de duas mentes numa só - eu e o meu objecto interno. São o fruto - pensado e pensante - dessa íntima cópula. Penso, logo existo - disse Descartes. Existo com, logo penso - direi eu. A emoção do enlace cria o primeiro pensamento (em qualquer relação inicial): quem somos, o que fazemos, para onde vamos? Á procura da felicidade, a única razão para existir/ continuar a existir.

Se a felicidade reside no saber, somos, qualquer um de nós, aluno e mestre. E não precisamos da benção divina (nem do ISPA...).

10

Mas existe ainda o sonho e a realidade: o sonho é querer saber cada vez mais, a realidade é sabermos que continuamos a saber muito pouco.

E porque todos sonhamos e sonhar faz bem, a esperança de aprender mais alguma coisa jamais esmorecerá.

1

Mas sonhar/imaginar é construir castelos de virtualidade, à espera de actualização possível. E não é delirar ou patinar em deriva semântica.

12

Imaginar é também poder brincar/simbolizar - construir ficções e narrá-las/contar histórias; e ainda construir utopias - antevisões de um futuro melhor. Na condição de, desde que fantasia, pensamento e experiência se articulem num sistema auto-regulado e auto-regulador. Senão,

se assim não for, será o deslize semiótico e a bagunça metafórica. Um pouco de génio e outro tanto de senso, vontade quanto baste e coragem suficiente, com liberdade para mim e para o outro, compõem a receita da nossa fé em poder ensinar.

Não repetir e sempre reflectir - para fazer diferente. É a diferença que produz progresso - em revolução que se quer tranquila, para um progresso que seja sustentável.

13

As ideias, assim como os conceitos, as teorias e os próprios paradigmas, têm vida; nascem, crescem, transformam-se, definham e morrem. Outros os substituirão. É assim a evolução do pensamento; e pensamento que não evolui é pensamento estéril.

14

Só uma nota: de repúdio pelo pronto-a-pensar das crenças e ideologias.



E uma outra mais pessoal, idiossincrática:

A minha embirração quando ouço dizer "a teoria psicanalítica". Existe, isso sim, uma investigação psicanalítica, da qual deriva um conjunto de conhecimentos, inacabados e transitórios, como em qualquer ciência. Também como qualquer outra, tece as suas teorias - sempre refutáveis, sempre falsificáveis. A teoria psicanalítica é uma fé, no sentido duro do termo. Eu não sou crente.

16

Reflectir é voltar a pensar: com nova informação, de outros pontos de vista, comparando e cruzando diferentes conhecimentos e diversas experiências; construindo novos conceitos, criando novos aparelhos pensantes.

O pensamento vivo não repete; cria e recria. E se cresce em complexidade, simplifica em sínteses mais abrangentes.

O pensamento livre de preconceitos - não repetitivo - e exploratório, enquanto complica a aparência fenoménica, decanta uma mais pura essencialidade numénica. Ao parecer turvar-se pela imensidão de dados, esclarece-se na mudança de percursos. Ao dispersar-se, forma novas integrações. A caoticidade controlada pela reversão crítica de perspectivas conduz a novos cosmos.



17

Mas reversão crítica pressupõe eliminar pensamentos espúrios e de declínio entrópico. Pensar é, então, e também, eliminar pensamentos: inúteis, supérfluos, desinteressantes, inestéticos ou loucos.

18

Pensar é ainda dar repouso ao pensamento, poder parar de pensar. O sono do pensamento é necessário à revitalização da força do pensamento; um pensamento cansado é um pensamento torpe, conduzido pela inércia do já pensado.

19

Por outro lado, o sono do pensamento lógico leva ao sonho, ao pensamento do sonho; mais analógico, emocional, homogéneo e simétrico, de cadeia contínua e conjuntos infinitos. Transporta outras luzes, promove diferentes encontros: o jamais pensado e o impensável; a memória do que não foi, a

visão do impossível - a transformação do que somos, pelo realce do que poderíamos ter sido, e a possibilitação de uma pluralidade de futuros, pela fé no que podemos vir a ser.

É assim: retomando projectos em memória daquilo que, lá e outrora, desejamos ser, relançamos, aqui e agora, os movimentos então suspensos em direcção àquilo que ainda poderemos ser.

20

Transpor o sonho para a realidade, não para abafar, mas fertilizando-a com a força do desejo, é também obra do pensamento - quero dizer, sendo mais claro, da coragem de dar asas ao pensamento.

E voando sobre a realidade, faremos a única revolução que importa - a revolução das mentes.

Para o efeito, o programa é a "digitalização" do sonho - transpô-lo para o símbólico.

Com o significado codificado no significante, o desejo incarna na palavra. O pensamento será livre porque é pensamento onírico: e o pensador livre também porque gestor intencional dos seus sonhos. E dispondo do melhor e mais poderoso instrumento para pensar os pensamentos: a palavra.

2

Autor e dono da palavra, poderá ser actor competente na fala - id est, professor.

Todavia, é no silêncio do sonho que ele concebe o discurso da transmissão do saber; é

como dizer, no desejo de ensinar/transmitir as dúvidas que o assaltam, à incerteza em que se move, as interrogações que faz, as pistas de indagação que vai trilhando.

22

Será muito pouco? Direi que é o suficiente. O professor querse nem impotente nem omnipotente; mas competente, isto é, com a potência necessária e suficiente para continuar a aprender - na relação e com a experiência.

23

O sábio, esse, é - ou não é (não é sábio) -, é, dizia, um persistente e insistente aprendiz.

24

E termino com o elogio da ignorância - aquilo que mais prezo. Pela simples razão de que só quando tenho fome me apetece comer - foi das primeiras coisas que aprendi.

31

SOT

pontos de vista

32

c

psicologia da vida urbana, produção de cidade e sub-urbanização

por Luís D. Balula

o "urbanismo" não existe em si, é apenas uma ideologia. (...) o desenvolvimento do meio urbano é a domesticação capitalista do espaço.

[Ranul vancigem]

A Psicologia Ambiental e Urbana, enquanto disciplina, formalizou-se na academia americana, nomeadamente no MIT (Massachussetts Institute of Technology), em Boston, durante a década de sessenta. Num período em que se procuravam formas alternativas de conhecimento, a psicologia urbana consegue realizar a fusão entre três disciplinas até então divorciadas: a sociologia, a psicologia e a arquitectura. Este "novo" e promissor campo de investigação do comportamento humano e social, que faz simultaneamente uma crítica activa à forma de construir a cidade, constitui um instrumento privilegiado de intervenção no planeamento urbano. Em Portugal, no entanto, o desenho das novas áreas urbanas continua a ser feito sem qualquer contributo destas pesquisas. O desenvolvimento urbano em Portugal é orientado, quando muito, por planos de urbanização e de pormenor, para os quais contribuem em exclusividade algumas disciplinas, como a arquitectura, a sociologia, a geografia ou a economia. Mas estas disci-

plinas actuam de forma parcelar e são estanques entre si, cada uma preocupada com um aspecto particular da realidade urbana. Como resultado, as cidades continuam a desenvolver-se sem a preocupação de produzir bons espaços públicos e áreas urbanas de qualidade para os seus cidadãos.

A produção de espaço urbano é um processo contínuo e irreversível. Estamos a edificar nos subúrbios das velhas cidades o equivalente, em massa, a muitas outras novas cidades. Na área metropolitana de Lisboa, por exemplo, vivem já dois milhões e meio de pessoas, das

quais apenas menos de um terço vivem naquilo a que nos habituámos a chamar "cidade". A maioria vive, na verdade, em subúrbios, ou sub-urbes, ou "dormitórios", lugares onde as trocas sociais e os estímulos cognitivos se situam muito abaixo dos limiares tradicionais da urbanidade. «A urbanidade é a qualidade de uma comunidade civilizada. Caracteriza-se principalmente pela possibilidade de escolha - uma comunidade civilizada oferece aos seus cidadãos um vasto leque de alternativas de estilos de vida (...). Se avaliarmos a cidade actual pelos padrões universais de urbanidade e civilização, as conclusões são muito perturbadoras.». O carácter "suburbano" destaca-se neste panorama enquanto uma figura patológica. De que forma o ambiente sub-urbano afecta o comportamento humano? - a questão fundamental da Psicologia Ambiental e Urbana é hoje mais actual que nunca. Estamos a construir nos subúrbios das velhas cidades o equivalente, em massa, a novas cidades. Só que se trata invariavelmente

de lugares sem "alma", estéreis, feios, sem vitalidade própria e pouco estimulantes. A maioria dos novos subúrbios de Lisboa, recentemente edificados ao longo da CREL, por exemplo, ou da A5, A8 e A1, ou dos IC19 e IC 22, ou na margem sul, ao longo da A2 e A12, entre muitas outras auto-estradas, são áreas sub-urbanas extremamente simplificadas e sem qualquer das qualidades (estéticas, formais e funcionais) da cidade antiga. São sub-urbes porque não têm capacidade de gerar a diversidade e a oportunidade, a sociabilidade, as trocas e interacções que são as marcas essenciais da urbanidade. À medida que os subúrbios aumentam de massa, a cultura urbana - que até hoje distinguiu a cidade de outras formas, mais pobres, de povoamento do território - chega cada vez a um menor número de cidadãos. Nestas "urbanizações", tal como estão a ser feitas, não há, nem haverá nunca, uma cultura de cidade.

Na maioria das áreas urbanizadas das periferias das cidades, a vida apenas é possível porque outras áreas urbanas proporcionam as necessidades básicas diárias. É a cidade motorizada. Bens de consumo e produtos culturais, lugares de encontro e de lazer, encontram-se distantes da residência e são apenas atingiveis de carro ou em transportes públicos. Pior ainda, o próprio emprego exige cada vez maiores deslocações a um número cada vez maior de indivíduos, originando o conhecido e penalizador fenómeno dos movimentos pendulares. O "zonamento" das actividades urbanas. que se traduz na criação de vastas áreas

sub-urbanas exclusivamente dedicadas a um só uso; ou residencial (a "urbanização"), ou comercial (o shopping center), ou de escritórios (o office center), ou de lazer (o leisure center) tem vindo a ser, crescentemente, objecto de crítica nos círculos académicos. No entanto continua a ser o único modelo de desenvolvimento urbano utilizado na prática pelos promotores imobiliários privados e pelas autarquias. Estes poderosos agentes da urbanização têm vindo a determinar não só a distribuição dos usos no território e a forma do ambiente construído, mas também o estilo de vida das pessoas, os seus padrões de mobilidade e as próprias formas de sociabilidade.

Trata-se de um modelo de desenvolvimento urbano (ou ausência de modelo) que privilegia o uso do automóvel, pois as actividades urbanas encontram-se separadas e distantes umas das outras. A "solução" tem sido a construção de extensas redes de auto-

-estradas, que por sua vez abrem novas frentes de urbanização no território. O automóvel torna tudo acessível e conveniente. O que se tem vindo a perder é o sentido de cidadania, já que cada vez mais o único tempo passado no "espaço público" é isoladamente, a bordo de um automóvel, em deslocações entre lugares funcionalmente especializados e espacialmente segregados. A própria noção de "espaço público" começa a diluir-se e a perder o seu sentido original. As referências urbanas tradicionalmente usadas na nossa orientação espacial - a praça, a estátua, a loja-da-esquina, o jardim público, tudo componentes afectivas desse tal "espaço público" - começam a perder a sua importância simbólica. Cada vez mais, o objectivo da nossa viagem situa-se invariavelmente "no primeiro desvio depois das bombas da Shell" - o que nos dá a dimensão do empobrecimento da cidade em termos de "espaço público", tradicionalmente entendido

enquanto lugar de encontro e exercício da cidadania.

Ainda que os piores resultados sociais da actual forma de urbanizar - abandono do centro, exclusão, guetoização e criminalidade - só venham a revelar-se em toda a sua força a médio prazo, digamos mais uma geração, estamos já todos a viver as suas consequências imediatas. Três em cada cinco habitantes da Área Metropolitana de Lisboa gastam hoje, obrigatoriamente, uma média de 3 horas por dia, apenas nas suas deslocações casa-trabalho. Os cálculos são simples (3 horas x 20 dias x 11 meses = 660 horas) e contabilizam muito concretamente 41

dias úteis por ano dentro de um automóvel. Se tivessem escolha, muitos destes cidadãos sub-urbanos concerteza optariam por usar estes 41 dias, e os cerca de 4 a 5 mil euros gastos anualmente com o automóvel, numas férias tropicais. Ou melhorainda, aproveitar esse tempo no seu dia-a-dia, em verdadeiros espaços públicos, não a competir por metros lineares de asfalto com outros cidadãos nas filas de trânsito das auto-estradas, mas a socializar, a conviver e a discutir ideias com amigos. Nada disto, no entanto, está ao seu alcance. Em vez de uma mais-valia, um acréscimo de liberdade, um ganho de tempo, para a vasta maioria o automóvel constitui hoje mais uma penalizadora necessidade, mais um imposto. O dramático aumento da taxa de motorização, sempre crescente nas últimas décadas, e a consequente aceleração dos níveis de produção de monóxido de carbono são "apenas" mais um aspecto negativo do mesmo problema.

Estamos, na verdade, a edificar os subúrbios segundo padrões espaciais pouco saudáveis. As deseconomias e disfunções geradas pelo mau planeamento urbano, pela má gestão municipal, pela má qualidade do desenho urbano, pela pobreza final dos espaços urbanos produzidos, são imensas. Afectam o ambiente, a economia, a sociedade e os indivíduos. Afectam a saúde, física e mental, de milhões de pessoas. A forma como estamos a edificar as novas sub-urbes deveria ser fonte de permanente preocupação. As relações entre o ambiente urbano e o comportamento humano constituem um campo inesgotável de pesquisa. No entanto, continuamos a tratar separadamente, como se pertencessem a diferentes áreas do conhecimento, os dados recolhidos e tratados por sociológos, geógrafos e economistas, as observações clínicas realizadas por psicólogos, psiquiatras e outros médicos, e os espaços urbanos projectados por arquitectos, engenheiros e urbanistas. Entretanto, as grandes operações imobiliárias dos grupos financeiros, com maior ou menor participação do estado, prosseguem a um ritmo sem precedentes.

A contínua produção, não de cidade mas de urbanizações avulsas em Portugal obedece apenas, aparentemente, à necessidade económica de manter activo o sector da construção civil. Há falta de actores informados e com algum poder para intervir nos processos de urbanização em Portugal. Paralelamente à acção informativa dos Média, dirigida à sociedade em geral - que até um certo ponto tem sido cumprida -

cabe à Academia a obrigação científica de intervir criticamente neste processo, o que actualmente não acontece. Para tanto fazem falta unidades de pesquisa multidisciplinares e ideologicamente orientadas para uma crítica profunda do actual laisser faire urbanístico. Para tanto fazem falta investigadores e profissionais politicamente informados, mas independentes de partidos ou lobbies. Para tanto faz falta a consciência do erro e a vontade de intervir. Até se reunirem estas condições, o "urbanismo" em Portugal continuará a ser simplesmente um negócio de uns poucos, e não uma ciência ao serviço de todos. Aquilo que fica, descuidada e levianamente hipotecado por este processo de resultados irreversíveis, é o futuro da civilização urbana.





8 asso



Acerca do tempo é habitual comecar-se uma reflexão

conduzindo-a ao paradoxo e, depois, com esse novo ponto de partida paradoxal, procurar lançar bases para

uma qualquer compreensão do tempo, digamos uma tempologia. Não fugirei ao hábito e indicarei, pois, uma via muito experimentada para o paradoxo do tempo se o passado já não é, se o futuro ainda não é, então a haver alguma coisa que seja no tempo seria o presente; infelizmente, também este não chega a ser senão uma ficção de tempo, compressão comparável a um infinitesimal, ponto adimensional. E assim se volatilizaria o ser do tempo, a não ser que nos decidamos, como também é hábito na tradição filosófica, por uma sua apresentação pelo anverso - então, já não perguntaremos que ente é o tempo, como que pretendendo distingui-lo, ainda enquanto coisa do mundo, das restantes coisas do mundo, mas, mais a fundo, como pode o tempo não ser um ente e, ainda assim, de algum modo ser. E se prosseguirmos

que é um ente, sobre a sua "enteidade". A este respeito é conhecida a resposta de Kant na sua Crítica da Razão Pura - o tempo não é um dado na intuição sensivel ao lado de outros, antes é condição de possibilidade, forma de qualquer intuição sensível. Mas de certo modo, afirma Derrida no seu estudo "Ousia et Grammé" em Margens da Filosofia (Marges de la Philosophie), Kant com a sua revolução copernicana não terá feito mais do que repetir uma ruptura que pretensamente alcançaria uma resolução para o paradoxo do tempo pela postulação de uma dualidade de instâncias - seja a kantiana do transcendental e do constituído, seja a aristotélica da potência e a do acto, seja a bergsoniana do temps e da durée, seja, pois, uma dialéctica de contrários hegeliana. Mas, indaga Derrida, não será este movimento, sempre repetido, apenas um desenlace aparente da aporia, limitando-se a distribuí-la em duas instâncias elas mesmas não menos aporéticas? Ao fim e ao cabo, quando se pretende resolver o aporético numa dialéctica de contrários, não se estará simplesmente a reenviar a aporia para os termos que a propõem resolver, não será por isso mesmo que dizemos desses termos serem termos, apesar de tudo, contrários? E isto desde a filosofia grega, logo no livro IV da Física de Aristóteles?

esta investigação paradoxal um pouco mais, depressa se verifica que a pergunta pelo tempo pressupõe, e arrisca

estar circularmente pressuposta, na questão sobre o

aquela outra que fazemos vulgarmente entre o tempo objectivo dos relógios e o tempo subjectivo dos estados de alma. Ambos estes são experimentados, objectiva ou subjectivamente, e se os discriminamos é porque há um problema em torno da objectividade da minha experiência, mas esse não é distintivamente o problema do tempo. Por exemplo, se se verifica que um relógio em movimento avanca 1/(1- v²/c²)⁻¹ segundos mais devagar que um relógio em repouso (de acordo com a teoria da relatividade restrita) ou se em estados de ansiedade o tempo demora-se bem mais do que em estados de atenção estes são ambos tempos experimentados. Por que razão são tempo, esse é um problema a montante e só esse aqui nos interessa. II

Note-se bem que a estas dualidades não corresponde

Recomecemos. Se falamos de espaço é porque o abstraímos das coisas, elas estão em algum lado, elas ocupam algum espaço. Paralelamente, dizemos que elas estão em algum momento, elas duram algum tempo.

Mas se abstraímos o tempo das coisas, isso quer dizer que o que quer que seja o tempo está dependente do que sejam essas coisas de que o abstraímos? Já Santo Agostinho, nas suas Confissões, se interrogava como seria o tempo se fosse outro o movimento do Sol. Porque medimos o tempo em função do que sucede temporalmente no mundo, então respondemos a Agostinho que sim, que faz diferença quanto à medida do tempo. Mas esta resposta só vale se houver outros modos de medir o tempo, pois, se não, de que se faria a diferença? Por exemplo, num mundo onde tudo sucedesse como no nosso, porém tudo exactamente um tanto mais acelerado, aí já não faria diferença alguma à medida do tempo - verifico aí que meço dias acelerados em segundos acelerados, mas meço os mesmos segundos num dia. Mais radicalmente: já não se trata de reconhecer que medimos o tempo pela relação entre acontecimentos, mas que essa relação é o próprio tempo. Com efeito, se digo que meço os mesmos segundos apressados no mesmo dia apressado, onde pára a pressa? Só a testemunharei se a puder confrontar com o tempo do mundo original, ou seja, num mesmo tempo. Mas se já não dispuser desse mundo original, então no novo mundo o que encontro. por mais paradoxal que pareça, é justamente o tempo desse mundo de que já não disponho. A verdade é que



entre um simples tempo e a sua versão rigorosamente apressada apenas a contingência de uma falta de rigor encapotada permitiria fazer diferença. Perguntar-se-á pelo tempo que ficou como resto, mas isso que sobrou não vale senão como ilusão substancial. Na verdade, se levarmos o apressamento a um limite para o infinito então nenhum tempo restará ontologicamente e, no entanto, o tempo permanecerá lá todo. Do mesmo modo, escusado seria dizer, um tempo abrandado não ganha tempo, não o pede de empréstimo. Note-se, pois, que a ilusão, longe de estar na realidade dos acontecimentos do mundo, reside na ideia de que o tempo esteja como que aquém dos acontecimentos, como seu referencial último. Não há mais aporicidade no tempo do que no simples acontecer - e havendo um problema no acontecer, o equívoco maior será pensar dar-lhe o nome "tempo" e assim resolvê-lo. É que nem os nomes que damos aos problemas valem efectivamente como suas resoluções, nem, em particular, o tempo pode explicar, a não ser em flagrante petição de princípio, o simples acontecer. Isto para dizer, portanto, que é o acontecer que explica o tempo, e não o inverso, mesmo que para o acontecer, para o simples acontecer não encontremos nenhum explanans.



A nossa experiência do tempo, que experimentamos nas coisas, depende obviamente de um sujeito de experiência, que existe no tempo, mas não só: é ele mesmo temporalidade. Tal qual como o paradoxo do tempo, a respeito da nossa identidade confrontamo-nos com a perplexidade de já não sermos o que fomos, ainda não sermos o que seremos e, acerca do que somos agora, arriscarmo-nos a desaparecer como uma ficção de ponto infinitesimal. Para escapar a esta lógica anuladora, há que afirmar que somos de uma certa maneira que Sartre dizia ser diaspórica, ou uma distensio como dizia Agostinho. Em suma, somo-nos temporalmente, ek-stasis. Aliás, mais do que seres passivamente temporais - ao fim e ao cabo acontece

O ACONTECEF DO TEMDO





sermos -, possuímos a extraordinária particularidade de produzirmos temporalidade. Fenomenologicamente, a consciência do passado não ocorre a não ser como reprodução de uma consciência passada, ou seja, como reprodução de um fluxo temporal. Eu não recordo as coisas, eu recordo a consciência temporal que mas apresentou; eu não recordo o teu rosto, recordo o gesto expressivo que traz o teu rosto. Por outras vias, nos termos de uma apreciável vantagem adaptativa, é também possível pensar a consciência como um artificio que a natureza nos incutiu por forma a que não estejamos limitados aos acontecimentos do mundo e nos possamos dar outros ou até os mesmos novamente. Somos assim pensáveis como um dispositivo de produção de realidade. Indo um pouco mais longe, talvez a forma geral da aparição reproduza a forma geral dos acontecimentos.

Nesta espantosa capacidade de tornar presença, uma vez mais, o presente passado e de experimentar um possível presente futuro, assinale-se que aí reside já o ponto donde se lança o olhar da eternidade - um fora do tempo, que é sobre o tempo. Não teriamos alguma vez inventado a eternidade se não a conhecêssemos de algum modo. Por exemplo, nenhuma antevisão será completa se não se antever a sí mesma, antevisão que antevê, antevisão antevista e isto num regresso que só não é ao infinito se apelar à eternidade. Ou então, uma história do mundo que só será completa se houver dessa história também uma história e assim sucessivamente numa progressão infinita até à eternidade.



Mas em nada disto está implicada uma dependência do tempo relativamente a um sujeito de experiência. É, pois, absolutamente conveniente discernir entre tempo e temporalidade - esta não pode ser entendida como a essência do tempo, aquilo sem o qual o tempo não sería tempo, mas, bem diversamente, como aquilo sem o qual não haveria experiência do tempo, vivência do tempo, do fluxo





da própria consciência. Quando se chama a atenção para o facto de o passado ser passado face a um presente, o futuro ser futuro de um presente, e o presente ser presença a um sujeito de experiência reportamo-nos à temporalidade, mas não directamente ao tempo. Não há um vínculo patente entre presença e tempo, mas apenas entre presença e temporalidade.

A questão que fica, então, é a de saber se se pode pensar um tempo sem presença, ou seja, um passado, um presente e um futuro que não estejam desde logo referidos a uma instância de presença, chamemo-lhe consciência, pour-soi ou Dasein. Se tal não pudesse ser feito, das duas uma, ou ter-se-ia de postular um sujeito universal do tempo, uma consciência extra-humana do mundo, uma espécie de Deus-testemunha, ou ter-se-ia de desistir da nossa crença de que há um tempo do mundo. Se sim, se crermos que tal pode ser feito, e se não quisermos ficar por uma declaração de princípio, generosa mas sem justificação, então ter-se-á de tentar responder à pergunta "como?"

Não possuo nenhuma resposta definitiva, mas, entretanto, posso dizer que à recusa de um vínculo entre o momento presente do tempo e uma instância de presença, acresce ainda que não há razão nenhuma para estabelecer um vínculo entre presente e tempo. Num mundo em que nada sucedesse, em que as coisas estivessem todas lá presentes, mas absolutamente imóveis, que poderia ser o tempo? As coisas não duram se não durarem relativamente a algo que muda. Se absolutamente nada muda, então absolutamente nada dura. E se digo que as coisas não duram a não ser em relação a algo que muda, também devo dizer que as coisas não mudam a não ser em relação a algo que dura. Mudasse absolutamente tudo e absolutamente da mesma forma - como se diferenciariam aí um antes e um depois? Não basta, pois, um estar presente para que se instale no mundo o tempo, o antes e o depois; também não basta um acontecer para que o tempo venha ao mundo. Estes são, em termos lógicos, condições necessárias mas não suficientes. O que precisa, então, suceder ao mundo para que dele se diga ser um mundo com tempo? A minha resposta, mais proposta do que definitiva, é a seguinte: falta que haja durar e mudar, definidos um pelo outro como diferença entre um acontecer e um não-acontecer - o durar como não-acontecer sobre um fundo de acontecer; o mudar como acontecer sobre um fundo de não-acontecer. Aparte o jogo de perspectivas que distingue o mudar do durar, julgo ter já o bastante para sugerir o que seja o tempo: onde um acontecer e um não-acontecer fizerem diferença, eis o tempo. Altissonantemente: Quando acontece o acontecer divergir do não-acontecer - eis quando há quando, eis quando há tempo.

Ir mais além, perguntar sobre o que seja o futuro em si e o passado em si, fora das nossas mentes, fora da capacidade de reproduzir um e projectar outro, perguntar sobre o que seja o simples acontecer, ou posto de outro forma, perguntar por que sucede alguma coisa em vez de nada, a tudo isso duvido que haja metafísica que nos responda. É que só conseguimos pensar a partir do que de algum modo já conhecemos, donde se poder afirmar que o tempo se explica pelo acontecer, como diferença para um não-acontecer. Mas remontar ao que explique o próprio acontecer, mesmo o mais simples acontecer que concebamos, esse é um ponto limite no qual já só nos confrontamos com o nada. Simplesmente, também esse já não era o problema do tempo.







dificuldade é microscópica. A luz não ajuda.

Os clientes dizem-me que a loja está cada vez mais suja, que não é possível trabalhar com rolos de cotão deambulando pelas mesas como gatinhos, os clientes que só se mantêm fiéis porque a minha tabela de preços é tão antiga quanto eles o são. Não posso ter uma empregada de limpeza - replico - não posso ter uma senhora de plumas de avestruz na mão a estragar-me meses de trabalho com uma espanadela ruminada à pressa.

A dificuldade é antiga.

O meu pai ensinou-me tudo o que sabia. O meu avô tinha mãos de cirurgião e olhos de pombo. Eu carrego alguns genes bondosos e medo de fazer outra coisa. O trabalho é como um par de tamancos que se lega de mãe para filha: por mais desconfortável que seja, não há coragem para mostrar as feridas nos pés. Um cambalear ocasional, que se atribuí à diferença de tamanho entre dois membros rigorosamente idênticos, é o único indício de descontentamento. Ainda assim, não há corpos perfeitos e a mentira passa de barriga em barriga.

Não desgosto os relógios. Fascina-me saber que há coisas que, quando mexem para a esquerda, obrigam outras coisas a mexerem-se para a direita e estas últimas forçam pequenos gravetos de metal a percorrer distâncias milimétricas numa cadência monocórdica de barítono deprimido. Aprendi a amar alguns tipos de metais, algumas marcas específicas de engrenagens, aprendi a soldar e a desviar átomos com a ponta da pinça. Todo a minha vida está prenhe de rolamentos minúsculos e cheiro de cobre. Não tenho filhos, nem mulher. Quando morrer serei enterrado com uns tamancos cor-de-caixão. Ninguém verá as chagas nos pés.

A dificuldade é parar.

Quando se é relojoeiro parece que o tempo dá para tudo. É um manto cinzento, estendido, que se prolonga espaço

fora e que salpica tudo de tiquetaques sincronizados. Quando se é relojoeiro tem que se cumprir os prazos. Ninguém confia num relojoeiro que se atrasa, independentemente do valor da desculpa ofertada. A mãe pode estar a galgar a linha da meta, o pai ou sobrinho podem ter tido um acidente grave. O que importa é que haja alguém cuja função seja a de compor uma sinfonia pela qual todos os passos possam ser dados com segurança. É preciso um maestro. Um alquimista da simultaneidade. Eu.

Um relojoeiro não se cansa, um relojoeiro não se desconcentra. Um relojoeiro é um apêndice do tempo e, desde logo, está fora dele. Contempla-o, encaixa as suas peças como se brincasse com Legos e devolve às pessoas a possibilidade de falhar um compromisso. Caso eu não existisse, não haveria atrasos, nem ocasião. Somente a visão do sol e das rugas faciais para saber que a vida não tem buracos e que, quando os tem, não tem vida. Eu sou o alicerce e as estacas. Quando morrer

e levar comigo os tamancos

serei homenageado com uma estátua ou uma rua com o meu nome. Quando eu morrer todas as coisas serão engolidas no silêncio dos relógios comatosos. Deixará de haver emprego, leis, férias. Tudo será um único bolo confuso de noite e dia se revezando.

O problema é sincrónico.

À noite cumpro o meu ritual privado. Desço as escadas, bebo meio copo de leite morno e começo a dar corda aos bichos. Cada um dos relógios - de parede, de pulso, de bolso - tem um grunhido diferente. Tento compor o ramalhete. Paro todos os relógios. Menos um. Depois tento acertá-los mentalmente, com as engrenagens bloqueadas, para que, quando for hora, conseguir que todos batam os segundos no mesmo instante. São centenas de músicos aspirantes a solistas. Mas eu quero uma orquestra, uma filarmónica de cronos que esteja em sincronia com o meu espaço interior, que cumpra as regras do bater do meu coração.



Todas as noites dou voltas pelas bancadas, esgueiro--me por debaixo das cadeiras e penduro-me no escadote para que sinta, uma única vez apenas, a simultaneidade original. O meu avô disse-me

quando eu tinha tempo, antes de saber que o tinha,

que Deus não criou o mundo em sete dias, que toda a história da génese originária era um paliativo para mentes preguiçosas. Deus criou tudo no mesmo instante, como se todos os relógios do mundo houvessem batido o pé ao mesmo tempo, e desse estrondo instantâneo brotaram todas as coisas vivas. O pecado original

outra farsa para imberbes - dizia o meu avô

foi o desrespeito pelo ritmo do mundo. O primeiro homem e a primeira mulher zangaram-se porque um deles se atrasou. Não porque houvesse comido uma maçã ou um bolo-rei

e sublinhava bolo-rei com um cinismo impróprio para curas

não porque houvesse desejo de saber mais ou ser igual a Ele. O tempo foi desrespeitado, pura e simplesmente nunca me disse se houvera sido o homem ou a mulher a atrasar-se

e todas as coisas perderam o lastro de pureza e a sincronia. O meu avô

que lia a bíblia à luz da teoria do atraso metafísico

nutriu sempre o sonho de ser ele a restaurar o tempo em que as coisas eram como deviam ser. Eu herdei as suas mãos e a sua paranóia.

A dificuldade é sempre o tempo.

Uma noite qualquer, uma noite sem sol igual às outras, uma noite fria e desacompanhada de carne, depois de cinquenta



anos passados a pular para cima de cadeiras, a abrir e a fechar gavetas teimosamente iguais, dou por mim com um estranho formigueiro nos dedos.

Nessa noite fiz tudo com precisão. Parei os relógios. Todos. Pus a mão no coração e escutei. Não com os ouvidos. Escutei pela mão, escutei o ritmo todo do meu corpo, a pressão que o sangue exerce sobre as paredes das artérias, os impulsos micro-eléctricos de neurónio a neurónio, as células da pele a caírem no chão, ribombando como fanfarras de bombeiros. Com a mão no coração e os olhos cerrados

porque se ouve muito melhor com os olhos cerrados dirigi-me a cada relógio e acertei-os de acordo com o que ouvia com o que sentia



e sei que entre um e outro decorria uma batida cardíaca apenas. Dentro dessa batida cardíaca morriam civilizações inteiras porque uma estrela havia engordado de luz e fogo, dentro dessa batida havia choros de bebés cujas caras me eram absolutamente incompreensíveis

mas todos os bebés choram

dentro dessa batida travavam-se guerras, amavam-se pessoas e coisas, dentro dessa batida todo o espaço me era revelado como só Deus o poderia ver.

Enquanto acertei os relógios

com calma, com segurança

vi tudo o que o universo oferece e esconde. Não somente o que há, mas tudo o que poderia ter havido, que se multiplica em cada segundo que passa pelas possibilidades deixadas para trás. Era como se, de repente, tudo estivesse despudoradamente nu. Vi a nudez do meu pai, do meu avô-metafísico, vi a minha mãe

que poderia ter casado com outro qualquer e tido outros filhos quaisquer ou ter morrido à nascença ou dois anos depois vi os filhos que nunca tive e que poderia ter tido, vi a mulher que deveria ter amado, vi todas as mulheres que nunca deveria ter visto e sentei-me, pesado. O universo e seus irmãos passaram por mim, sincopados, de batida em batida, e deixaram-me sozinho com todos os mundos ao colo a lutar por atenção.

Pendurei os tamancos. Parei os relógios todos. Disse aos clientes que precisava de férias. Nunca mais voltei. Tenho ainda em mim a gritaria selvagem do começo e do fim de tudo.

O problema é esquecer.





D D BI S NAME OF STREET OF STREET STR



CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO

O Centro de Investigação e Intervenção (CII) é um órgão cuja principal finalidade consiste em promover, dinamizar e gerir as actividades de investigação e intervenção no ISPA, através da definição de uma matriz institucional que enquadre e facilite todas as iniciativas e procedimentos nestes domínios. Assim os seus principais objectivos são:

- Promover o debate de ideias, a troca de informações e de instrumentos de trabalho, entre toda a comunidade de agentes de investigação do ISPA (docentes, investigadores e estudantes pós-graduados).
- Pornecer um canal de comunicação entre diferentes equipas de investigação e os órgãos de Direcção do ISPA, com vista a indicar as necessidades, coordenar esforços e optimizar os recursos disponíveis.
- Apoiar a gestão administrativa de projectos de investigação e intervenção.
- Promover a divulgação dos produtos dos projectos da investigação e intervenção do ISPA, através da organização de encontros e reuniões científicas.
- Promover a formação científica dos docentes, investigadores e estudantes pós-graduados do ISPA através da organização de cursos avançados e de workshops sobre temas considerados relevantes.

O CII dispõe, no quadro de desenvolvimento da sua actividade, de dotações orçamentais próprias, atribuídas anualmente em reunião da Direcção do CII com os órgãos competentes do ISPA.

DIRECÇÃO EXECUTIVA

DIRECTOR:

Prof. Dr. Rui F. Oliveira

VICE-DIRECTORA PARA A ÁREA DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA: Prof.ª Dr.ª Teresa García Marques

VICE-DIRECTOR PARA A ÁREA DA INTERVENÇÃO SOCIAL: Prof. Dr. Carlos Simões

SECRETARIA DO CII: Lúcia Costa

Tel: +351 21 8111708

Fax: +351 21 8860954 E-mail: cii@ispa.pt

website: www.ispa.pt



O Conselho Consultivo do CII é constituído por representantes, eleitos pelo Conselho Científico, de todas as áreas científico-pedagógicas do ISPA. A função deste Conselho é a de ajudar a Direcção Executiva do CII na avaliação do mérito científico das propostas recebidas das diferentes áreas, apoiando assim a Direcção nos processos de tomada de decisões. Este Conselho deve constituir também um forum privilegiado para o debate de ideias relativas à estratégia de desenvolvimento da investigação científica no ISPA.

COMISSÃO DE ÉTICA

SECRETÁRIO:

Prof. Dr. Victor Claúdio

A Comissão de Ética do CII tem por missão assegurar que as implicações éticas da investigação em psicologia e áreas afins realizada no âmbito do CII / ISPA respeitam os padrões de conduta ética internacionalmente aceites para a investigação em sujeitos humanos e para a experimentação animal.

UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO

Actualmente o CII conta com seis grupos de investigação organizados:

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA,
DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO
(financiada pela FCT)
Coordenadora Científica:

Linhas de Investigação:

Prof. a Dr. a Margarida Alves Martins

Cognição e Contexto; Construção da linguagem escrita em fases iniciais de aprendizagem; construção de conceitos lógico-matemáticos durante as fases iniciais da aprendizagem; Escola Inclusiva e necessidades educativas especiais; Génese e construção do sistema educativo contemporâneo em Portugal; Mecanismos psicossociais nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem; Psicobiologia do Desenvolvimento; Representações, identidades e relações interpessoais em contexto educativo.

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM ECO-ETOLOGIA (financiada pela FCT)

Coordenador Científico:

Prof. Dr. Vitor Almada

Linhas de Investigação:

Etologia, Ecologia e Evolução dos Vertebrados Aquáticos;

Biologia Comportamental Integrativa; Ecologia e Conservação de Peixes Litorais; Bioacústica e comportamento de Cetáceos.

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
Coordenadora Científica:
Prof.^a Dr.^a Maria Emília Marques

Linhas de Investigação:

Prematuridade e Parentalidade; Psicologia Clínica e Metodologia Projectiva; Psicologia Clínica e Reabilitação em comportamentos de risco; Psicologia Comunitária; Psicoterapias e Psicoterapeutas.

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE
Coordenador Científico:
Prof. Dr. Frederico Pereira

Linhas de investigação:

Modelos teóricos em Psicanálise; Investigação clínica;
Psicanálise aplicada; Interfaces.

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Coordenador Científico:

Prof. Dr. Luís Silva Pereira

Linhas de Investigação: Filosofia e Ciências Sociais; Migração; Identidade e minorias culturais.

GRUPO DE ESTUDOS EM COMPORTAMENTO ECONÓMICO
Coordenador Científico:
Prof. Dr. Marc Scholten

Linhas de Investigação:

Escolha em contexto; escolha inter-temporal; inovação
e desenvolvimento de novos produtos; inovação tecnológica
e design do trabalho.



INFRA-ESTRUTURAS DE INVESTIGAÇÃO

LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA

Coordenadora:

Prof.^a Dr.^a Teresa Garcia-Marques

Recursos laboratoriais:

Laboratório equipado com sistemas computorizados para testes em psicologia experimental e cognitiva;

Sala de observação com espelho unidireccional para estudos de interacções sociais; Laboratório de Psicofisiologia equipado com set-up para registos electrofisiológicos;

Centro de avaliação psicológica.

LABORATÓRIO DE BIOLOGIA

Coordenador:

Prof. Dr. Rui F. Oliveira

Recursos laboratoriais:

Laboratório de neuroendocrinologia comportamental; Laboratório de genética evolutiva e molecular; Laboratório de ecologia; Laboratório de bioacústica; Biotérios.

CENTRO DE APOIO ESTATÍSTICO E ANÁLISE DE DADOS Coordenadora:

Prof.ª Dr.ª Glória Ramalho

Funções:

Dar consultadoria em termos de técnicas estatísticas, desenho experimental e análise de dados aos investigadores do CII e aos estudantes finalistas e pós-graduados.



"VINCULAÇÃO E ADAPTAÇÃO SOCIAL AO PRÉ-ESCOLAR" Investigador Responsável: Prof.ª Dr.ª Manuela Veríssimo (financiado pela FCT)

"COGNIÇÃO E CONTEXTO NO PENSAMENTO CONTRAFACTUAL" Investigador Responsável: Prof.ª Dr.ª Cristina Quelhas (financiado pela FCT)

"SENTIMENTOS COGNITIVOS E SENTIMENTOS AFECTIVOS: NATUREZA, FUNÇÃO E INTER-RELAÇÕES"

Investigador Responsável: Prof.^a Dr.^a Teresa Garcia-Marques (financiado pela FCT)

"Os efeitos de substituibilidade e da comparabilidade entre opções de escolha" Investigador Responsável: Prof. Dr. Marc Scholten (financiado pela FCT)

"MODULAÇÃO SOCIAL DOS NÍVEIS DE ANDROGÊNIOS:
MECANISMOS PSICOLOGICOS E VARIABILIDADE INTER-INDIVIDUAL"
Investigador Responsável: Prof. Dr. Rui F. Oliveira
(financiado pela FCT)

"HORMONAS, COMPROMISSOS E PLASTICIDADE DAS HISTÓRIAS VITAIS:

UM ESTUDO SOBRE TÁCTICAS ALTERNATIVAS DE REPRODUÇÃO

EM PEIXES BLENÍDEOS"

Investigador Responsável: Prof. Dr. Rui F. Oliveira

(financiado pela FCT; em colaboração

com a Universidade do Algarve)

"EFEITOS MEDIADOS POR ANDROGÉNIOS DO CONTEXTO SOCIAL
NA COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO ANIMAL:
UMA ANÁLISE INTEGRADA"
Investigador Responsável: Prof. Dr. Rui F. Oliveira
(financiado pela FCT)

"MONITORIZAÇÃO DE COMUNIDADES DE PEIXES DAS COSTAS ROCHOSAS UTILIZANDO MÉTODOS NÃO-DESTRUTIVOS" Investigador Responsável: Prof. Dr. Emanuel Gonçalves (financiado pela FCT)

"BIOLOGIA DA REPRODUÇÃO DO BLENÍDEO SALARIA PAVO
NA RIA FORMOSA: IMPLICAÇÕES PARA A POPULAÇÃO E ESTRATÉGIAS
DE CONSERVAÇÃO"
Investigador Responsável: Prof. Dr. Rui F. Oliveira
(financiado pela FCT e pelo ICN; em colaboração
com a Universidade do Algarve)

"BIOGEOGRAFIA, FLUXO GENÉTICO E BIODIVERSIDADE

DAS COMUNIDADES DE PEIXES DO LITORAL ROCHOSO PORTUGUÊS"

Investigador Responsável: Prof. Dr. Vitor Almada

(financiado pela FCT e pelo ICN; em colaboração

com o Departamento de Biotecnologia do Instituto

Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial)

"ICTIO-FAUNA DA ARRÁBIDA"
Investigador Responsável: Prof. Dr. Emanuel Gonçalves
(financiado pelo ICN)

"EXPERIÊNCIA PRÉ-ESCOLAR E MOTIVAÇÃO
PARA A APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO"
Investigador Responsável: Prof.ª Dr.ª Isabel Matta
(financiado pelo IIE)

"Níveis de Aspiração e experiência de corte
NO BLENÍDEO SALARIA PAVO"
Investigador Responsável: Prof. Dr. Rui F. Oliveira
(financiado pela FSBI; em colaboração com a Universidade
de Bangor, País de Gales, Reino Unido)

ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE BIOSONAR E DE OUTROS SINAIS

ACÚSTICOS EMÍTIDOS PELO GOLFINHO-ROAZ"

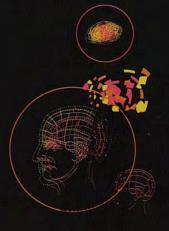
Investigador Responsável: Prof. Dr. Manuel Eduardo dos Santos

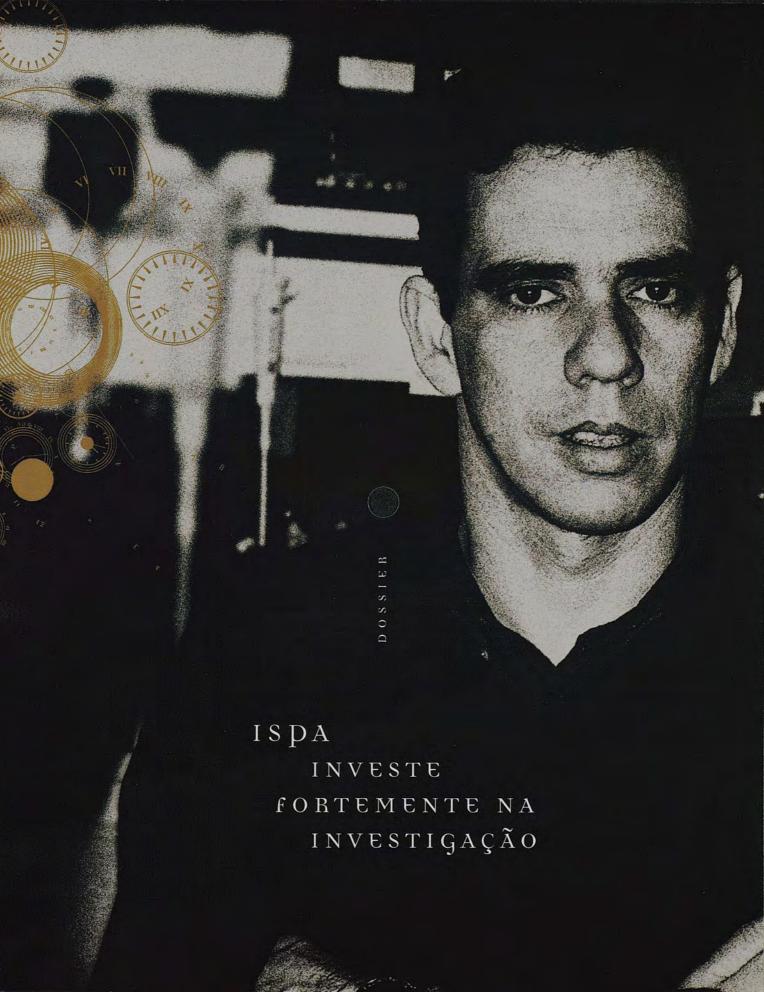
(financiado pelo ISPA)

"INTERLIGAR - PROJECTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL
NA COMUNIDADE DO BAIRRO DA COVA DA MOURA"
Coordenador: Prof. Dr. Carlos Simões
(financiado pelo Comissariado do Sul do Programa
de Luta Contra a Pobreza)

LEGENDA DAS ENTIDADES FINANCIADORAS:

FCT • Fundação para a Ciência e a Tecnologia ICN • Instituto para a Conservação da Natureza IIE • Instituto de Inovação Educacional FSBI • Fisheries Society of the British Isles





entrevista de paniel sousa e carla alves

PROMOVER UMA ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO MAIS CONCERTADA

E AMBICIOSA É UM DOS OBJECTIVOS DO NOVO DIRECTOR

DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO DO ISPA.

PARA O PROFESSOR DOUTOR RUI OLIVEIRA, É NECESSÁRIO DAR

MAIOR VISIBILIDADE AOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO ISPA

PARA POTENCIAR A AUTO-ESTIMA DOS INVESTIGADORES E INCENTIVAR

O FINANCIAMENTO EXTERNO. A PSICOLOGIA À PROCURA DO SEU ESPAÇO

NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, UMA ÁREA AINDA RESIDUAL

NAS PRIORIDADES POLÍTICAS DE INVESTIGAÇÃO.

Quando é que tomou posse como Director do Centro de Investigação e Intervenção do ISPA?

A nomeação ocorreu em Julho de 2002, pelo que apanhei "o barco já em andamento": já existia um orçamento para 2002 e acabei por entrar em funções quando existia outra estrutura cessante ainda em funcionamento e que se manteve até Setembro. Assim, 2002 foi um ano em que a nova Direcção do Centro de Investigação acabou por ter alguns constrangimentos na sua actuação. uma vez que o plano de actividades para esse ano já estava traçado. Em relação ao orcamento que tinha sido aprovado, limitámo-nos a geri-lo e aproveitámos o último trimestre de 2002 para fazer um levantamento dos projectos em curso e para promovermos uma transição entre a estrutura cessante e as novas estruturas do CII. Na realidade foi só a partir de Novembro de 2002, com a preparação da proposta de orçamento para o Centro de Investigação para o ano de 2003 e apresentação do respectivo plano de actividades, que a nova direcção começou a imprimir um cunho mais pessoal à gestão do CII.

Quais são, apesar dos constrangimentos, as suas primeiras propostas e objectivos para o CII?

O plano de actividades que nós apresentámos é relativamente vasto, mas a primeira prioridade, era organizar a informação que existia e promover a difusão dessa informação. Em segundo lugar promover a "auto-estima científica" dos nossos investigadores. Existem no ISPA equipas a realizar investigação de muito boa qualidade, mas que ainda não têm o "atrevimento" de serem mais ambiciosas na difusão da sua investigação. Ou seja, há resultados de investigação de muita boa qualidade que acabam por ser publicados em revistas de âmbito nacional porque as pessoas se inibem de enviá-los para publicação em revistas com um impacto maior na comunidade científica internacional. Da mesma forma existe também alguma inibição no concurso a projectos financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

(FCT), quando as pessoas estão a fazer trabalhos que justificariam plenamente o financiamento externo dessa investigação. As prioridades são assim duas: por um lado recolher e organizar informação relativamente à investigação no ISPA e fazê-la circular internamente, uma vez que está pouco difundido aquilo que se faz mesmo dentro da própna escola, entre colegas e em relação aos alunos, por outro lado, tentar criar um clima que facilite a dinâmica de investigação. sobretudo na vertente da divulgação dos seus produtos, Isto porque a investigação não se pode considerar terminada guando nos acabamos uma experiência e confirmamos ou rejeitamos a hipótese que estamos a testar. Temos depois que difundir esses resultados, quanto mais não seia ao nível da área científica na qual nos inserimos conceptualmente. entre os nossos pares, e é necessario publicar esses dados. Não chega só realizar as expe-

nências, depois precisamos de ir a congressos apresentar os resultados em primeira mão e discuti-los com colegas, de publicar os seus resultados em revistas indexadas e com reconhecimento no exterior para que se tome visivel a investigação que é feita no ISPA. Isso tem importância porque só assim é que, da parte do exterior e também da parte dos proprios colegas dentro da instituição, se cria a nocão da real dimensão do trabalho

de investigação que é aqui feito, e se constroi um clima de discussão aberta de ideias. Por outro lado: face a potenciais entidades financiadoras de I&D, em particular em relação à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), é importante que tomem consciência

de que a Psicologia é uma área que tem um certo dinamismo, com uma massa crítica visível no número de pessoas que concorrem ao financiamento de projectos e, em relação às quais é preciso disponibilizar verbas e criar meios e infra estruturas para que possam ter sucesso. No fundo, para promover a afirmação da Psicologia como uma ciência activa e actual junto das estruturas decisoras.

O ISPA, tem de facto, projectos aprovados pela FCT e outras entidades de que já falaremos mais à frente. Qual é o esforço que o ISPA faz para apoiar a investigação? Não lhe peço que divulgue o orçamento do Centro de Investigação e Intervenção; mas como é que poderia descrever o esforço que a própria instituição faz para apoiar esse trabalho de investigação que refere?

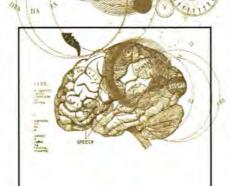
O que posso dizer é que, daquilo que conheço a nível nacional, o ISPA é das poucas instituições de Ensino Superior a auto-financiar de um modo não simbólico as actividades de investigação. Posso-lhe referir a este propósito que o ISPA criou o Centro de Investigação e Intervenção que dispõe de um orçamento próprio no qual a comparticipação do ISPA é de cerca de 80%, resultando os restantes 20% de overheads de projectos de investigação e intervenção em curso. Este investimento do ISPA na vertente da investigação traduz-se na viabilização de um conjunto de medidas que pretendem promover a excelência na investigação como por exemplo: disponibilizar verbas próprias para financiar pequenos projectos de investigação que permitam a realização de estudos piloto que sirvam de balão de ensaio para a construção de projectos de maior dimensão que captarão financiamento externo; auto--financiar bolseiros de investigação de acordo com o regulamento aprovado pela FCT; financiar um ciclo de conferências que irá trazer ao ISPA um conjunto de especialistas nacionais e internacionais de reconhecido mérito, com o objectivo de promover contactos e criar espaços de diálogo com esses investigadores nos quais possam surgir potenciais colaborações futuras; financiar um prémio de investigação na área da psicologia





e das ciências do comportamento, aberto não só a investigadores do ISPA, mas a quaisquer investigadores nacionais, quer desenvolvam a sua actividade no país ou fora, mas que estejam no princípio de carreira (i.e. jovens cientistas com menos de 35 anos). O CII / ISPA também disponibilizou uma verba para que sejam atribuídas bolsas para a participação em eventos científicos (e.g. conferências) aos alunos finalistas de cada uma das áreas das licenciaturas que se tenham distinguido na sua monografia de fim de curso. No fundo, o ISPA está a investir em investigação numa série de frentes de uma forma que eu não vejo nas outras instituições universitárias públicas ou privadas, exceptuando o caso de instituições mais vocacionadas para a investigação do que para a docência como é o caso do Instituto Gulbenkian de Ciência, do IBMC no Porto e de outros laboratórios associados da FCT, cuja principal função é a investigação científica.

E relativamente às infra estruturas, houve também algum investimento a nível interno? É verdade. Outra das áreas em que o ISPA investiu foi na criação de infra-estruturas de investigação. Existiam até à data dois espaços para realização de investigação: um laboratório de Psicologia e um laboratório de Biologia, não sei precisar quais os metros quadrados específicos de cada uma destas áreas, mas nesta última transição de anos lectivos foram feitas obras de fundo em que foi adjudicada uma nova zona do edifício ao Centro de Investigação e Intervenção que seguramente mais do que duplicou a área disponível para investigação no ISPA. Este novo espaço atribuído ao CII permitiu uma grande ampliação do laboratório de Biologia tendo-se criado áreas autónomas para a Neuroendocrinologia, a Ecologia, a Genética Evolutiva e Molecular, a Bioenergética, e dois Biotérios para a manutenção de animais para experimentação; no caso do Laboratório de Psicologia, para além do espaço já existente, o qual se encontrava já equipado para realizar experiências em condições controladas e com registo de variáveis psicofisiológicas, foi criada uma Sala de Observação



rever métodos
de avaliação
dos projectos
de investigação

equipada com meios tecnológicos para a observação directa do comportamento, foi criado um centro de avaliação psicológica, e está na calha a criação de um centro de atendimento à comunidade que deixará de fazer parte organicamente do Centro de Investigação e Intervenção e terá autonomia própria. Existiu, portanto, um investimento num conjunto de infra estruturas que vão permitir que o ISPA tenha uma série de mais valias em áreas tão distantes como a Psicologia Clínica, a Psicologia Experimental, a Psicologia Social, a Etologia, a Psicobiologia, a Psicosomática, etc.



Relativamente aos projectos de investigação, qual é o ponto da situação dos projectos aprovados pela FCT e por outras entidades? Gostava também de saber se está satisfeito com o número de projectos aprovados?

Essa pergunta é difícil de responder. O facto de eu pessoalmente estar satisfeito, ou não, não é o mais relevante. Os projectos são aprovados pelo seu mérito científico, temos que aceitar as regras do jogo, e existe um Painel Internacional de Peritos que faz a avaliação dos projectos. Se me perguntar se eu acho que esta é a melhor maneira de fazer a avaliação de projectos, dir-lhe-ei que não, porque quando reunimos cinco especialistas para avaliarem todos os projectos submetidos numa determinada área científica, e que podem ser dezenas, e eles estão em Portugal durante um período reduzido de tempo para fazer essa avaliação, é obvio que existem constrangimentos: não podem ser especialistas em todas as áreas, terão mais afinidades a umas áreas do que as outras. Não estou de modo algum a sugerir que existirão preferências conscientes pelo financiamento de determinadas áreas em detrimento de outras, mas é previsível que a formação científica dos elementos que constituem o painel que avalia uma determinada área acabará por introduzir enviezamentos não propositados nos resultados da avaliação. Sou partidário, não só a nível dos processos de avaliação, do sistema americano em que, por exemplo na National Science Foundation (NSF), cada projecto é enviado a dois ou mais "referees", especialistas naquele tema específico e que têm que declarar que não têm conflito de interesses com aquela equipa de investigação. Assim, evita-se que as propostas sejam enviados a um colega que está interessado no tema, ou que está a competir directamente com aquela equipa dentro daquele tema; tem que se ter também esse cuidado, mas são enviados a alguém que se sabe ser uma pessoa informada sobre o assunto e activa naquele tópico. E hoje em dia, com as novas tecnologias que existem ao nosso dispor, não é necessário trazermos o painel de peritos a Lisboa para ficar fechado numa sala a avaliar projectos

num regime intensivo. Podíamos mais uma vez adoptar o sistema da NSF que tem uma página na Internet na qual é possível aos "referees" aceder à informação confidencial das propostas. O que fazem é enviar uma senha aos "referees" que vão fazer a revisão de um determinado projecto, para terem acesso à informação desse projecto, e a pessoa no local onde estiver, eu próprio já fui avaliador de projectos na NSF, faz a avaliação dos projectos à distância, faz os comentários e as recomendações que tem a fazer, pode ver os orçamentos, pode fazer tudo o que faz "in situ" remotamente. Isto cria a possibilidade de abrir o legue de avaliadores de projectos e de não ficarmos presos a um painel de avaliação restrito a um pequeno número de peritos, que tem sempre os constrangimentos já referidos anteriormente e cuja nomeação pode estar sujeita a pressões de "lobbies" dentro das áreas científicas específicas. Portanto, acabei por não responder à pergunta, mas eu não diria se estou ou não estou satisfeito, porque tenho que acreditar que o número de projectos aprovados está associado à qualidade dos projectos propostos, mas, perante a avaliação de um painel que tem os constrangimentos que eu acabei de referir, se utilizássemos um método de avaliação de projectos diferente eventualmente poderíamos ter resultados diferentes.

Olhando apenas para dentro, o ISPA tem um corpo docente estável em dedicação exclusiva e em tempo integral. Pensa que poderá haver melhor aproveitamento destes recursos humanos e que se traduza em mais investigação realizada?

Eu penso que já se faz muita investigação que não é reconhecida como tal porque não está formatada de acordo com o que é tradicionalmente visto como investigação. Nós temos pessoas a orientar monografias, temos investigação feita a nível dos mestrados, etc., não temos é a cultura de olhar estas actividades como investigação que é realizada e, portanto, muitos dados que são recolhidos e tratados e que até acabam por vir a ser publicados não fazem parte de nenhuma



linha de investigação de nenhuma unidade de investigação do Centro de Investigação do ISPA, são peças soltas, digamos assim. E mais do que isso, não existe nenhuma estratégia visível de desenvolvimento científico no ISPA e é algo que nós, CII, gostaríamos de ajudar a mudar. É óbvio que não cabe ao CII promover esta mudança sozinho; tem que ser um esforco global, mas de facto, era necessário que todos os docentes fossem enquadradas em equipas de investigação, de acordo com os seus interesses de investigação e que existissem objectivos comuns a atingir. Ou seja, que as equipas de investigação funcionassem como verdadeiras equipas a trabalharem para objectivos comuns e que não se dispersassem por múltiplos temas. O

que vou dizer até pode parecer um bocadinho reaccionário, mas muitas vezes o que deve acontecer, e é o que acontece nas universidades mais competitivas a nível internacional, é que, quando os alunos de pós-graduação vêm ter connosco porque estão interessados em fazer uma tese de doutoramento, ou porque estão interessados em fazer uma tese de mestrado, eu penso que nós não podemos aceitar tudo, e não podemos aceitar as teses de acordo com os interesses das pessoas que nos procuram. Temos que definir muito bem quais são os nossos interesses de investigação e tentar atrair com a qualidade do nosso trabalho pessoas interessantes, que tenham interesses coincidentes com os nossos para ajudarem a construir um todo que faça sentido, porque se não em vez de construirmos o conhecimento que nos permite liderar uma determinada área acabamos por saber um bocadinho de cada coisa, mas não temos nenhuma equipa de excelência em nenhuma área específica. Para que existam equipas de excelência na área da investigação é necessário que cada pessoa seja uma peça de um puzzle e que o coordenador de equipa seja a pessoa que no fundo está a ver como é que as peças se encaixam umas nas outras, que ajuda também cada uma das peças a perceber que faz parte de um todo e que esse todo é coerente. Penso que não há essa preocupação no ISPA e isso passa por problemas estruturais que não competem ao CII resolver. E falo de temas tão sensíveis como por exemplo a política de contratações de pessoal docente, em que não se tem tido o cuidado de contratar docentes com valências de investigação específicas de modo a construir equipas de investigação que criem escola num determinado assunto, o que a meu ver promoveria a excelência e as tornaria potencialmente numa referência a nível internacional. Não é que isso não aconteça já com algumas equipas de investigação do ISPA que têm reconhecimento internacional, mas acho que se poderia potenciar isso muito mais se existisse um plano de desenvolvimento estratégico das linhas de investigação do ISPA.



Voltando à FCT, as estatísticas são públicas. Qual é a leitura que faz do investimento que é feito pelo país na investigação?

O investimento feito em termos de Produto Interno Bruto (PIB) tem vindo a aumentar, porque existem recomendações da Comissão Europeia e existem comparações que podem ser feitas com outros países da Europa Comunitária. Portugal é dos países que até há pouco tempo menos investia em termos de percentagem do PIB em investigação, mas onde durante os últimos anos se verificou um maior crescimento desse investimento, também porque inicialmente se investia muito pouco. Estamos numa fase de tentar apanhar o combóio da Europa e esse salto faz com que o crescimento seja muito acelerado. Acho que não nos podemos queixar porque as coisas estão, ou estavam pelo menos até ao último ano, a ir no bom caminho. No entanto, com as mudancas a nível governamental ainda não há uma definição da política de investimento em I&D por parte das novas estruturas do Ministério da Ciência e Tecnologia muito clara em relação àquilo que vai ser o futuro. É óbvio que ainda não tínhamos atingido o óptimo, mas estávamos a caminhar no bom sentido.

Penso que houve um aumento do investimento nos últimos anos. Houve um aumento das publicações, um aumento das citações de "papers" e de publicações feitas por investigadores portugueses, mas depois, vendo as estatísticas numa perspectiva global, nós continuamos na cauda da Europa em termos de produção científica, comparativamente aos parceiros europeus, apesar esforço efectuado nos últimos anos.

Isso é verdade, mas também tem um pouco a ver, por um lado, com a dimensão que nós temos porque mesmo com este crescimento percentual, se formos ver em termos absolutos, se calhar não representa grande coisa comparado com países como a Alemanha ou a França. Embora percentualmente possamos ter tido uma grande aceleração do investimento e uma grande aceleração no número, por exemplo, de alunos de

doutoramento, de pós-docs., etc. se formos ver os números absolutos a leitura será diferente com certeza. Por outro lado, há este problema que eu identifiquei no ISPA, que penso que é capaz de ser comum a muitas outras instituições universitárias, de falta de auto-confiança para submeter trabalhos, sobretudo na fase final de divulgação dos resultados, em revistas com maior visibilidade. Mas, mesmo assim, também temos que ver as coisas positivas; essa auto-confiança está mais presente nas novas gerações sobretudo naqueles que passaram numa fase da sua formação por instituições estrangeiras tendo sido expostos a outros modos de funcionar em ciência. E já se começam a ver alguns trabalhos de equipas portuguesas publicados em revistas de reconhecido mérito internacional e que temos investigadores portugueses muito conceituados internacionalmente. Lembro-me

por exemplo do Prof. António Coutinho, do Instituto Gulbenkian de Ciência, que está entre os investigadores contemporâneos cujos trabalhos são mais citados na área da Biologia, ou outras pessoas muito válidas que temos no país. Curiosamente, a maior parte das pessoas de topo que nós temos a trabalhar em Portugal são pessoas que vieram do estrangeiro, que tiveram uma passagem prolongada no estrangeiro e que depois vieram para cá nos anos oitenta e noventa. e aqui começaram a desenvolver a sua actividade a partir de então. Isto sugere que é de facto necessário mudar uma série de vícios do passado e uma série de atitudes que existiram e que são difíceis de mudar no meio académico, no meio universitário, que é um meio conservador por natureza, hierarquizado, e que será necessário uma geração, pelo menos, diria eu, para mudar as coisas. Outro factor que não ajuda a mudar é o elevado "inbreeding" que existe no meio universitário, em que os assistentes fazem o doutoramento com o professor de quem são assistentes: depois do doutoramento estão na expectativa de ficar com uma vaga e de passarem de assistentes a professores auxiliares nessa mesma instituição, e assim sucessivamente. Temos, portanto, um problema de uma grande "homozigotia intelectual" que não ajuda à renovação de ideias, ao espírito crítico, em que permanece sempre uma relação assimétrica entre os colegas porque persiste sempre a relação histórica de uma pessoa que foi orientadora e de outra que foi orientando. Um exercício cujos resultados foram publicados na revista Nature, consistia em fazer uma análise longitudinal da produção científica de uma amostra de investigadores universitários e observar qual era a instituição a que estavam afiliados quando escreveram a sua primeira contribuição científica (normalmente o resultado de um trabalho no âmbito de uma pós-graduação) numa fase inicial da sua carreira científica, e digamos 10 anos mais tarde se continuavam ou não a assinar os seus artigos científicos com a mesma afiliação institucional (o que seria um sinal do "inbreeding" universitário acima referido). Os resultados foram devastadores para países como Portugal e Espanha. Se bem me lembro cerca de 90% dos investigadores portugueses que após dez anos continuavam activos mantinham-se na mesma instituição na qual tinham produzido a sua primeira contribuição científica. Com certeza que enquanto não mudarmos essa situação, enquanto não promovermos a mobilidade dos investigadores, o panorama científico nacional não vai ter tendência para melhorar. A FCT já está a tomar algumas medidas, nomeadamente a nível da atribuição de bolsas de pós-doutoramento está a dar prioridade ao financiamento de indivíduos que tenham

feito o doutoramento no estrangeiro e que se propõem voltar para Portugal como pós-docs, e vice versa; está a evitar a todo o custo a atribuição de bolsas de pós-doutoramento a alunos de doutoramento que queiram permanecer na mesma instituição na qual obtiveram o grau de Doutor, porque a mobilidade é essencial para um maior espírito crítico essencial à dinâmica da ciência.

Ainda a propósito da FCT, uma notícia recente que saiu na imprensa dava conta do facto da FCT estar a pensar reduzir o financiamento para a área das ciências sociais, por estar em causa, segundo o artigo, a própria forma de financiamento que tem que ver com o número de doutorados e com a avaliação das unidades de investigação. Alguns investigadores, como Sobrinho Simões e Alexandre Quintanilha, já aplaudiram esta possível iniciativa argumentando que a investigação feita na área da saúde implica maior investimento do que, por exemplo, em áreas como a sociologia. Gostava que comentasse.

Há dois aspectos dessa notícia que devem ser equacionados. Por um lado, numa análise generalista, estou de acordo, quer com o Prof. Alexandre Quintanilha, quer com o Prof. Sobrinho Simões, quando dizem que, de facto, na área da saúde os recursos necessários para fazer investigação são muito maiores do que na área das ciências sociais. Quando falam na área da saúde, penso que devem estar a guerer referir também, de forma implícita, todo o campo das ciências exactas e naturais, mas como ambos trabalham na área da saúde penso que falaram nos seus casos específicos. Mas, de facto, na área das Ciências Biológicas, na área da Física. da Química, da Bioquímica, pelo simples facto de termos que ter um laboratório em funcionamento, e aqui no ISPA também temos laboratórios nessas áreas, temos uma quantidade de custos de base associados que não temos quando trabalhamos com sujeitos humanos, quer na área da Psicologia, quer na área da Sociologia, ou noutras áreas das Ciências Sociais e Humanas. Isto porque os tais custos de base simplesmente não

existem. Um exemplo anedótico: nos não precisamos de manter e de reproduzir os nossos sujertos experimentais se trabalharmos na área da Psicologia, mas se trabalharmos em qualquer área das Ciências Biológicas, ou Biomedicas, precisamos de ter um biotério, precisamos de manter os animais, de os reproduzir, de os alimentar, de ter um técnico que trate deles, etc. Portanto, logo à partida existe esta diferença, para não falarmos depois. nos reagentes que se utilizam, no equipamento, regra geral carissimo, que é utilizado. Por exemplo, para dar uma ideia dos custos. nós fazemos doseamentos hormonais no nosso laboratório de Endocrinologia Comportamental do ISPA e para fazermos esses doseamentos utilizamos um método desig-

nado por radio-imunoensaio, para o qual precisamos de um contador de cintilações que em Portugal é vendido ao mesmo preco de um automóvel do segmento médio-alto. Existem, portanto, diferenças óbvias nos recursos necessários para fazer diferentes tipos de investigação e, por ai, concordo com essas afirmações. Discordo, quando utilizamos indicadores como o número de doutorados, ou o número de unidades em investigação, porque nesse caso temos o problema que já referi acima. Acho que se Portugal está atrasado na investigação científica em geral. nas Ciências Sociais ainda está mais atrasado do que nas Ciências Exactas e Naturais, e é necessáno que as pessoas tenham consciência.

existe. E, se calhar, a percepção que os investigadores referidos têm da investigação que é feita na área da Psicologia em Portugal está distorcida, porque se formos a revistas indexadas vemos lá pouquíssimas publicações de investigadores portugueses, porque eles publicam, na maior parte dos casos, em revistas nacionais que não têm impacto na comunidade científica global. Portanto, eu acho que as pessoas existem mas que não têm a visibilidade que poderiam ter e é óbvio que isso depois vem a traduzir-se em medidas como esta que acaba de referir: se uma pessoa tem que gerir um recurso limitado e se vê que, de facto, nas Ciências Sociais existe um défice de propostas e de qualidade nas propostas, é óbvio que corte nessa área e que privilegie áreas onde existe uma grande competição por recursos e existe uma melhor qualidade aparente e uma maior oferta de propostas de boa qualidade. Portanto, a mensagem seria: é necessário que na área das Ciências Sociais em geral, e na área da Psicologia em particular e, no que nos diz respeito em relação ao ISPA, exista uma mudança de atitudes e uma maior aposta em dar visibilidade ao trabalho que é feito, que passa, nomeadamente, pela tentativa de publicação dos trabalhos em revistas de maior impacto, porque isso também é avaliado pelos painéis. Quando nós submetemos um projecto de investigação, a qualidade da equipa de investigação é avaliada olhando para as publicações dos elementos da equipa e, quando nos pedem uma selecção dos cinco artigos de maior relevância que a pessoa acha que tem no seu curriculum, nós não podemos apenas referir artigos publicados na Análise Psicológica. Sem nenhuma falta de respeito para com a Análise Psicológica, isto não é o que faz vender o projecto porque tem um factor de impacto igual a zero. Portanto, uma pessoa que tenha publicado um artigo, por exemplo, na Child Development ou no Psychological Bulletin, ficará seguramente à frente, numa seriação do painel de avaliação, de um outro sujeito que

de que se não divulgarem a investigação que

fazem, a percepção que passa para o exte-

rior é só e simplesmente de que ela não



tenha publicado vinte artigos no mesmo ano na Análise Psicológica. Por isso as pessoas têm que ter maior cuidado na selecção das revistas onde publicam os seus estudos. Não digo que revistas de âmbito nacional não tenham o seu espaço, mas a sua função não é a de dar escoamento à investigação feita pelos investigadores mais séniores, e as pessoas mais séniores devem também incentivar os cientistas mais juniores a terem o atrevimento e a auto-confiança de se lancarem para desafios maiores, e não verem sempre as suas coisas de uma forma menos ambiciosa e também mais fácil, porque obviamente é mais fácil publicar na Análise Psicológica do que publicar no Psychological Bulletin, por exemplo. Não deveríamos, portanto, facilitar as coisas e deveríamos promover uma cultura de excelência, de rigor e de método na nossa área de investigação, o que requer uma mudança de atitudes e de comportamentos que não é fácil, mas que se nota que já começa a existir.

De qualquer forma, apesar dessa necessidade de mudança de cultura que já referiu, ouvi o seu comentário na Sessão de Abertura deste ano que, eventualmente, a Psicologia estivesse a ser pouco cuidada, não sei se é o melhor termo, mas que esteja a ter um investimento talvez limitado em relação, por exemplo, ao número de cursos e ao número de alunos que existem na psicologia, investimento mais uma vez a nível do que é feito na FCT.

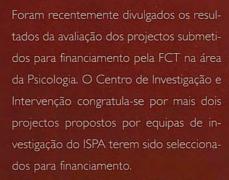
Temos que ver as coisas, mais uma vez, por dois prismas diferentes: se falamos em número de alunos, é óbvio que a Psicologia é uma das áreas dentro das Ciências Sociais com um maior número de cursos e com maior número de alunos. Em termos de "numerus clausus" deve estar no top das Ciências Sociais; se formos ver em termos de projectos aprovados, o investimento da FCT não corresponde a esta potencial massa crítica que deveria existir. Agora, nós esta-



mos a comparar duas coisas ligeiramente diferentes: uma coisa é o número de alunos que entram na licenciatura, e aí temos um grande potencial de massa crítica, mas quando vemos os projectos aprovados, estamos a olhar para as pessoas que leccionam nesses cursos, para a investigação que fazem e para os projectos que submetem à FCT. Existem de facto indícios de que há áreas, dentro das Ciências Sociais, nas quais a FCT investe mais do que outras. Se utilizarmos um índice, por exemplo, do número de projectos aprovados em relação ao número de projectos submetidos por cada área científica dentro das Ciências Sociais, neste exercício, que já fiz, aparece destacado em primeiro lugar a Sociologia, em que cerca de 80% dos projectos submetidos foram aprovados no concurso de 2001; o segundo lugar, que coube à Geografia, apresenta uma quebra de cerca de 50% de sucesso com 45,5% dos projectos aprovados e a Psicologia aparece em nono lugar, entre as dez áreas científicas consideradas pela FCT nas Ciências Sociais, com 26,5% de sucesso na aprovação de projectos. Numa primeira leitura, isto parece indiciar alguma prevalência do investimento na Sociologia em detrimento de outras áreas das Ciências Sociais, mas na realidade, nós não fizemos parte dos painéis, e não sabemos da qualidade relativa dos projectos submetidos em cada uma das áreas. Portanto, existe sempre a ressalva, que deve ser feita, de que não sabemos se, por exemplo, e é uma das leituras destes resultados possível também, todos os projectos que são submetidos na área da Sociologia são de muito boa qualidade, e é muito difícil rejeitar esses projectos, e na área da Psicologia há muitos projectos de baixa qualidade que ainda são submetidos. É uma leitura possível, existem outras...



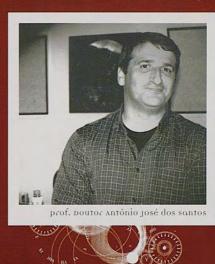
MAIS DOIS PROJECTOS
DE INVESTIGAÇÃO
DO ISPA FINANCIADOS
PELA FUNDAÇÃO
PARA A CIÊNCIA
E A TECNOLOGIA



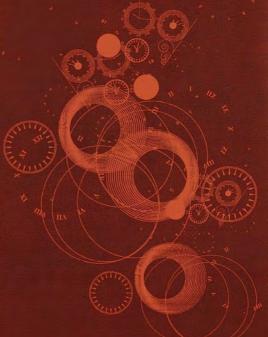
Um dos projectos intitula-se "A qualidade da amizade e o desenvolvimento social em crianças de idade pré-escolar" e tem

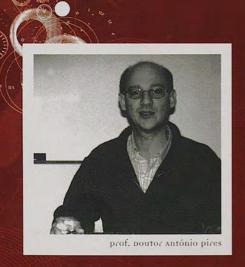


como investigador responsável o Prof. Doutor António José dos Santos da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação. O outro projecto aprovado tem como investigador responsável o Prof. Doutor António Pires da Unidade de Investigação em Psicologia Clínica e tem por tema "A qualidade dos cuidados prestados às crianças de mães toxicodependentes em programa de metadona".













14 de Março, 14:30h, Sala de Actos Prof. Dr. Armando Machado (Univ. Minho, Braga) "PSICOLOGIA APLICADA, CIÊNCIA E PSEUDOCIÊNCIA"

21 de Março, 14:30h, Sala de Actos Prof^a. Dr^a. Liliana de Sousa (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Univ. Porto) "DROGAS PSICOACTIVAS; EFEITOS NO COMPORTAMENTO DO RATO"

28 de Março, 14:30h, Sala de Actos Prof. Dr. Alexandre Castro Caldas (Centro de Neurociências, Univ. Lisboa) "ADAPTAÇÕES BIOFUNCIONAIS DO CÉREBRO AO CONHECIMENTO DAS REGRAS DE LEITURA E DA ESCRITA"

7 de Abril, I I:00h, Sala de Actos Prof. Dr. Michael Appleby (The Humane Society of the United States, Washington, EUA) "ANIMAL WELFARE AND ANIMAL USE"

9 de Maio, I I:00h, Sala de Actos Prof. Dr. António Firmino da Costa (ISCTE, Lisboa) "CULTURA CIENTÍFICA E PÚBLICOS DA CIÊNCIA" 30 de Maio, 11:00h, Sala de Actos Prof. Dr. Kaj Björkqvist (Abo Akademie, Finlandia): "AGGRESSIVE BEHAVIOUR: CULTURAL AND SEX DIFFERENCES"

4 de Julho, 11:00h, Sala de Actos Prof^a. Dr^a. Emilia Ferreiro (I.P.N., México) "PSICOGÉNESE DA LINGUAGEM"

12 de Setembro, 11:00h, Sala de Actos Prof. Dr. Robin Dunbar (Univ. Liverpool, Reino Unido) "EVOLUTIONARY PSYCHOLOGY: EVOLUTION AND HUMAN BEHAVIOUR" 24 de Outubro, 14:30h, Sala de Actos Prof. Dr. Alexandre Quintanilha (Instituto de Biologia Molecular e Celular, Univ. Porto) "A PERCEPÇÃO E A COMUNICAÇÃO DO RISCO"

31 de Outubro, 11:00h, Sala de Actos Prof. Dr. John Weinman (King's College, Londres, Reino Unido) "HEALTH PSYCHOLOGY"

7 de Novembro, 11:00h, Sala de Actos Prof. Dr. Michael Chandler (Univ. British Columbia, Canada) "Surviving time: Suicide and the persistence OF IDENTITY IN THE FACE OF RADICAL CULTURAL AND DEVELOPMENTAL CHANGE"

21 de Novembro, 11:00h, Sala de Actos Prof. Dr. Georgé Loewenstein (Carnegie-Mellon University, EUA) "IMPASSIONED ECONOMICS: THE ROLE OF AFFECT IN ECONOMIC BEHAVIOR"





DE INVESTIGAÇÃO
EM PSICOLOGIA
E CIÊNCIAS
DO COMPOBIAMENTO

PRÉMIO SISPA

O Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) decidiu criar o Prémio de Investigação em Ciências do Comportamento com o objectivo de premiar a inovação, o método, a criatividade e o rigor científico na investigação em Psicologia e áreas afins. O Prémio, que tem o valor monetário de € 2,500, será atribuído com uma periodicidade anual e contemplará jovens cientistas Portugueses (idade inferior ou igual a 35 anos), autores de trabalhos de investigação publicados ou já aceites para publicação em revistas de âmbito internacional nos últimos 3 anos (i.e. Janeiro 2000 a Maio 2003). O Júri será constituído por personalidades de reconhecido mérito científico designadas pela Direcção do Centro de Investigação e Intervenção

(CII) do ISPA. A entrega do Prémio será efectuada em sessão pública por ocasião da Sessão Solene de Abertura do próximo Ano Lectivo, na qual o vencedor do prémio será convidado a proferir uma breve apresentadção do trabalho premiado. O regulamento para candidatura ao prémio pode ser obtido online em www.ispa.pt ou solicitado junto do CII / ISPA:

Centro de Investigação e Intervenção

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Rua Jardim do Tabaco 34

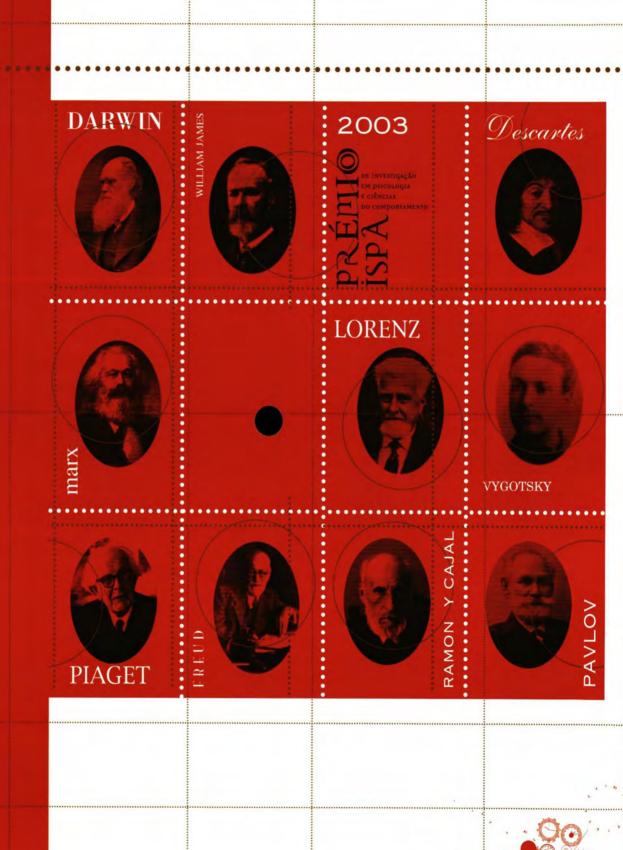
1149-041 Lisboa

Fax: 218 860 954

E-mail: cii@ispa.pr



s e



DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO "INVESTIGAÇÃO INTERVENCÃO SIMPÓSIO DO CENTRO ENTÍFICA

7 DE MAIO DE 2003 • AUDITORIO I • ISPA

O Centro de Investigação e Intervenção do ISPA está a organizar um Simpósio para a apresentação dos trabalhos de investigação desenvolvidos no âmbito das Unidades de Investigação do ISPA e dos Projectos de Investigação e Intervenção financiados em curso. A participação neste Simpósio permitirá ter a percepção da visibilidade externa da Investigação desenvolvida no ISPA. Contamos com a sua presença!

PROGRAMA

I SESSÃO - Moderador: Prof. Dr. Frederico Pereira (Director do ISPA)

9:30 - 9:45: Introdução ao Simpósio: Prof. Dr. Rui Oliveira (Director do Centro de Investigação e Intervenção)

9:45 - 10:15: Prof. Dr. Margarida Alves-Martins (UIPECD): "A UI&D EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO, COGNITIVA E DO DESENVOLVIMENTO"

10:15 - 10:45: Prof. Dr. Vitor Almada (UIE): "A UI&D EM ECO-ETOLOGIA"

10:45 - 11:00 - PAUSA PARA CAFE

II SESSÃO - Moderador: Prof. Dr. Margarida Alves-Martins (Presidente do Conselho Científico)

11:00 - 11:20: Prof. Dr. Maria Emília Marques (UIPC): "A UI&D EM PSICOLOGIA CLÍNICA"

11:20 - 11:40: Prof. Dr. Luis Silva Pereira (UIFCS): "A UI&D EM FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS"

11:40 - 12:00: Prof. Dr. Frederico Pereira (UIP): "A UI&D EM PSICANÁLISE"

12:00 - 12:20: Prof. Dra. Manuela Verissimo (UIPECD): "VINCULAÇÃO E ADAPTAÇÃO SOCIAL AO PRÉ-ESCOLAR" (projecto FCT)

12:20 - 12:40: Prof. Dr. Carlos Simões (UIFCS): "INTERLIGAR - PROIECTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL NA COMUNIDADE DO BAIRRO DA COVA DA MOURA" (projecto do Comissariado do Sul do Programa de Luta Contra a Pobreza)

12:40 - 13:00: Prof. Dr. Isabel Matta (UIPECD): "EXPERIÊNCIA PRÉ-ESCOLAR E MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO" (projecto IIE)

13:00 - 14:30 - INTERVALO PARA ALMOCO

III SESSÃO - Moderador: Prof. Dr. Teresa Garcia-Marques (Sub-Directora do CII/ISPA)



14:30 - 14:50: Prof. Dra. Cristina Quelhas (UIPECD): "COGNIÇÃO E CONTEXTO NO PENSAMENTO CONTRAFACTUAL" (projecto FCT)

14:50 - 15:10: Prof. Dra. Teresa Garcia-Marques (UIPECD): "SENTIMENTOS COGNITIVOS E SENTIMENTOS AFECTIVOS: NATUREZA, FUNÇÃO E INTER-RELAÇÕES" (projecto FCT)

15:10 - 15:30: Prof. Dr. Marc Scholten (GECE): "OS EFEITOS DE SUBSTITUIBILIDADE E DA COMPARABILIDADE ENTRE OPÇÕES DE ESCOLHA" (projecto FCT)



15:30 - 15:50: Prof. Dr. Rui Oliveira (UIE): "MODULAÇÃO SOCIAL DOS NÍVEIS DE ANDROGÊNIOS: MECANISMOS PSICOLÓGICOS E VARIABILIDADE INTER-INDIVIDUAL" (projecto FCT) 15:50 - 16:10: Prof. Dr. Rui Oliveira (UIE):

"EFFITOS DO CONTEXTO SOCIAL MEDIADOS POR ANDROGÉNIOS NA COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO ANIMAL: UMA ANÁLISE INTEGRADA" (projecto FCT)

16:10 - 16:30: Prof. Dr. Manuel Eduardo dos Santos (UIE): ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE BIOSONAR E DE OUTROS SINAIS ACÚSTICOS EMITIDOS PELO GOLFINHO-ROAZ" (projecto ISPA)

16:30 - 16:50 - PAUSA PARA CAFÉ

IV SESSÃO - Moderador: Prof. Dr. Carlos Simões (Sub-Director do CII/ISPA)

16:50 - 17:10: Prof. Dr. Vitor Almada (UIE): "BIOGEOGRAFIA, FLUXO GENÉTICO E BIODIVERSIDADE DAS COMUNIDADES DE PEIXES DO LITORAL ROCHOSO PORTUGUÊS" (projecto FCT/ICN)

17:10 - 17:30: Prof. Dr. Rui Oliveira (UIE): "BIOLOGIA DA REPRODUÇÃO DO BLENÍDEO SALARIA PAVO NA RIA FORMOSA: IMPLICAÇÕES PARA A POPULAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO" (projecto FCT/ICN)

17:30 - 17:50: Prof. Dr. Rui Oliveira (UIE): "HORMONAS, COMPROMISSOS ECOLÓGICOS E PLASTICIDADE DAS HISTÓRIAS VITAIS: UM ESTUDO SOBRE TÁCTICAS ALTERNATIVAS DE REPRODUÇÃO EM PEIXES BLENIDEOS" (projecto FCT)

17:50 - 18:10: Prof. Dr. Emanuel Gonçalves (UIE): "MONITORIZAÇÃO DE COMUNIDADES DE PEIXES DAS COSTAS ROCHOSAS UTILIZANDO MÉTODOS NÃO-DESTRUTIVOS" (projecto FCT)

18:10 - 18:30: Prof. Dr. Emanuel Gonçalves (UIE): "INVENTARIAÇÃO E ECOLOGIA DA ICTIOFAUNA DO SUBSTRATO ROCHOSO DA COSTA ARRÁBIDA-ESPICHEL: CONTRIBUTOS PARA O ORDENAMENTO E GESTÃO DO PARQUE MARINHO DA ARRÁBIDA" (projecto ICN)

18:30 - ENCERRAMENTO DO SIMPÓSIO

ENTRADA LIVRE MEDIANTE INSCRIÇÃO PRÉVIA (inscrições limitadas à capacidade da sala)

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: Centro de Investigação e Intervenção do ISPA (cii@ispa.pt)

CONFERÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO

No passado dia 29 de Janeiro decorreu no ISPA a primeira Conferência Extraordinária do Centro de Investigação e Intervenção do ISPA (CII/ISPA). Estas conferências têm esta designação por não se enquadrarem no Ciclo de Conferências do CII/ISPA, o qual pela antecedência da sua preparação e divulgação não permite a programação de todas as conferências que se vêm a proporcionar durante o ano. Esta primeira Conferência surgiu no âmbito da visita da investigadora da Universidade de Vienna (Aústria) Doutora Katharina Hirschenhauser ao ISPA. Esta investigadora, doutorada pela Universidade de Vienna em 1998, foi durante os anos de 1999 a Janeiro de 2003 Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT na Unidade de Investigação em Eco-Etologia do ISPA, tendo agora regressado à sua instituição de origem. A conferência que proferiu entre nós intitulou-se "Are there sex cycles in men?", e refere-se a um trabalho seu, recentemente publicado na revista Hormones and Behavior¹. Neste estudo que incidiu sobre 27 voluntários do sexo masculino, foram recolhidas diariamente amostras de saliva, para posterior doseamento de testosterona, e preenchidos questionários pelos sujeitos sobre as suas

actividades e as suas experiências sociais diárias (incluindo a actividade sexual). A recolha de dados prolongou-se por 3 meses. Dois resultados podem ser considerados como os mais significativos deste trabalho.

Em primeiro lugar, a existência de um ciclo com uma periodicidade de 7 dias de picos de testosterona coincidentes com uma maior actividade sexual. Embora não possa ser excluído um componente endógeno neste ciclo, o seu período sugere uma resposta à organização social do tempo nas sociedades ocidentais em ciclos semanais; e o pico de testosterona e de actividade sexual deverá muito provavelmente coincidir com o fim de semana (a famosa "febre de sábado à noite" nas palavras da própria conferencista?). Em segundo lugar, foi também detectado um ciclo de 28 dias na associação entre testosterona e actividade sexual mas apenas num sub-grupo dos homens amostrados:

aqueles que nos questionários preenchidos revelavam o desejo de virem a ter filhos com a sua companheira actual (os outros grupos de homens estudados foram classificados em "sem vontade de vir a procriar com a parceira actual" e "sem parceira fixa"). Este resultado pode ser interpretado como uma resposta fisiológica ao ciclo menstrual da parceira, se assumirmos que o pico de testosterona masculina e concomitante actividade sexual é coincidente com o período ovulatório feminino. No entanto, uma vez que neste estudo não se recolheram dados relativos às mulheres.

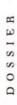
esta é apenas uma hipótese a ser testada no futuro. Interessantemente, como apenas nos homens que mostraram o desejo de vir a ter filhos com a sua parceira actual se verificou esta potencial sincronização entre ambos os parceiros, estes dados também sugerem uma influência clara de factores psicológicos na fisiologia reprodutora masculina.

Outras conferências extraordinárias do CII/ISPA estão já previstas e serão divulgadas oportunamente.

Bui oliveira



Hirschenhauser K, Frigerio D, Grammer K & Magnusson MS (2002). Monthly patterns of testosterone and behavior in prospective fathers. Hormones and Behavior 42: 172-181.





QUEM SÃO OS NOSSOS BOLSEIROS?

NOME DO BOLSEIRO: Albert Frank Huascar Ros

NACIONALIDADE: Holandesa

AND DE NASCIMENTO: 1966

GRAUS ACADÉMICO: Doutor em Biologia pela Universidade de

Groningen, Holanda, em Outubro 1997;

Tese: "Role of sensitisation to testosterone in the early

development of aggression in the black-headed gull".

TIPO DE BOLSA: Bolsa de Pós-Doutoramento

da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

REFERÊNCIA DA BOLSA: SFRH / BPD / 7143 / 2001

DATA DE INICIO: 01-05-2002

DURAÇÃO: 36 meses

SUPERVISÃO: Prof. Dr. Rui Oliveira

MULO DO PLANO DE TRABALHOS: "Role of androgens in the regulation of life-history trade-offs in the rock-pool blenny"

ÁREA CIENTIFICA: Ciências do Mar / Biologia

Em setembro 1999, saí da Holanda e vim para Portugal para começar a trabalhar como bolseiro de pós-doutoramento num projecto de investigação do Prof. Dr. Rui Oliveira, do PRAXIS XXI, intitulado "Modulação social dos níveis de androgénios em vertebrados: os peixes ciclideos como modelo para uma abordagem comparativa". Um mês depois Katharina Hirschenhauser chegava a Lisboa, também num projecto de pós-doutoramento para estudar androgénios e comportamento nos peixes com o Prof. Dr. Rui Oliveiora, e por dois anos fomos nós a equipa de estrangeiros do ISPA.

Os meus interesses centram-se no estudo do comportamento animal, particularmente no que diz respeito à interacção entre esteróides e comportamentos sociais. Na Holanda estudei a função da hormona sexual, testosterona, no desenvolvimento do comportamento agressivo das gaivotas. Vir para o ISPA deu-me a oportunidade de trabalhar numa equipa bem conhecida internacionalmente e estudar a relação entre os androgénios e o sistema

DOSSIER

de acasalamento da tilápia Sarotherodon galilaeus. Desenvolvi um trabalho intitulado "Partner availability affects male strategies and hormone levels in a tilapia with variable mating strategies (Sarotherodon galilaeus)". No âmbito deste projecto, em 2000, fiz experiências em Israel, num ambiente positivo mas sem saber que, em breve, tudo iria mudar dramaticamente - seria irresponsável voltar. Felizmente o ambiente no ISPA, especialmente os colegas, era estimulador para desenvolver ideias e escrever artigos. Há um ano tive a oportunidade de trabalhar com um professor Alemão que, durante a sua licenca sabática, trouxe para o ISPA um sistema de medição da taxa metabólica de peixes. Assim tive a oportunidade de medir quais são as consequências do comportamento agressivo em termos energéticos. Mostrámos que o androgénio, I I-cetotestosterona, altera a fisiologia do peixe de uma maneira que provavelmente aumenta a rapidez com que ele pode reagir num desafio competitivo. Baseado nestas experiências escrevi um novo projecto de Pós-Doc em que propus estudar quais são as custos dos altos níveis de androgénios no caboz-das-poças, Parablenius parvicomis, e que foi aprovado pela FCT no início de 2002. O novo projecto envolve a Universidade do Algarve e a Universidade dos Açores, no Faial, onde o trabalho de campo é realizado - um lugar bem mais tranquilo que Israel. Os seguintes potenciais custos de comportamentos dependentes de androgénios serão investigados: imunossupressão e disrupção dos cuidados parentais. Os resultados deste estudo deverão potencialmente estabelecer um novo princípio em endocrinologia comportamental: encarar os

O ISPA tinha e tem um ambiente especial para trabalhar. A Unidade de Investigação em Eco-Etologia sempre mudou de sala para sala, e ainda que não sejam sempre locais perfeitos, é um prazer trabalhar no ISPA.

androgénios como hormonas de competição.

Albert Ros

ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS DE CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL COM ARBITRAGEM CIENTÍFICA

Ros A.F.H., Dieleman S.J. & Groothuis T.G.G. 2002. Social stimuli, testosterone, and aggression in gull chicks: support for the challenge hypothesis. Hormones and Behavior 41:334-342.

Ros A.F.H., Hirschenhauser K. & Oliveira R.F. 2001. The interaction between organizational and activational effects of testosterone in the control of early aggression in birds: a comment to Sasvári, Hegyi & Péczeli. Ethology 107:851-853

Oliveira R. F., **Ros A.F.H.**, Hirschenhauser K. & Canario A.V.M. 2001. Androgens and mating systems in fish: intra- and inter-specific analyses. In: H.J.Th. Goos, R.K. Rastogi,

H. Vaudry & R. Pierantoni (eds). Perspectives in Comparative Endocrinology: Unity and Diversity. Medimond Inc. pp 985-993.

Ros A.F.H., 1999. Effects of testosterone on growth, plumage pigmentation, and mortality in black-headed gull chicks. Ibis 141:451-459

Ros A.F.H., Apanius V. & Groothuis T.G.G. 1997. The relation among gonadal steroids, immunocompetence, body mass, and behavior in young black-headed gulls. The American Naturalist 150:201-219

ARTIGOS ACTUALMENTE SUBMETIDOS PARA PUBLICAÇÃO

Ros A.F.H., Becker K., Canario A.V.M. & Oliveira R.F. Androgen levels and energy metabolism in a cichlid fish, *Oreochromis mossambicus*. Submitted to Journal of Comparative Physiology

Ros A.F.H., Canario A.V.M., Couto E., Zeilstra I. & Oliveira R.F. Endocrine correlates of intra-specific variation in the mating system of the St. Peter's fish (Sarotherodon galilaeus). Submitted to Hormones and Behavior.

Ros A.F.H., Zeilstra I. & Oliveira R.F. Mate choice in the Galilee St. Peter's fish, Sarotherodon galilaeus. Submitted to Behaviour.



COMPORTAMENTO OBGANIZACIONAL

JORGE F.S. GOMES
TERESA d'OLIVEIRA
MIGUEL PINA E CUNHA

Este texto visa apresentar o Mestrado em Comportamento Organizacional do ISPA. Encontra-se estruturado em três partes. Em primeiro lugar, descreve-se o objectivo do Mestrado no contexto socio-económico actual, após o que se define esta área da gestão designada comportamento organizacional. Por último, é oferecido um testemunho de um antigo aluno, o qual é hoje, também, um dos três directores do mestrado.

MESTRADO EM COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL: OBJECTIVO E ESTRATÉGIA

É já um lugar comum afirmar que o mundo actual se caracteriza por um elevado ritmo de mudança ao nível da sociedade e das organizações. As causas são múltiplas e conhecidas: globalização dos mercados, acelerada inovação tecnológica, novas tecnologias da informação e comunicação, competição, entre outras. As consequências são também variadas, complexas e nem sempre positivas: diversidade, flexibilização, instabilidade, insegurança.

Neste contexto, as necessidades de sobrevivência e crescimento que se colocam a pessoas e organizações, exigem novas capacidades e conhecimentos cujo conteúdo só agora começa a ser compreendido.

Aprendizagem ao longo da vida, conhecimentos inter-disciplinares, papel das emoções, são alguns dos requisitos que se colocam a individuos; mudança e inovação, compreensão da relação estratégia-envolvente, gestão da inteligência, gestão de equipas, são algumas das capacidades exigidas a organizações nos novos cenários social-económicos.

Organizacional (MCO) do ISPA é o desenvolvimento de competências teóricas e práticas de gestores, quadros superiores, técnicos e outros intervenientes no trabalho e nas organizações, na área de Comportamento Organizacional e áreas complementares, com vista ao desenvolvimento e melhoria da produtividade de indivíduos nas organizações, assim como ao crescimento e produtividade das organizações. Antevendo as modificações na estrutura do Ensino Universitário, assim como tendo em consideração a actual conjuntura concorrencial, o MCO procura constituir-se como uma referência ao nível da Educação Superior em Portugal, sendo reconhecido pelos vários agentes sociais pela sua qualidade, rigor, e imagem, sendo que tais atributos contribuem para consolidar a reputação do ISPA perante a sociedade. em geral, e o mundo das organizações e empresas, em particular. Para tal o MCO procura seguir uma estratégia assente nas seguintes vias de actuação:

O objectivo do Mestrado em Comportamento

- Foi assumido pela nova Direcção do MCO que a filosofia seria a de constituir parcerias fortes, únicas capazes para promover qualidade e prestígio. Esta filosofia começa no próprio corpo dirigente do MCO, constituído por elementos do ISPA e da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.
- Do corpo docente do MCO fazem ainda parte pessoas e instituições de reconhecido mérito nacional e internacional, que assegurarão a condução de algumas das disciplinas, como sejam Direito do Trabalho ou Tópicos Avançados de Gestão.

- Procurou-se criar as condições para uma interdisciplinaridade, traduzida numa estrutura de ensino destinada a cobrir os vários níveis de análise e intervenção nas organizações, i.e. os aspectos psicológicos, económicos, jurídicos, sócio-culturais, e políticos.
- Por último, o MCO incentiva o desenvolvimento de competências de investigação e intervenção nas organizações, desta forma apostando num equilíbrio entre as vertentes teóricas e práticas das várias matérias que constituem a complexa realidade da envolvente intra e inter-organizacional.

O QUE É O COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL?

Estudar comportamento organizacional consiste em analisar o comportamento humano numa das instituições centrais da vida contemporânea: as organizações de trabalho. O comportamento organizacional (CO), enquanto objecto disciplinar, resulta da confluência dos saberes desenvolvidos em áreas científicas distintas mas marcadas por um traço de união: o estudo das organizações. Não surpreende por isso que os trabalhos desenvolvidos neste campo apresentem "colorações" diversas

e claramente marcadas pela herança das origens científicas dos seus autores: psicólogos, sociólogos, antropólogos, gestores. O interesse comum aponta portanto para o estudo das organizações, mas nem sempre de todas as organizações: como refere Schneider (1985), as organizações produtivas reúnem a preferência dos investigadores, sendo relegadas para segundo plano, as organizações públicas, as escolas, hospitais, etc.

O interesse pelo estudo do CO radica em grande parte na capacidade desta disciplina para cruzar áreas científicas e níveis de análise numa abordagem multidisciplinar e ser capaz de congregar e assimilar conhecimentos oriundos das

várias áreas disciplinares. Esta capacidade de combinar quadros teóricos parece constituir-se como uma via de actuação potencialmente frutífera e capaz de conduzir a uma abordagem integrada dos temas organizacionais. Baseada, de preferência, numa série de ângulos de visão complementares.

O comportamento organizacional pode ser entendido numa dupla acepção, micro e macro, ou seja, como disciplina interessada no estudo do comportamento nas e das organizações. Nesse sentido, o CO pode ser claramente distinguido de disciplinas afins, como a gestão de recursos humanos e a gestão estratégica. Da amplitude do objecto resulta uma enorme diversidade de abordagens e pontos de vista, não apenas entre as áreas disciplinares tradicionais, como dentro da mesma área. São distintas, por exemplo, as posições científicas de um psicólogo interessado na análise das diferencas individuais para efeitos de um processo de selecção, e as de um sociólogo interessado na análise das taxas de mortalidade organizacional num determinado sector de actividade e período temporal. São no entanto igualmente distantes as posições científicas de um psicólogo cognitivista ou as de um comportamentalista. Resulta claro, portanto, que o CO é um campo multidisciplinar, tal como ilustrado abaixo.

COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL: UM CAMPO MULTIDISCIPLINAR

- MACRO
 Sociologia, Antropologia, História,
 Ciência Política, Gestão
- MESO Psicologia Social
- MICRO
 Psicologia, Psicanálise



VIVENDO O MCO

por miguel pina e cunha

Frequentar o MCO constitui para aqueles que, como eu, têm formação em psicologia, uma experiência interessante. Por duas razões: porque se mantém um pé no terreno seguro da psicologia, ao mesmo tempo que se coloca o outro no domínio da gestão. O MCO corresponde, por isso, ao que deve ser um curso em comportamento organizacional: um programa firmemente ancorado na psicologia, mas com uma clara orientação de gestão. Nesse sentido, o CO já não é psicologia mas não deixa de ser psicologia. Este entendimento tem constituído uma linha estruturante no mestrado que tem áreas fortes nestas duas disciplinas e encontra-se reflectido, por exemplo, no facto de um anterior director do MCO e primeiro director da revista do ISPA na área, o Professor Carlos Alves Marques, haver dado à publicação o título de Comportamento Organizacional e Gestão, em 2003 no seu nono volume. gratificante quer como aluno quer como professor. como aluno, tive o privilégio de reencontrar um ilustre conjunto de professores, entre os quais os primeiros

A frequência do MCO foi uma experiência coordenadores do mestrado, Professores

Orlindo Gouveia Pereira e Jorge Correia Jesuíno. Enquanto aluno, tive ainda a oportunidade de conviver com antigos e novos colegas e amigos, que muito influenciaram a minha maneira de pensar. Os nomes de Rui Bártolo Ribeiro e José Manuel Fonseca merecem destaque pela permanência e regularidade do contacto e no últirno caso, pela influência intelectual trazida pela abordagem da complexidade. Como docente, retomei no MCO o contacto com o Professor Carlos Alves



Marques numa altura em que a minha colaboração com o MCO se processava já na condição de professor na Universidade Nova de Lisboa. Reencontrei um conjunto de colegas assistentes entretanto já doutorados: a Manuela Faia-Correia, o lorge Gomes, a Teresa d'Oliveira, a Teresa Garcia-Marques. Conheci e tive o privilégio de ser orientador da tese do João Vieira da Cunha, hoje aluno de doutoramento do MIT e o meu "parceiro de artigos" mais frequente. Orientei outros alunos com os quais não tive a felicidade de poder continuar a trabalhar. Noutros casos, todavia, perdurou o contacto e a amizade depois do curso (alô "Grupo de Santo Estêvão"). Foi ainda no MCO que pude retomar o contacto com o meu orientador de doutoramento, o professor Theo Verhallen, contactar investigadores tão ilustres como Suzana Braga Rodrigues, com quem organizei um livro, Stewart Clegg, com quem escrevi um artigo, Ken Kamoche, o meu segundo "co-autor frequente". E aprendi com muitos outros com quem gostaria de ter escrito artigos (mas sei não se pode ter tudo), incluindo os Professores John Rijsman, Ralph Stacey, Tharsi Taillieu, Frederic Munné, Mark Peterson, Para encurtar uma história longa e não maçar os resistentes com um tom excessivamente confessional: participar no MCO tem sido uma magnífica experiência, da qual recebi mais do que alguma vez poderei retribuir. Fica a nota de reconhecimento.

DOCENTES DO MESTRADO EM COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL

Confirmados:

Prof. Doutora Teresa d'Oliveira

Prof. Doutor Jorge Gomes

Prof. Doutor Miguel Pina e Cunha

Prof. Doutora Teresa Garcia Marques

Prof. Doutor João Maroco

Prof. Doutor Arménio Rego

Prof. Doutor Garcia Pereira

Mestre João Cunha

Mestre Francisco Cesário

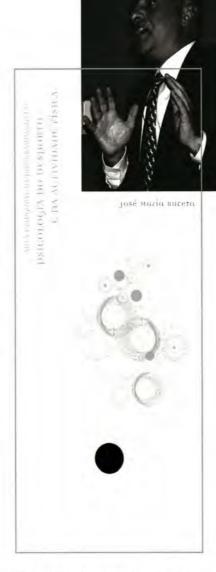
Mestre Luis Andrade

Dr. Rui Bártolo Ribeiro

DA PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESPORTO E DA ACTIVIDADE FÍSICA



Realizou-se no dia 8 de Janeiro de 2003 ao fim da tarde, perante um auditório nº I praticamente lotado, a sessão solene de abertura do referido curso. Alunos. Professores, representantes do ISPA, entre outros convidados destacando-se o treinador de Futebol Sénior, José António Camacho, o ex-Árbitro Internacional Vitor Pereira, Professores da área de Psicologia do Desporto no ISPA, entre outros profissionais da área. Na mesa o Dr. Pedro Almeida fez as honras da casa e convidou, os diversos representantes do quadro desportivo nacional a usarem da palavra e iniciar assim a sessão solene. O primeiro a fazê-lo foi o Dr. Frederico Carlos, representante do presidente do Instituto Nacional do Desporto, onde para além de felicitar o ISPA, aliás como todos, se referiu à importância das Pós-Graduações no país enquanto instrumento de melhor trabalho, para além da importância da intervenção da Psicologia em contexto desportivo. Depois foi a vez do Comandante Vicente Moura, Presidente do Comité Olímpico Português falar da importância da Psicologia na área desportiva e referir também que infelizmente nem sempre observa fácil, a integração da Psicologia no desporto em Portugal. referindo-se a inseguranças e a receios. Por fim demonstrou disponibilidade total do Comité Olímpico Português, na acreditação da Psicologia do Desporto. Em seguida discursou o Dr. José Carvalho, representante do Presidente da Confederação do Desporto de Portugal, onde se referiu à necessidade de suprir carências evidentes no mercado desportivo de Psicólogos do Desporto. De seguida, o Dr. Pedro Almeida usou da palavra começando por apresentar os elementos constituintes da Direcção deste curso nomeadamente ele próprio,



Dr. José Maria Buceta da Universidade Nacional de Ensino à Distância de Madrid, Dra. Maria João Gouveia do ISPA e o Dr. António Manuel da Fonseca da Universidade do Porto. Passou a palavra a este último, onde observou, em primeiro, o paradoxo entre discurso e percurso e a necessidade de encurtar distâncias entre teoria e prática em Psicologia do Desporto e da Actividade Física. Por outro lado, sublinhou a necessidade de se apostar não tanto em quantidade mas sim em qualidade na formação nesta área de forma a que esta se torne cada

vez mais objectiva e eficaz por um lado, por outro na necessidade de se alargar esta tipologia de formação a todos os intervenientes em contexto desportivo, O Dr. Pedro Almeida usou da palavra em seguida para vincar a importância do objectivo deste curso que, em sintonia com o colega anterior, se destina a preparar melhor as pessoas que intervêm no contexto do desporto. Por último, a intervenção do Dr. José Maria Buceta a fechar a sessão solene. Num estilo dinâmico e entusiástico. referiu-se aos objectivos da Psicologia do Desporto, diferenciando, desde logo, Psicologia e Psicólogos. Todos os que trabalham com Psicologia têm de dominar aspectos psicológicos e que nesse sentido a Psicologia não é, nem pode ser exclusiva dos Psicólogos, exemplificando com a formação que devem ter treinadores, jogadores, dirigentes, preparadores físicos, árbitros entre outros, no domínio de algumas questões. Lembrou a relação desejada entre rendimento e funcionamento mental e abordou várias temáticas da actualidade. de forma simples e carismática. Por último, e antes de terminar a sessão, apresentaram-se os primeiros alunos da primeira Pós-graduação em Psicologia do Desporto e da Actividade Física no ISPA.

carlos miguel santos



vitor pereira e António camacho entre a assistência

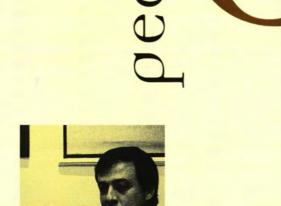
Imeida

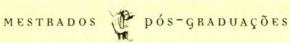
o ispa potencia o desenvolvimento da formação em psicologia do desporto E DA ACTIVIDADE FÍSICA, ATRAVÉS DA ESPECIFICIDADE E DA GENERALIDADE DOS QUADROS CURRICULARES QUE OFERECE. DIRIGIR A FORMAÇÃO AOS DIVERSOS AGENTES DESPORTIVOS COM O OBJECTIVO DE ELEVAR OS SEUS NÍVEIS DE COMPETÊNCIA E SIMULTANEAMENTE A SUA capacidade de compreensão da ciência, com vantagens óbvias na aceitação DA PSICOLOGIA ENQUANTO INSTRUMENTO DE AJUDA; DESENVOLVER NOVAS E MOTIVADORAS PROPOSTAS DE APRENDIZAGEM,

na continuação necessábia à formação base de cada um.

O DR. PEDRO ALMEIDA RESPONSÁVEL PELO GRUPO DE PSICOLOGIA DO DESPORTO E DA actividade física no ispa, responde-nos a sete questões e elucida-nos da realidade.

ENTREVISTA DE CABLOS MIGUEL SANTOS





Qual é na sua opinião o estado actual da Psicologia do Desporto e da Actividade Física em Portugal?

Na minha opinião, a Psicologia do Desporto e da Actividade Física (PDAF) evoluiu muito nos últimos 10 anos em Portugal. Na área da Formação são várias as instituições de ensino superior que desenvolvem formação nesta área, o que não acontecia há 10 anos atrás. Na área da Intervenção posso citar o meu exemplo: eu comecei a trabalhar como psicólogo do Desporto há 9 anos e nessa altura eram muito poucos os psicólogos que estavam no "terreno" (nos últimos 7 anos as Faculdades começaram a lançar licenciados com interesses e formação nesta área para o mercado de trabalho). Actualmente os nossos profissionais estão espalhados um pouco por quase todas as modalidades, sobretudo nos escalões de formação. Contudo, permanecem, de uma forma geral, em situações laborais pouco estáveis e maioritariamente em tempo parcial (o que é comum à majoria dos restantes profissionais do desporto). Também na área da investigação se tem avancado bastante: desde 1995 para cá têm-se multiplicado os trabalhos desta área publicados quer em revistas de Psicologia quer em revistas das Ciências do Desporto. No entanto, julgo que ainda há muito por fazer nas três áreas atrás referidas e é nesse sentido que o Grupo de Trabalho em PDAF do ISPA tem trabalhado e vai continuar a trabalhar nos próximos anos!

Quais são nesta altura as expectativas do ISPA, face ao crescimento de formação que propõe nesta área, nomeadamente a Pós-graduação/ Mestrado e o curso de Competências Psicológicas a adicionar ao 5°ano de PDAF?

A Formação por nós ministrada no 5° ano da Licenciatura em Psicologia (Tema Avançado em PDAF, Supervisão de Monografias e de Estágios nesta área) e na Pós-graduação em PDAF surgem numa línha de continuidade, sendo que, a Pós-graduação, aparece tam-

"...é importante que os psicólogos se capacitem, que o domínio das questões psicológicas não são propriedade dos psicólogos!"

bém como o corolário dum processo de desenvolvimento de relações de trabalho com um vasto conjunto de Universidades de Espanha que desenvolvem projectos neste contexto, particularmente com a UNED - Universidade de Ensino à Distância de Espanha e simultaneamente ponto de partida para outros projectos que já estão a ser pensados...

Os cursos que temos desenvolvido no âmbito do Departamento de Formação Permanente do ISPA ("Treino de Competências Psicológicas em Atletas de Competição" e "Dirigir Equipas") surgiram pelo conhecimento aprofundado que o nosso Grupo tem das necessidades dos respectivos públicos-alvo e mantém-se porque uma grande parte dos agentes desportivos (no caso do curso "Treino de Competências Psicológicas em Atletas de Competição") não têm como habilitações de base Licenciatura (o que os impede de frequentar uma Pós-graduação). Para além disto iniciámos em 2002 um curso que nos parece muito pertinente e que liga os conceitos e experiências do Treino Desportivo e da Psicologia do Desporto, às Organizações, cruzando-se experiências de formandos de todo o tipo de organizações (empresas, escolas, hospitais, autarquias, etc.).

Acha que o psicólogo deve trabalhar com o treinador, com os jogadores, com ambos, deverá estar afecto ao clube ou instituição? Qual é a sua posição pela experiência que adquiriu nos últimos anos?

Eu acho que todas as situações são válidas! Contudo o desafio deve ser colocado ao Treinador e este é que deve decidir qual a abordagem que pretende. Infelizmente uma boa parte dos treinadores ainda não tem formação suficiente nesta área para entender de forma clara qual o papel do Psicólogo no Desporto. Daí julgarmos fundamental o desenvolvimento de formação para Treinadores pois assim poderemos contribuir para a clarificação do nosso papel neste difícil contexto.

Existem aspectos de perfil do psicólogo, decisivos para uma opção entre trabalhar em formação ou alto rendimento?

Eu diria antes que existem algumas características importantes para o exercício da nossa profissão em contextos de Desporto e de Actividade Física (o que não quer dizer que não sejam comuns a outros contextos): gostar de desporto e/ou de exercício, resistência à frustração, boas competências comunicacionais, criatividade, entre outras. No alto rendimento eu acrescentaria a capacidade de trabalhar de uma forma discreta, sem protagonismo....



Hoje em dia, sobre os atletas existe uma grande pressão mediática nas modalidades de alto rendimento e também dos pais sobre os seus filhos nos escalões de formação. Neste sentido, quais deverão ser as preocupações do Psicólogo em relação aos outros e em relação a si próprio?

Em relação aos outros eu costumo dizer que a nossa principal preocupação deve ser... ajudar! É com esta palavra que eu costumo iniciar as minhas conversas com os meus interlocutores! Em relação a nós próprios eu diria que não devemos cair na tentação de guerer resolver todos os problemas que nos surgem de uma só vez; um problema de cada vez. Não podemos querer mostrar aos outros de uma forma desenfreada que sabemos fazer e desatarmos a realizar um conjunto sucessivo de actividades só para mostrar-mos trabalho... isso normalmente dá asneira... É sobretudo necessário pensar muito antes de agir (particularmente no alto rendimento).

Considera que o ensino da PDAF deve ser enquadrado numa área clínica, social ou educacional e porquê?

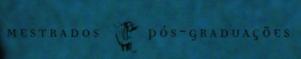
Tanto faz! As valências necessárias a um Psicólogo que vai intervir neste contexto são retiradas a cada uma das áreas que acabou de citar. Daí a necessidade de se continuar a formação nesta área depois da Licenciatura.

Considera que um psicólogo e um licenciado noutra área mas com pós-graduação em PDAF, estão em igualdade de circunstâncias na intervenção que exercem na área? Como acha que deve estar regulada esta situação?

Claro que não! Na Pós-graduação esse assunto tem sido e continuará a ser devidamente esclarecido! Por outro lado, é importante que os psicólogos se capacitem que o domínio dos aspectos psicológicos não é propriedade dos psicólogos! Eu costumo, inclusivé, dizer que os Treinadores é que são os responsáveis por grande parte da intervenção psicológica junto dos seus atletas. O que há é um papel específico nesse domínio guer para os treinadores guer para os psicólogos, assim como para outros agentes relevantes neste contexto (médicos, fisioterapeutas, massagistas, etc.). Para que tal seja entendido, é necessário contribuirmos para o desenvolvimento de programas de formação para estes agentes desportivos, pois só assim o papel do Psicólogo no Desporto será uma realidade! Caso contrário, seremos eternamente um "corpo estranho" nestes ambientes...

MESTRE PEDRO
ALMEIDA CONVIDADO
PARA O CONSELHO
EDITORIAL DA
REVISTA ESPANHOLA
"CIENCIAS APLICADAS
AL DEPORTE"

A UNED - Universidade Nacional de Educação à Distância de Espanha, decidiu criar a revista "Ciencias Aplicadas al Deporte", uma publicação semestral de carácter multidisciplinar, que incluirá artigos científicos sobre Medicina Desportiva, Psicologia do Desporto e da Actividade Física, bem como outras secções dirigidas a suscitar interesse e ser de utilidade a especialistas, estudiosos e profissionais interessados na aplicação do conhecimento científico à melhoria da saúde e do rendimento em Contextos do Desporto e da Actividade Física. Nesse sentido, convidou diversos especialistas de Espanha, Portugal, Brasil e alguns países de língua Espanhola a fazerem parte do respectivo Conselho Editorial. Foi nesse âmbito que o Mestre Pedro Almeida (coordenador da Pós-graduação em Psicologia do Desporto e da Actividade Física do ISPA) foi convidado e aceitou fazer parte do referido Conselho.



LICENCIATURAS

Psicologia Aplicada

(Despacho 128/MEC/86 de Junho)

Áreas de: Psicologia Clínica

Psicologia Educacional

Psicologia Social e das Organizações

Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental

(Portaria n.º 457-A/98 de 29 de Julho)

Reabilitação e Inserção Social

(Portaria n.º 457-A/98 de 29 de Julho)

POS - GRADUAÇÕES

Psicologia da Gravidez e da Maternidade Psicologia do Desporto e da Actividade Física Educação para a Cidadania Reabilitação e Inserção Social Género, Poder e Violência Gerontologia

MESTRADOS

Psicopatologia e Psicologia Clínica

(Portaria n.º 385/91 de 6 de Maio, alterada pela Portaria n.º 29/99 de 20 de Janeiro)

Psicologia Educacional

(Portaria n.º 385/91 de 6 de Maio)

Comportamento Organizacional

(Portaria n.º 385/91 de 6 de Maio)

Etologia

(Portaria n.º 503/93 de 12 de Maio, alterada pela Portaria n.º 1024/98 de 11 de Dezembro)

Psicologia Legal

(Portaria n.º 939/93 de 23 de Setembro, alterada pela Portaria n.º 1075/01 de 13 de Novembro)

Psicossomática

(Portaria n.º 243/97 de 10 de Abril)

Psicologia da Saúde

(Portaria n.º 107/97 de 17 de Fevereiro)

DOUTORAMENTO

Psicologia Aplicada

Universidade Nova de Lisboa

Em associação com

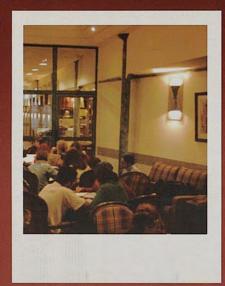
Instituto Superior De Psicologia Aplicada

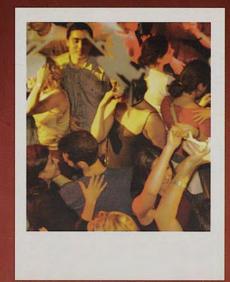
(Despacho n.º 3744/2002, Diário da República n.º 42, 19 de Fevereiro de 2002)



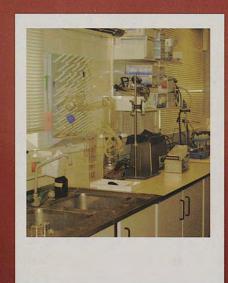
Mais informações em: www.ispa.pt info@ispa.pt



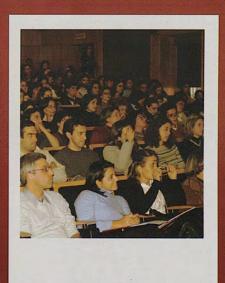


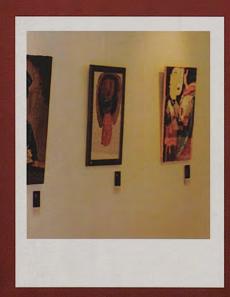




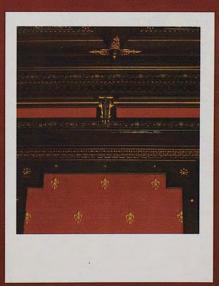












ENCONTROS EC CIENTÍFICOS

f U T U R O S

s, 6 e 7 de novembro 2003 11 COLÓQUIO EUROPEU DE DSICOLOGIA E ÉTICA

ÁREAS TEMÁTICAS

ÉTICA

AVALIAÇÃO E QUALIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

ÉTICA

FRONTEIRAS DA INVESTIGAÇÃO

ÉTICA

Inclusão / Exclusão

ÉTICA

AS DINÂMICAS FAMILIARES

ÉTICA

DESPORTO, INDÚSTRIA OU COMPETIÇÃO

ÉTICA

UTOPIA E JUSTIÇA

ÉTICA

SEGURANÇA E LIBERDADES

ÉTICA

INTERVENÇÃO NAS CATÁSTROFES

ÉTICA

PSICOTERAPIAS E PSICOTERAPEUTAS

ÉTICA

AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

(IN) SUSTENTÁVEL

ÉTICA

NECESSIDADES E CONSUMOS

ÉTICA

COMUNICAÇÃO SOCIAL, PODER E CIDADANIA

ÉTICA

NAS E DAS ORGANIZAÇÕES

ÉTICA

VIDA E MORTE

ÉTICA

DA FORMAÇÃO E NA FORMAÇÃO

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Victor Cláudio - Coordenador

Ana Carita

Camilo Inácio

Isaura Pedro

Jaime Coelho

Jorge Gomes

Nélia Rebelo da Silva

Patrícia Palma

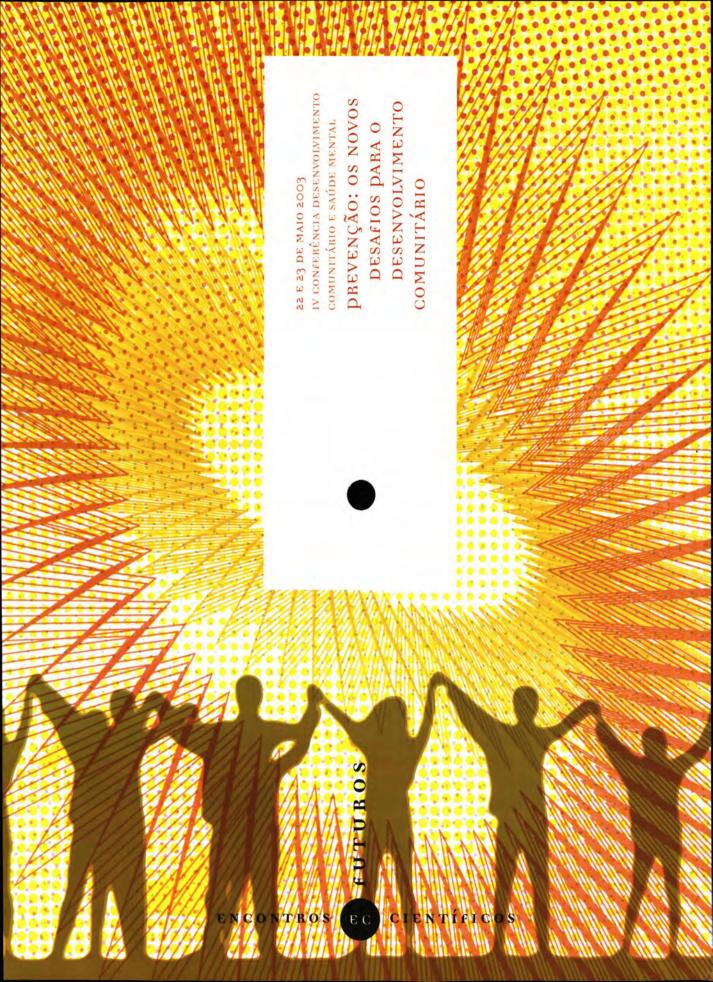
Data limite para envio de resumos

dia 02 de Junho de 2003, para o e-mail:

Etica@ispa.pt

SECRETARIADO

Andréa Hollaender



Desde que se iniciou a Licenciatura em Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental, no ano lectivo de 1998-1999, decidimos criar um espaço anual de debate aberto para o exterior e dedicado aos estudantes e profissionais nesta área. Estas iniciativas têm como objectivo aprofundar e consolidar os conhecimentos e manter uma ligação entre o trabalho comunitário concreto e a Universidade, através da apresentação de Projectos e Programas de Intervenção.

A I Conferência de Desenvolvimento
Comunitário e Saúde Mental foi um
momento relevante, porque congregou
um vasto conjunto de participantes que
reflectiram em conjunto sobre a necessidade
de uma perspectiva teórica orientadora
e que resultou na publicação das Actas,
contendo 27 comunicações sobre
intervenção comunitária.

A Diversidade e a Multiculturalidade foram os temas da II Conferência de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental, que se constituiu como um momento de debate inspirador e relevante em torno do impacto destas temáticas na intervenção comunitária e que também deu origem à publicação de Actas, contendo 26 comunicações.

No ano lectivo 2001/2002 realizou-se a III Conferência de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental, sobre as temáticas da Participação, Empowerment e Liderança Comunitária, conferindo prioridade à compreensão dos processos

através dos quais os indivíduos possam assumir um papel relevante na tomada de decisões nas instituições, nos programas e nos contextos que, de alguma forma, os afectam. Em breve serão, também, publicadas as Actas resultantes desta conferência, que contarão com 26 comunicações. Este ano lectivo (2002/2003) decidimos organizar a IV Conferência de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental, que terá lugar nos dias 22, 23 e 24 de Maio 2003, no ISPA. Esta conferência decorrerá sobre o tema da Prevenção Primária pois acreditamos que muitos dos problemas sociais das comunidades contemporâneas só poderão ser confrontados com uma aposta eficaz na Prevenção, isto é, numa intervenção comunitária proactiva e holística.

Ao organizarmos o Programa desta Conferência quisemos que abrangesse um leque diversificado de temáticas especificas de prevenção, bem como um conjunto de modelos teóricos que devem sustentar a planificação, a intervenção e a avaliação de programas.

Esta IV Conferência Desenvolvimento
Comunitário e Saúde Mental - Os Novos
Desafios para o Desenvolvimento
Comunitário, tem como principais objectivos:

 Desenvolver Modelos teóricos de Prevenção Primária, que forneçam aos técnicos e futuros profissionais do Desenvolvimento Comunitário os conhecimentos/estratégias necessárias à sua plena intervenção no campo da Prevenção:

- Promover a Planificação e Avaliação adequadas aos Programas de Prevenção;
- Potenciar os princípios e estratégias do Desenvolvimento Comunitário associado à Prevenção;
- Apresentar um conjunto de Programas de Prevenção em áreas diversificadas, como os Abusos Sexuais de crianças, o Alcoolismo, o Tabagismo, a Toxicodependência, os Acidentes Rodoviários, o VIH/SIDA, a Violência Contra as Mulheres, a Delinquência, que se apresentam como desafios para o Desenvolvimento Comunitário;
- Fomentar um fórum de debate e contactos para aprofundamento dos modelos e objectivos da Prevenção em diversas áreas;
- Ampliar nas várias comunidades a possibilidade da Construção/Planificação/ Avaliação dos seus próprios Programas de prevenção como forma de Promoção da Saúde Mental.

Esperamos, assim, que este possa ser um espaço de debate e discussão, com participação dos alunos da Licenciatura e de outros intervenientes, que promova uma ligação mais estreita entre o estudo, a investigação e a realidade social.

85

S

pirecção Licenciatura pesenvolvimento comunitário e saúde mental



xι σοιόφιπο τε psισοιοgia ε ευισαζίο EXPERIÊNCIA SOCIAL, EDUCAÇÃΟ Ε DESENVOLVIMENTO

O Papel da Experiência Social na Educação e Desenvolvimento foi o tema geral do XI Colóquio Psicologia e Educação que decorreu no ISPA nos dias 14 e 15 de Novembro de 2002.

Embora inserido no âmbito das comemorações dos 40 anos do Instituto. o encontro científico anual organizado pelo Departamento de Psicologia Educacional, iá se tornou um tradicional espaco de partilha e debate de trabalhos, ideias e preocupações ligadas à educação por docentes, profissionais e estudantes. Este facto esteve presente na organização desta iniciativa onde, a par com conferências em sessão plenária, foram privilegiados momentos de discussão temática como as mesas-redondas e a sessão de posters. Este encontro científico contou com a colaboração de 75 oradores nacionais e estrangeiros e cerca de 600 participantes oriundos de todo o país e com diferentes tipos de formação e de actividade profissional, aderência reveladora do impacto desta iniciativa. Dentro os especialistas convidados destacam-se: Barbara Rogoff (U. da Califórnia),

destacam-se: Barbara Rogotf (U. da California), J.C. Gomes Pedro (F. Medicina de Lisboa, Hospital de Sta. Maria), David Rodrigues (F. Motricidade Humana), A. Palmonari (Univ. De Bolonha), Serge Ragano (U. de Tolouse), António Candeias (U. Nova de Lisboa), Maria de Lurdes Serrazina (ESE Lisboa); Paulina Mata (FCT, U. Nova de Lisboa), Teresa Brandão Coutinho (F. Motricidade Humana), Isabel Chaves de Almeida (Cent. de Apoio à Criança e à Família), Filomena Gaspar (FPCE da U. de Coimbra), Lúcia Amante (U. Aberta), Xesús Jares (U. da Corunha), Sara Araújo (Insti. da Criança, Braga), Carla Cibele

(ESE Setúbal); Angelo de Sousa (CCPPES); Rui Pedro Silva (IPDT); Manuel Peixoto (ARISCO); Inácia Santana (ESE de Lisboa) e Filomena Serralha (C.M.Lisboa).

e Filomena Serralha (C.M.Lisboa). O ISPA esteve representado pela grande majoria dos docentes de Departamento de Psicologia Educacional: Margarida Alves Martins, Isabel Matta, Zilda Fidalgo, Isaura Pedro, Manuela Verissimo, Lurdes Mata, Vera Monteiro, Ana Cristina Silva, Ana Carita, Francisco Peixoto, José Morgado, losé Silva, Sérgio Niza, Paulo Louro, Manuela Machado e por Mana Gouveia, António Santos e Carlos Lopes. No final dos trabalhos foi reconhecida a importância deste tipo de iniciativas não só pela vertente científica, para divulgação e confrontação de perspectivas, reflexões teóricas e resultados das investigações conduzidas pelos docentes do departamento e especialistas convidados, mas sobretudo pela sua significação social, para se aprofundarem reflexões e relações e se estreitarem colaborações.



Após uma breve Sessão de Abertura Margarida Alves Martins, presidente do Departamento e da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação proferiu uma conferência (Experiência Social e Aprendizagem no Jardim de Infância) onde partindo de resultados empíricos reflectiu sobre a importância das características da prática pedagógica no ensino pré-escolar e o desenvolvimento de representações e conhecimentos específicos sobre a linguagem escrita. Uma visão histórica e critica às abordagens organicistas da dislexia foi o tema geral da conferência de S. Ragano, da Universidade de Toulouse (Dislexie: Le Retour). A estas duas conferências seguiram-se quatro painéis onde o tema geral de debate foram as aprendizagens escolares:

Ana Cristina Silva); A Aprendizagem da Matemática (Moderador: Glória Ramalho): Cientistas de Palmo e Meio: uma Brincadeira muito Séria (Moderador: Paulina Mata (FCT, Univ. Nova de Lisboa) e Interacções entre Pares em Contexto de Sala de Aula (Moderador: Vera Monteiro). A sessão da tarde deste primeiro dia foi iniciada por duas conferências: Isabel Matta (Aprender Vivendo: As Experiências de Vida no Desenvolvimento e na Aprendizagem) reflectiu sobre as reflexos ao nível cognitivo da participação sócio-cultural da criança ao longo da infância e da importância desenvolvimental das representações esquemáticas de experiências de vida. I. C. Gomes Pedro questionando se sobre: O que é ser Criança?, concluiu que ser criança significa o destino de vida feito relação e afecto, após ter realçado a importância da afectividade presente nas (primeiras) relações interpessoais, assim como a influência de outras realidades, na expressão de potenciais competências ao longo das várias etapas da vida. No âmbito das mesas-redondas foram tema de debate a Intervenção Precoce (Moderador:

Aprender a ler, Ler para Aprender (Moderador:

No âmbito das mesas-redondas foram tema de debate a Intervenção Precoce (Moderador: Júlia Serpa Pimentel); O Desenvolvimento Social da Criança (Moderador: Manuela Veríssimo e António Santos); A Experiência Social, Desenvolvimento e Aprendizagem (Moderador: Isabel Matta e Zilda Fidalgo); Contextos Ricos de Aprendizagem no Pré-escolar: Experimentar, Interagir e Envolver (Moderador: Lurdes Mata).

- O dia terminou com uma sessão de Posters onde foram apresentados diversos trabalhos de investigação e o lançamento de:
- Um CD da autoria de uma equipa liderada por António Candeias (U. Nova de Lisboa) intitulado: Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX Os Censos e as Estatísticas, base de dados de fácil consulta e organizadora do processo de escolarização em Portugal entre 1875 e 1999, nomeadamente na forma como os conteúdos educativos se inserem nos 122 volumes dos Censos Populacionais.
- Do livro: Educação e Conflito: Guia de Educação para a Convivência, da autoria de Xesús Jares (U. da Corunha).
 O dia 15 de Novembro começou com uma conferência em que A. Palmonari (Univ de Bolonha) partindo da análise

do trabalho empírico que tem vindo a desenvolver ha vários anos, mostrou como Os Valores na Adolescência, estão relacionados com a qualidade das relações com os adultos significativos e da forma como os adolescentes percepcionam a justiça no exercício da autoridade. Educar para a Paz e Cidadania depois do II de Setembro foi o tema desenvolvido por Xesús Jares (Univ. Da Corunha), onde destacou algumas medidas a levar a cabo no campo educativo, nomeadamente: enfatizar o valor da vida humana e a cultura da não violência; fomentar o compromisso com a procura da verdade e sensibilizar para o valor da justiça em detrimento da vingança e do ódio.

As mesas-redondas desta primeira parte do dia versaram os seguintes temas: Escola, Cidadania e lustica (Moderador: Graca Fernandes - Professora/Formadora): Prevenção Primária das Toxicodependências (Moderador: Rui Pedro Silva - IPDT/ ISPA): Formação Cidadania e Desenvolvimento Comunitário (Moderador: Isaura Pedro) e Auto-conceito em Contexto Escolar (Moderador: Francisco Peixoto). Na última sessão deste encontro ainda se discutiu sobre: Educação: Qualidade, Cooperação e Comunidade (Moderador: José Morgado); Educação para a Democracia - A Organização da sala de aula no Desenvolvimento Sócio-Moral (Moderador: Sérgio Niza); Promoção e Valorização do Capacidade Educativa dos Pais (Moderador: Manuela Machado); Políticos Educativos: A Intervenção das Autarquias (Moderador: Paulo Louro).

Antes do encerramento ainda se reflectiu sobre a Educação Inclusiva: As bods e as más noticias, conferência proferida por David Rodrigues (F. Motric. Humana). E Barbara Rogoff, figura importante da Psicologia Cultural encerrou o ciclo de conferências, abordando o tema: Learning Through Intent Participation, tema este que será desenvolvido na rúbrica seguinte.

isabel marra e zilda sidalga-





PSICOLOGIA CULTURAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

UM ENCONTRO COM BÁRBARA ROGOFF

Barbara Rogoff, da Universidade da Califórnia, é um nome de destaque na área da Psicologia Cultural. Trabalhou no Laboratory of Comparative Human Cognition, com Michael Cole, James Wertsch, Sylvia Scribner, entre outros. Dentre os numerosos artigos e publicações ao longo dos últimos 20 anos, destacamos a obra Apprenticeship in Thinking, uma obra de referência na área da Psicologia Cultural.

A Psicologia Cultural, nas suas diferentes vertentes, pretende responder ao renascimento do interesse pela natureza social do ser humano, a que se tem vindo a assistir nas ultimas décadas. Este interesse, sendo recorrente ao longo da história das ciências humanas, continua a ser tratado segundo dois modelos arquétipos (Valsiner & van der Veer, 2000). No primeiro desses modelos, os cientistas mostram uma grande preocupação em demonstrar a fusão dos indivíduos com os contextos sociais. De acordo com este ponto de vista, as pessoas são sociais porque submetem a sua personalidade individual à necessidade de participar nas actividades de uma determinada unidade social. O segundo arquétipo, pelo contrário apresenta as pessoas enquanto atraídas pelo mundo social, e por isso seguem as suas normas.

Contudo, um terceiro modelo enfatiza simultaneamente a individualidade (uniqueness) e o relacionamento (relatedness) da pessoa com as unidades sociais, pretendendo ultrapassar a parcialidade dos dois modelos anteriores. Este modelo, inspirado no desenvolvimento das teses de Vygotsky, tem vindo a tornar-se o centro das atenções desde os anos noventa, sob a designação de Psicologia Cultural. É nesta abordagem que



prof." poutora Bárbara Rogoff

se situa o trabalho desenvolvido nos últimos 20 anos por Bárbara Rogoff, com um enfoque particular na observação etnográfica das diferentes formas de participação guiada, em contextos de actividade social. O seu objectivo é pôr em evidência a complexidade da unidade entre as pessoas e o seus contextos sócio-culturais, recusando separá-los teoricamente.

Aquando da sua participação no XI Colóquio Psicologia e Educação, realizado em Novembro de 2002, tivemos oportunidade de realizar uma longa entrevista com Bárbara Rogoff, de que apresentamos seguidamente breves excertos, com o objectivo de clarificar os seus pontos de vista, no momento actual do seu trabalho.

Como situa a Psicologia do Desenvolvimento no quadro da Psicologia Cultural, hoje, se é que podemos falar de uma perspectiva única nesta corrente da Psicologia?

Na família da Psicologia Cultural há hoje uma grande variedade de abordagens. A maior parte não estuda o desenvolvimento, no sentido do estudo da infância ou da criança, embora seja importante que se abra uma janela nesse sentido.

Aqueles que tentam abordar o estudo do desenvolvimento humano, em que incluo o meu trabalho, deslocam-se de uma abordagem do desenvolvimento individual, como se este acontecesse no vacuum, para o estudo de como as pessoas crescem e se desenvolvem como participantes, (e não membros, o que pressuporia uma fronteira entre membros e não membros), em comunidades culturais. Uma das principais contribuições da Psicologia Cultural consiste exactamente em mostrar que não há "pessoas genéricas". Fala-se normalmente da "criança" como se tal entidade existisse em si mesma. "A criança" não existe enquanto tal - todas as criancas são históricas. Os seres humanos nunca estão sòzinhos, mas em comunidades culturais com uma história, e nós não temos prestado atenção suficiente à forma como as pessoas participam nessas comunidades.

Em termos de oferta teórica neste campo, não penso que tenhamos avançado o suficiente. Precisamos de mais investigação empírica e não apenas de trabalho conceptual. Mas é evidente que o trabalho conceptual é importante e reorienta a investigação.

A insuficiência de investigação empírica não poderá conduzír, por vezes, a um discurso retórico sobre o desenvolvimento humano, a que falta sustentação?

Com certeza. Mas existem já vários trabalhos de observação empírica que ilustram alguns dos conceitos teóricos. A procura de situações em que se "vejam" esses conceitos ou ideias é essencial. Por exemplo, a investigação de Hutches (1991; 1993), sobre a construção de barcos e a arte de navegar, mostra que a actividade cognitiva, tal como os instrumentos, está distribuída por todos os que participam na actividade. No meu próprio trabalho estou particularmente interessada nas variações e diferenças culturais nos processos de socialização da

linguagem, como é o discurso na familia e na sala de aula. Muito trabalho deste tipotem sido feito, mas é muito recente.

O conceito de internalização, que aparece tanto em Vygotsky como em Piaget, tem sido muito discutido, nomeadamente no seu livro Apprenticeship in Thinking, em que prefere o conceito de apropriação por participação (participatory appropriation). Gostaria que comentasse.

Não me parece que exista grande concordância entre nós sobre o conceito de internalização. No que me diz respeito, não preciso de outra palavra para falar de participação, e sinto-me bastante confortável com o seu uso. A ideia que tentei dar nesse livro é que a pessoa não é auto-contida e tem que ultrapassar uma barreira para chegar à cultura. Seria como se houvesse uma "parede" entre o individuo e a

cultura, e essas fronteiras não existem. Neste momento não sinto necessidade de usar a palavra apropriação, mas não estou absolutamente segura. As pessoas e a cultura não são separadas, por isso a palavra participação, de momento, é suficiente para mim. E não tem nada de "mágico", mas traduz o que as pessoas fazem para que as coisas aconteçam. Na participação num sistema cultural há transformação.

prof. a poutora zilda ridalgo



O programa de investigação de Barbara Rogoff pode, assim, ser caracterizado a partir das seguintes premissas: a) reconhecimento da natureza holística do desenvolvimento humano, ou seja, as pessoas e as actividades constituem-se mutuamente; b) observação dos processos de desenvolvimento pela participação guiada nas práticas e nos contextos culturais; e c) prioridade das metodologias qualitativas no estudo dos indivíduos em contextos culturais.

O seu percurso como investigadora conjuga a descrição etnográfica dos fenómenos e dos diferentes modelos de psicologia popular (folk psychology) existentes, na psicologia e na educação, e a experimentação em contextos reais de vida.

Desta vertente do seu trabalho dá-nos conta no seu último livro, Learning Together: Children and Adults in a School Community (2001). Barbara Rogoff e colaboradores — pais e professors —, relatam-nos uma experiência, que tem vindo a ser construída nos últimos 20 anos, do que pode ser aprender por participação numa Comunidade Escolar. A organização desta Comunidade Escolar baseia-se na articulação das suas ideias teóricas e dos resultados da observação etnográfica sobre a vida das crianças em diferentes comunidades culturais.

zilda ridalgo e isabel matta



REALIZADOS

Os novos desafios ao devir social e humano colocados pela globalização trouxeram para o primeiro plano das sociedades contemporâneas a urgência do repensar objectivos, meios e estratégias do desenvolvimento. A relação progresso económico - desenvolvimento social não se vem realizando conforme o anunciado. A missão das sociedades de promover o bem estar individual e colectivo como princípio e prática social está, segundo diversas perspectivas, em causa. Estudos e discursos oriundos de variados sectores, social, económico, político e científico apontam a necessidade de construir

um desenvolvimento diferente, inclusivo, que combata a alienação e a desmobilização, mude de valores, atitudes e práticas e se alicerce em principios de vida social. e humana, ecologicamente sustentados. Neste contexto, à investigação, à intervenção directa, aos diferentes sectores sociais e económicos se solicitou. neste contexto, as reflexões e práticas que permitam e sustentem as necessárias mudanças que realizem a nova reabilitação e inserção. Para tal importaria, no quadro dos diversos trabalhos apresentados: Recolocar questões e ensaiar aproximações sobre a construção de novos significados, objectivos e caminhos da triologia globalização, solidariedade e inserção social.

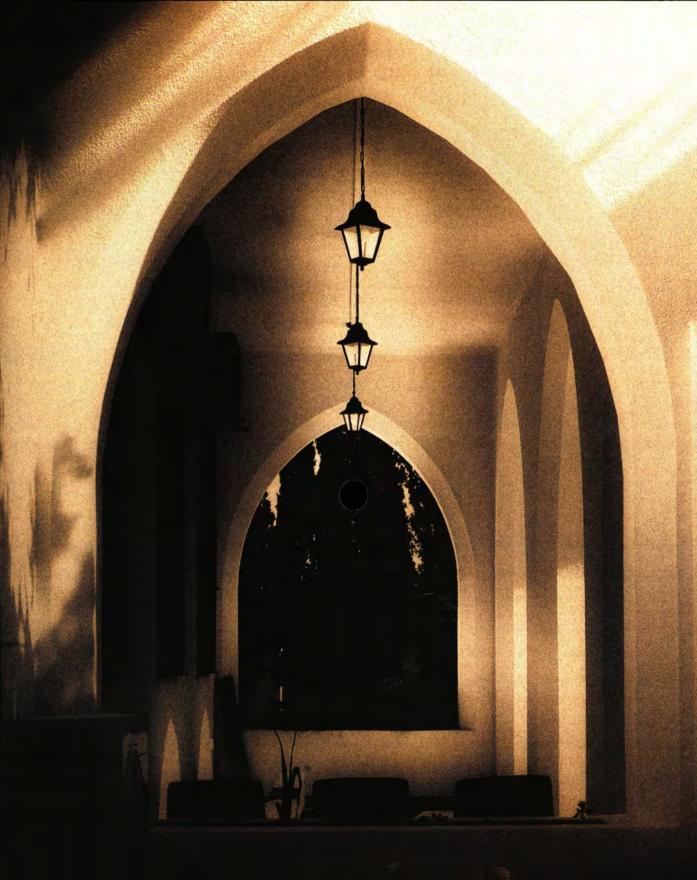
I ENCONTRO LICENCIATURA REABILITAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL

SOLIDARIEDADE INSERÇÃO SOCIAL

GLOBALIZAÇÃO,

Actualizar e aprofundar o diálogo intersectorial sobre novas perspectivas de aliança e partenariado na promoção do desenvolvimento social, ecologicamente sustentado necessário ao bem estar da sociedade. Reflectir sobre os novos desafios do desenvolvimento em coesão social e a investigação e a intervenção científicas em reabilitação e inserção social. Promover o confronto de práticas e o debate de metodologias e estratégias na definição de processos e respostas criativas e inovadoras em reabilitação e inserção social. Criar uma nova dialéctica desenvolvimento/inserção. Daqui resultaria uma outra globalização, um novo desenvolvimento suportado na cidadania pessoal e empresarial como factores necessários ao bem-estar e bem-viver em contexto de solidariedade, nomeadamente com as pessoas em situação/processo de exclusão.

arménio sequeira





PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO ENTRE A POLÍCIA DE SEGURANÇA DÚBLICA E O ISPA - BEJA

A colaboração com a comunidade constitui-se como uma das componentes importantes do Projecto Científico e Pedagógico do ISPA - Beja. Neste contexto, tendo o ISPA - Beja sido contactado pelo comandante Distrital da PSP, Subintendente lorge Maurício, no sentido de se estudar a hipótese de uma colaboração entre as instituições, foram realizadas algumas reuniões de trabalho que conduziram ao estabelecimento de um Protocolo de Cooperação assinado no passado dia 6 de Marco 2003.

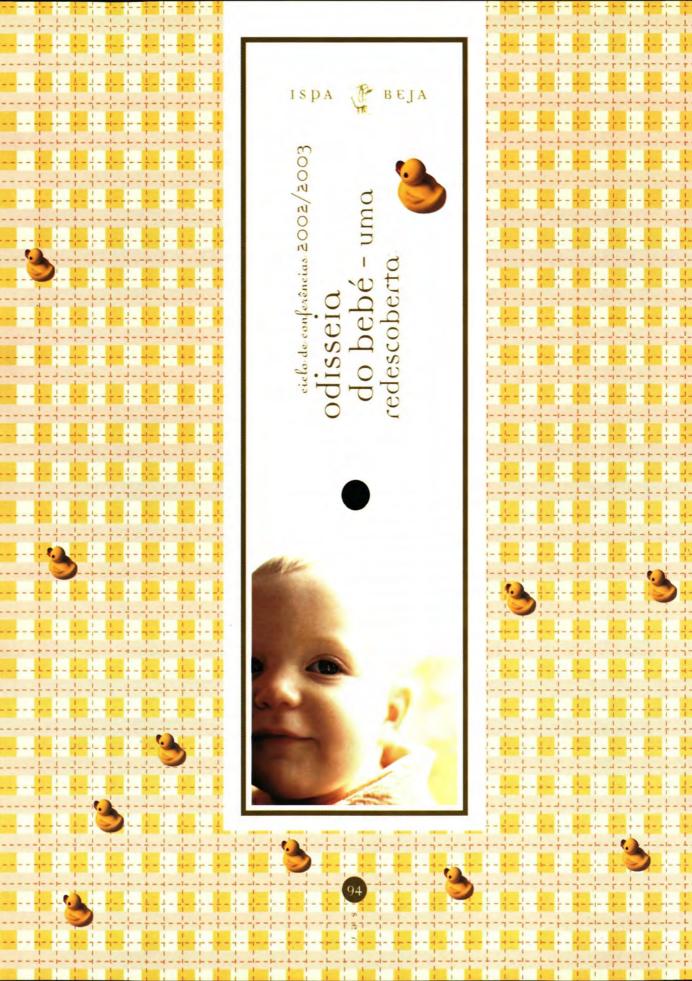
O Protocolo contemplará, por parte do ISPA - Beja a realização de trabalhos de natureza diversa e a partir de necessidades referenciadas pelo Comando Distrital assegurando também o ISPA - Beja a orientação técnico-científica dos referidos trabalhos.

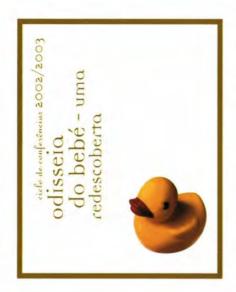
Com base nas reuniões de planeamento já realizadas prevê-se que se possam desenvolver trabalhos em recursos humanos em diferentes dimensões, gestão de stress em incidentes, estudos de opinião e representação junto da comunidade, etc.

José Morgado









A aventura pelo mundo des - conhecido do bebé iniciou-se: a primeira viagem (la sessão) foi realizada ao mundo da mãe que ainda não mãe, mas quase mãe cria, imagina fantasia o seu bebé... partimos para esta aventura de submarino. Com a comandante - Concepcion Diez Rubio - submergimos nas águas cálidas às vezes frias desse des - conhecido e imaginado útero, re-descobrindo o conhecido, desconhecido mundo peri-natal. Emergimos em várias ilhas, caminhamos em algumas delas. Mas na impossibilidade de vos contar toda a viagem, deixo-vos aqui um excerto do "diário de bordo" escrito pela comandante - Concepcion Diez Rubio, 2000 "(...) no existen dos embarazos iguales, ni siquiera los que se dan en la misma mujer. Pero además es importante tener en cuenta que cada embarazo es diferente también por las circunstancias en las que se produce, tanto en lo que respecta a la situación dela mujer, como a la de la pareja o del resto del entorno de la embarazada."

"El embarazo supone, en cualquier caso, un cambio vital de primera magnitud. La mujer no sólo ha de adaptarse a un cambio de identidad: no se es, ni se va a ser la misma, antes y después de un embarazo. Además, va a vivir durante nueve meses en una relación

muy directa con la propia realidad corporal y psicológica, a través de los cambios que se van produciendo en ella, a ambos niveles, día a día. Es una etapa de la vida en la que conceptos como fertilidad, vida o muerte pasan a ser realidades concretas que están en primer plano. con lo que ello supone de angustia para la mujer. A todo esto se le suma la preocupación ante las nuevas responsabilidades que empieza a adquirir frente a otro ser vivo (...) A segunda viagem (2ª sessão) fizemo-la de veleiro e o oceano escolhido por Alicia Monserrat foi o da relação mãe - bebé. Esse oceano de calmarias e tempestades. de encontros e desencontros, de aceitações e rejeições, de amores e ódios, de presenças e ausências... Partimos... e... fomos todos velejadores: uns do veleiro "Mãe", outros do veleiro "Bebé"... e de tantos outros veleiros que navegaram pelos tempos e ventos internos. E, fomos mãe, bebé... nós próprios no outro... e outros em nós próprios... e... navegamos em todos os veleiros. A terceira viagem (3ª sessão), essa foi feita de balão, pilotada por Coelho Rosa... e como balonistas partimos... Sobrevoando a terra do bebé iniciou-nos na técnica da observação, do olhar silencioso, da possibilidade e da impossibilidade da construção/ desconstrução de uma relação de cumplicidade entre observado (bebé) e observador: da presença silenciosa, atenta, afectiva no olhar, no gesto silencioso e discreto... e ao

sobrevoando a terra do bebe iniciou-nos na técnica da observação, do olhar silencioso, da possibilidade e da impossibilidade da construção/ desconstrução de uma relação de cumplicidade entre observado (bebé) e observador; da presença silenciosa, atenta, afectiva no olhar, no gesto silencioso e discreto... e ao contar-nos como uma mão pequenina agarrou a sua num centro comercial apinhado de gente e que ao olhar descobriu a já criança que durante dois anos tinha silenciosamente observado...Nós, os que ouvíamos, descobrimos / redescobrimos a impossibilidade possível de existirem flores no céu e estrelas no chão...

E... agora esperamos tranquilamente ansiosos pelas próximas viagens.

antónia rernandes



ACREDITAÇÃO

INOFOR

FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES

Inserido no domínio das actividades de extensão universitária e de ligação à comunidade, o Departamento de Formação Permanente (DFP) do ISPA tem a missão de promover, organizar e gerir acções de formação dirigidas a profissionais, na perspectiva da formação contínua e ao longo da vida. Tem como públicos-alvo os psicólogos, professores, médicos, enfermeiros, educadores de infância, formadores, gestores de recursos humanos, técnicos de serviço social e técnicos de reabilitação e inserção social, entre outros.

Desenvolve a sua actividade através de um corpo qualificado de formadores, que trabalha em função de padrões de qualidade e com preocupação constante em dar resposta efectiva às expectativas e necessidades dos formandos.

As actividades de formação, que pretendem ser relevantes para as práticas profissionais, visam aumentar as capacidades para lidar com problemas emergentes e contribuir para o desenvolvimento de competências.

DEPABTAMENTO DE FOBMAÇÃO PERMANENTE

EQUIPA DEP

José A. Carvalho Teixeira

Director

Tel.: 218 811 700 • Fax: 218 860 954

E-mail: teixeira@ispa.pt

Sílvia Ramalho
Gestora Técnico-Pedagógica
Tel.: 218 811 700 • Fax: 218 860 954
E-mail: silvia_ramalho@ispa.pt

António Neves de Carvalho
Gestor Técnico-Pedagógico / Beja
Tel.: 284 321 450 • Fax: 284 321 451
E-mail: nevesdecarvalho@ispa.pt

Ana Paula Sousa Secretária Tel.: 218 811 700 • Fax: 218 860 954 E-mail: dfp@ispa.pt

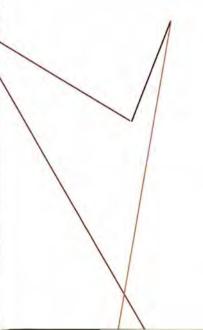
As actividades formativas são de 2 tipos:

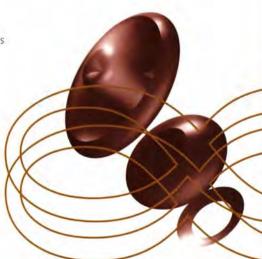
OFERTA FORMATIVA

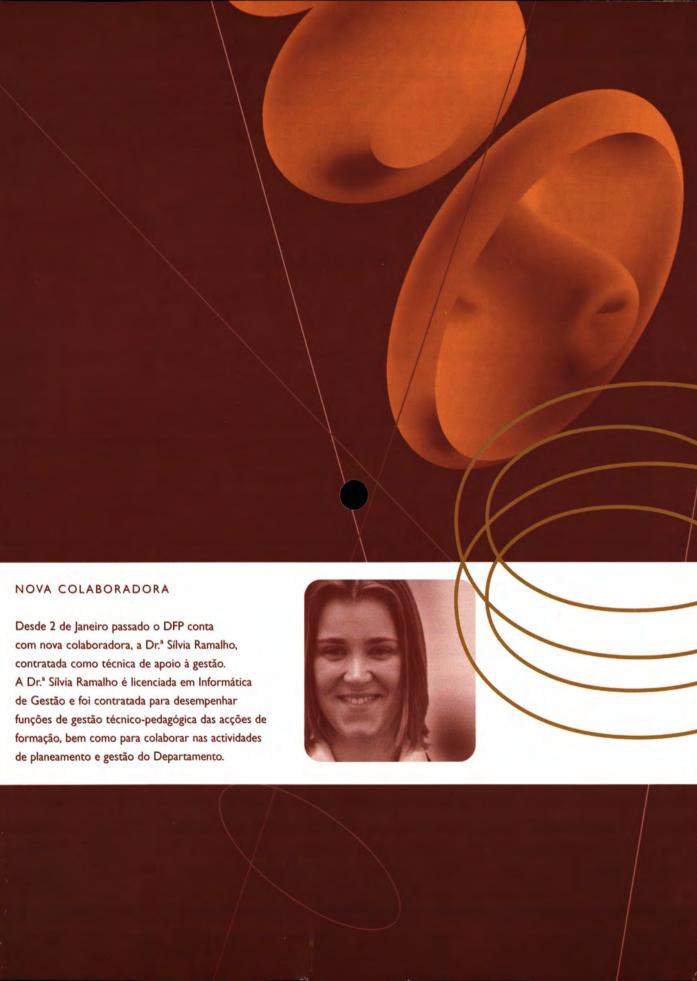
Acções de formação em Lisboa e Beja

FORMAÇÃO À MEDIDA

Execução de acções de formação de acordo com as necessidades específicas das organizações





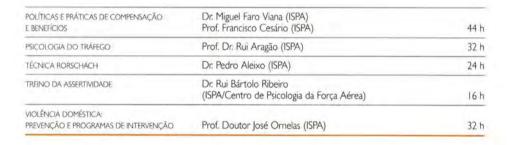




LISBOA

DBÓXIMAS ACÇÕES DE FORMAÇÃO

CURSOS	COORDENAÇÃO	HORAS
análise psicodinámica do desenho	Dr. Jaime Coelho (ISPA)	40 h
ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL COM IDOSOS	Dr. João Lima (Santa Casa da Misericórdia de Mafra)	28 h
BEM-ESTAR ANIMAL	Prof. Doutor Rui Oliveira (ISPA)	48 h
CLÍNICA DAS PERTURBAÇÕES DA PERSONALIDADE	Dr. Vítor Amorim Rodrígues (ISPA / Instituto de Reinserção Social)	12 h
EFICÁCIA PESSOAL E GESTÃO DE EQUIPAS	Dr.ª Isabel Perestrelo (Psicóloga, Consultora de Recursos Humanos)	30 h
ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO NA ANSIEDADE E NA DEPRESSÃO	Dr. José A. Carvalho Teixeira (ISPA)	12 h
EXPRESSÃO PELA PINTURA	Dr.ª Teresa Faria dos Santos (Psicóloga clínica)	24 h
FORMAÇÃO CONTÍNUA DE FORMADORES	Dr.ª Graça Pinto (PERFIL)	60 h
INTRODUÇÃO À MUSICOTERAPIA	Dr.ª Eduarda Carvalho (Psicóloga. Musicoterapeuta)	30 h
MODELOS BREVES DE INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS	Dr. José Luís Botas (Instituto de Reinserção Social)	60 h
ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL - APERFEIÇOAMENTO	Dr. Jorge Camarate (Psicólogo. Conselheiro de Orientação)	18 h
PSICOLOGIA E INTERNET: DOS RECURSOS À INVESTIGAÇÃO	Dr. Carlos Lopes (ISPA)	30 h
SAÚDE MENTAL E PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE RELACIONAMENTO INTERPESSOAL	Prof.ª Doutora Margarida Gaspar de Matos (Faculdade de Motricidade Humana)	



BEJA

CURSOS	COORDENAÇÃO	HÖRAS
ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL - INICIAL	Dr. Jorge Camarate (Psicólogo. Conselheiro de Orientação)	30 h
INTRODUÇÃO À TERAPIA FAMILIAR	Dr. Manuel Lemos Peixoto (Supervisor e formador da SPTF)	12 h
CLÍNICA DAS FOBIAS	Dr. J. Coelho Rosa (Psicólogo. Psicanalista)	12 h





1995 - 2002

ACÇÕES DE FORMAÇÃO

OFERTA FORMATIVA

Entre 1995 e 2002 (inclusive) o DFP realizou em Lisboa e Beja um total de 358 acções de formação (média de 64 acções/ano nos últimos 3 anos), que corresponderam a 10.235 horas de formação, frequentadas por 9155 formandos e animadas por 254 formadores.

ANO	ACÇÕES	HORAS	FORMANDOS
ANO	ACÇOES	HORAS	PORMANDOS
1995	16	350	598
1996	22	594	929
1997	31	750	850
1998	38	1060	954
1999	59	1512	1646
2000	57	1606	1363
2001	66	2146	1546
2002	69	2217	1269
TOTAL	358	10235	9155

Esta oferta formativa insere-se em várias áreas de formação. O número de acções que estão disponíveis em cada área são apresentadas no quadro seguinte.

DISTRIBUIÇÃO DA OFERTA FORMATIVA POR ÁREAS DE FORMAÇÃO ACCÕES ÁREA DE FORMAÇÃO Ciências Sociais e do Comportamento 51 Avaliação psicológica 12 19 Intervenções terapêuticas Neuropsicologia 1 9 Psicopatologia 8 Saúde 2 Reabilitação 5 Medicina 4 Formação de médicos

Toxicodependências

Trabalho Social e Orientação	- 11
Geriartria	3
Intervenção familiar	3
Inserção social	3
Trabalho social	2
Desenvolvimento Pessoal	6
Cooperação	4
Aptidões sociais	2
Língua Materna	- 1
Formação de Professores	8
Formação de Formadores	3
Informática	2
Gestão e Administração	4
Marketing e Publicidade	1
Desporto	J
Supervisão de Práticas Profissionais	- 1
Outras	2

FORMAÇÃO A PEDIDO

A formação a pedido consiste na execução de programas formação adaptados às necessidades específicas das organizações que os solicitam.

Apresentam-se seguidamente algumas das instituições às quais prestámos um serviço deste tipo: APPACDM de Viana do Castelo, Câmara Municipal de Cascais, Câmara Municipal de Lisboa, Casa Pia de Lisboa, CAT da Cedofeita (Porto), Centro Psiquiátrico de Recuperação de Arnes, Centro de Saúde de Alvalade, Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA, Departamento de Recursos Humanos da SONAE, Direcção Regional de Educação e Reabilitação da Madeira, Coordenação do Internato Complementar de Clínica Geral da Zona Sul, NovaForum e Sub-Região de Saúde de Lisboa (ARSLVT/ Ministério da Saúde), entre outras.

AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO

Atribuindo-se relevância à avaliação da formação, como dispositivo de melhoria contínua da qualidade, é aplicado sistematicamente um questionário de satisfação no final de cada acção de formação, no qual os formandos pronunciam-se sobre vários aspectos do processo de formação: desenvolvimento do programa, intervenção dos formadores e utilidade/aplicabilidade da acção. Adicionalmente, também podem apresentar críticas e fazer sugestões para iniciativas futuras.

FORMADORES

CRITÉRIOS DE SELECÇÃO

A colaboração com o DFP pode resultar duma iniciativa dum formador ou grupo de formadores que apresenta uma proposta ou, então, duma iniciativa do DFP que convida um formador a apresentar uma proposta de formação.

Para selecção de formadores externos realiza-se uma análise curricular e uma entrevista. A análise curricular tem os seguintes critérios: experiência profissional na área da formação profissional, currículo como formador no domínio de formação, certificação como formador pelo IEFP e qualidade e interesse da proposta de formação apresentada.

BOLSA DE FORMADORES

Actualmente constituída por 254 formadores, sendo 85.5% formadores externos e 14.5% formadores internos.

FORMANDOS

CRITÉRIOS DE SELECÇÃO

São utilizados 2 tipos de critérios de selecção dos formandos: nas acções de formação sem processo de candidatura, nas quais os formandos se inscrevem directamente, o critério consiste em pertencer comprovadamente a um dos grupos profissionais destinatários; nas acções de formação com processo de candidatura o critério consiste em avaliação curricular realizada pelo coordenador da formação.

CARACTERIZAÇÃO

A maioria dos formandos que frequentaram acções de formação nos últimos 3 anos (2000, 2001, 2002) eram psicólogos, sendo a proveniência geográfica condicionada pelo local onde se realizou a acção de formação.

DISTRIBUIÇÃO DOS FORMANDOS

LISBOA	
Psicólogos	65.6%
Professores	4.7%
Educadores de infância	3.3%
Técnicos de serviço social	3.1%
Enfermeiros	3.0%
Médicos	2.9%
Técnicos de reabilitação	2.8%
Técnicos de intervenção comunitária	2.7%
Outros	11.9%
ВЕЈА	
Psicólogos	80.0%
Professores	7.8%
Enfermeiros	3.2%
Outros	0.9%

BEJA 50.8% Beja 50.8% Faro 30.0% Setúbal 9.1% Évora 9.1% Portalegre 0.8%

CONDIÇÕES ESPECIAIS

Existem 3 situações nas quais há formandos que frequentam acções em condições especiais: supervisores de estágios, técnicos de instituições com protocolo com o ISPA e docentes/funcionários do ISPA.

Nos últimos 3 anos, os formandos em condições especiais representaram 4.2% de todos os formandos, assim distribuídos:

FORMANDOS EM CONDIÇÕES ESPECIAIS 2000-2002	
Supervisores de estágios	25
Protocolos de colaboração	100
Docentes/Funcionários ISPA	
TOTAL	178

PROVENIÊNCIA GEOGRÁFICA DOS FORMANDOS - 2000-2002

LISBOA

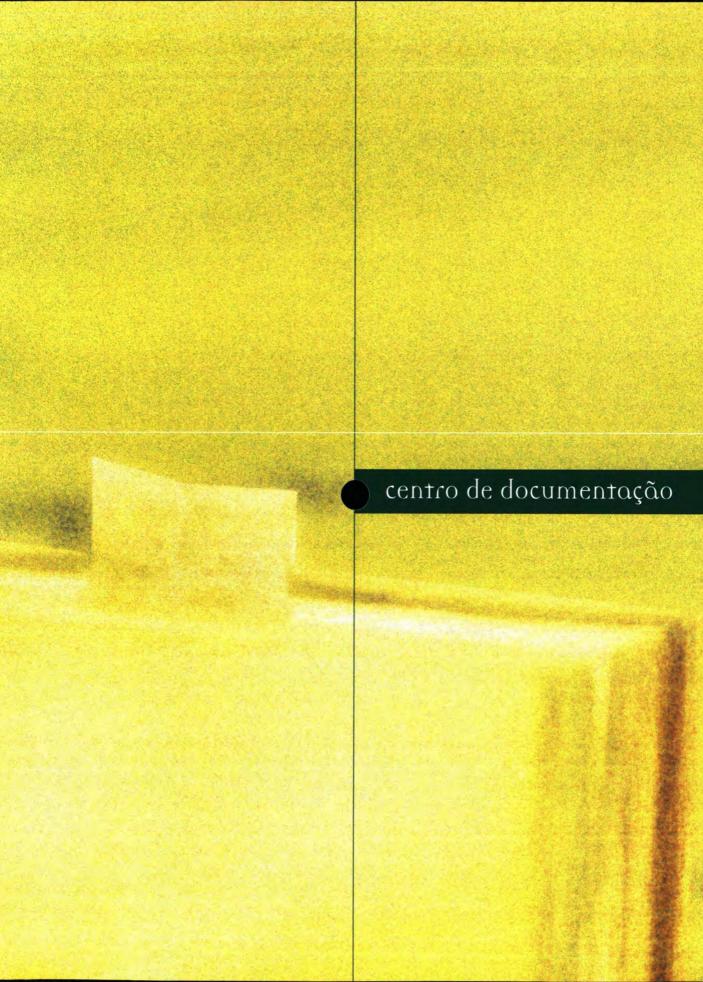
Lisboa	55.2%
Setúbal	14.6%
Cascais	6.9%
Santarém	6.7%
Sintra	4.1%
Beja	3.2%
Faro	1.8%
Évora	1.7%
Outra	5.8%

LEVANTAMENTO DE NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

Todos os formandos que frequentam as acções são convidados a responder a um questionário de levantamento de necessidades de formação.

PARCERIAS

24% da formação tem sido organizada em parceria com outras instituições, entre as quais cerca de metade correspondem a acções que se realizam quase todos os anos.

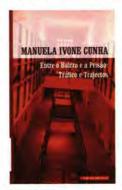


liuros

SOCIOLOGIA / ANTROPOLOGIA

Cunha, M. (2002).

Entre o bairro e a prisão: Tráfico e trajectos. s.i.: Fim de Século, 356 pp.



Manuela Ivone Cunha é antropóloga, licenciada na Universidade Nova de Lisboa e doutorada pela Universidade do Minho, na qual é actualmente Professora Auxiliar no Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais. Anteriormente foi investigadora no Centro de Estudos Iudiciários.

Entre o bairro e a prisão "é o resultado de um percurso de pesquisa com contornos raros entre nós - e, infelizmente, cada vez menos comuns na prática antropológica. Refiro-me à dedicação prolongada e aprofundada a um objecto e temática de pesquisa. Há cerca de uma década, Manuela Cunha iniciava o seu trabalho de campo no Estabelecimento Prisional de Tires [...]. A autora apresenta os resultados da pesquisa realizada durante o seu regresso àquela instituição, num livro que, mais do que uma excelente tese de doutoramento, é um ponto de viragem na antropologia portuguesa e no nosso entendimento da criminalidade, do que poderíamos chamar o sistema da droga e, num âmbito mais vasto, das estruturas de desigualdade da nossa sociedade".

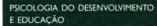
Massada, J. (2002).

Vale a pena ser cientista? Porto: Campo das Letras, 155 pp.



Wieviorka, M. (2002). A diferenca. Lisboa: Fenda, 241 pp.

Wieviorka, M. (2002). O racismo: Uma introdução. Lisboa: Fenda, 170 pp.



Oliveira, J. (2002).

Freud e Piaget: Afectividade e inteligência. Lisboa: Instituto Piaget, 140 pp.





A tentativa de fazer convergir a teoria de Freud e de Piaget - «dois monstros sagrados» da psicologia - data já do próprio Piaget. Efectivamente, a confluência da psicanálise e do cognitivismo genético pode manifestar-se importante em todos os campos, designadamente na convergência entre a afectividade/emoção e a inteligência/ cognição. A presente obra significa mais um contributo importante na aproximação entre estes dois sistemas complementares com vista a uma psicologia mais holística. Escreve Óscar Gonçalves no prefácio: «losé H. Barros de Oliveira traz-nos, através deste livro, uma história pormenorizada dos encontros e desencontros entre Freud e Piaget. Ambos concordariam que a construção do conhecimento é um processo inseparável do sujeito epistemológico, quer ele seja concebido como um racional processador de informação ou como um emocional construtor de analogias. Assim sendo, ambos concordariam que as suas teorias são absolutamente inseparáveis das personalidades que lhes estiveram na origem. Freud e Piaget são metáforas, pontos cardeais de um debate que os ultrapassa. Dos percursos que as suas obras iniciaram, regressam agora gerações experimentadas de pensadores com a sabedoria da descentração e procurando os caminhos de um novo

Ruivo, J., & Almeida, I. (2002).

Contributos para o estudo das práticas de intervenção precoce em Portugal. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, 77 pp.

encontro entre a cognição e a emoção.



s.i. (2002).

Transições - da infância à adolescência: Actas do 2ª encontro do Centro Doutor João dos Santos - Casa da Praia.

Lisboa: Centro Doutor João dos Santos

- Casa da Praia, 301 pp.



Uzzell, D., et al. (1998).

As crianças como agentes de mudança ambiental.

Porto: Campo de Letras, 396 pp.

Rief, S., & Heimburge, J. (2000).

Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva: Estratégias prontas a usar, lições e actividades concebidas para ensinar alunos com necessidades de aprendizagem diversas.

Porto: Porto Editora, 255 pp.



PSICOLOGIA CLÍNICA / PSICOPATOLOGIA / PSICOLOGIA LEGAL

Estratégia nacional de luta contra a droga. (2001)

Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 261 pp.

Bléandonu, G. (2003).

As consultas terapêuticas pais-filhos. Lisboa: Climepsi, 170 pp.



Agra, C. (1998).

Entre droga e crime:

Actores, espaços, trajectórias. Lisboa: Editorial Noticias, 115 pp.

Cândido da Agra



Sociedade da informação? Esta é também a sociedade da observação, da insegurança e da ocultação: dos doces controlos. Podemos nós compreender e explicar diferentes sistemas de vida através do intrincado jogo de relações entre a norma

e a transgressão, a ordem e a desordem. o valor e o facto? Podemos nós proceder ao exame crítico das políticas, das tácticas e das técnicas de intervenção sobre os comportamentos que se tornam "problemas sociais"? Os conhecimentos que estas questões têm suscitado constituem um domínio interdisciplinar. Entre o mundo da droga e o mundo do crime existe um outro mundo que não se confunde nem com o primeiro nem com o segundo: é o mundo da droga-crime com as suas idiosincrasias. Assim se desconstrói, pela prática do método científico o a priori do senso comum, do discurso mediático e do discurso político segundo o qual a droga causa o crime. Quer isto dizer que não existe relação entre um fenómeno e outro? Não. Os dois fenómenos relacionam-se entre si de forma original mas não causal. Donde vem tal originalidade? Do funcionamento biopsicossocial, do estilo e da trajectória existencial dos indivíduos que integram no seu sistema de vida o consumo de drogas e prática de delitos.

Negreiros, J. (2001).

Delinquências juvenis: Trajectórias, intervenções e prevenção. Lisboa: Editorial Noticias, 172 pp.



Nas sociedades actuais, as manifestações de agressividade e violência tornaram-se cada vez mais frequentes. Quando comportamentos violentos são praticados por jovens é quase inevitável perguntar porque é que isso acontece e o que pode ser feito para diminuir a sua probabilidade de ocorrência. Tratam-se obviamente de questões bastante complexas para as quais

não existem respostas definitivas.
Um factor de complexidade decorre
da própria diversidade de formas de
expressão que os comportamentos
anti-sociais podem assumir nos jovens.
Mas se o polimorfismo é o que caracteriza
a actividade anti-social nos jovens, as
modalidades individuais de evolução dessa
actividade podem ser muito distintas.
Assim, enquanto a maioria dos jovens
se envolve em actividades transgressivas
relativamente benignas, uma fracção
restrita pratica as formas de delinquência
mais graves e persistentes.

A que factores e processos obedecerão topografias transgressivas tão distintas? Será possível individualizar trajectórias específicas de evolução da actividade deliquente? Que tipo de respostas podem ser organizadas para prevenir a ocorrência das manifestações anti-sociais mais graves e persistentes?

Strecht, P. (2003). À margem do amor: Notas sobre a delinquência juvenil. Lisboa: Assírio & Alvim, 236 pp.



«O amor é a voz que descobre o que há por detrás do silêncio».

A delinquência juvenil é uma questão premente e fulcral actualmente. Mas não surgiu assim, subitamente, do nada. Neste livro, À Margem do Amor (Notas sobre Delinquência Juvenil), Pedro Strecht analisa a origem do problema, fala-nos da importância da prevenção, como intervir, o problema do abuso sexual (que, por coincidência, os últimos tempos atiraram para as primeiras páginas dos jornais), etc. Porque todos nós vemos, sentimos, somos

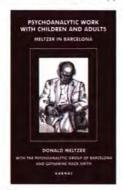
parte deste problema, devemos saber encará-lo, percebê-lo, ajudarmos a ultrapassá-lo.

PSICANÁLISE

Falzeder, E. (Ed.) (2002). The complete correspondence of Sigmund Freud and Karl Abraham 1907 - 1925 Completed Edition. London: Karnac, 626 pp.



Psychoanalytic work with children and adults: Meltzer in Barcelona. Londres: Karnac, 292 pp

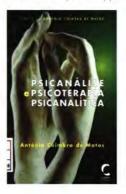




3

Matos, A. C. (2002).

Psicanálise e psicoterapia psicanalítica. Lisboa: Climepsi, 277 pp.



Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (2002). Psicanálise. Lisboa: Climepsi, 893 pp.



REABILITAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL

Coimbra, J., Parada, F., & Imaginário, L. (Coord.) (2001). Formação ao longo da vida e gestão da carreira. Lisboa: Direcção Geral do Emprego e Formação Profissional, 136 pp.

Cordo, M. (2003).

Reabilitação de pessoas com doença mental: Das famílias para a instituição da instituição para a família um percurso na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Lisboa: Climepsi, 177 pp

Moniz. A. (Coord.) (2001). Futuros do emprego na sociedade da informação. Lisboa: Direcção Geral do Emprego e Formação Profissional, 292 pp.

OUTRAS TEMÁTICAS

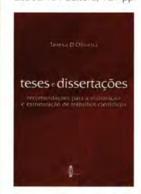
Navarro, J. (Org.) (1998). Malangatana Valente Ngenya. Lisboa: Caminho, 223 pp.



A primeira grande antologia do famoso pintor moçambicano. 155 reproduções de grande qualidade gráfica documentam criteriosamente o percurso do artista, desde os primeiros quadros, datados dos anos 50, até às obras mais recentes. O Professor Frederico Pereira (Director do ISPA) assina o prefácio da obra completada por outro textos de análise e seguida por uma biografia de Malangatana. Recordamos as palavras de Frederico Pereira sobre a pessoa de Malangatana "(...) uma imensa capacidade de ouvir, de uma imensa capacidade de olhar, de uma imensa capacidade de acolher. Ao que se liga ainda esta outra coisa que, não sei como, me parece todavia fundamental: a tolerância, é certo: a autoridade, sem dúvida - mas tanto como tudo isso, e talvez até condição de tudo isso, a bondade e a capacidade de amar" (p. 22).

Oliveira, T (2002).

Teses e dissertações: Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos. Lisboa: RH Editora, 121 pp.



Este livro da Prof. Doutora Teresa D'Oliveira (Docente do ISPA) apresenta recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos (i.e., teses e dissertações) nas Ciências Sociais e Humanas. O texto está organizado em três grandes áreas: a



investigação enquanto processo de trabalho, a estruturação de uma tese e as utilizações que uma tese pode ter. Em cada componente é apresentada a diversidade de opiniões e perspectivas existente na literatura e são indicadas as opções mais frequentes ou mais recomendadas. O carácter essencialmente prático do texto visa facilitar a elaboração e desenvolvimento da tese. Para além das temáticas já mencionadas, são também consideradas outras questões práticas, como a escolha do orientador ou a apresentação pública do trabalho. Por último, a linguagem utilizada tenta ser o mais acessível, nomeadamente para aqueles que nunca desenvolveram um trabalho de investigação.



cv

-

vídeo teca multi média

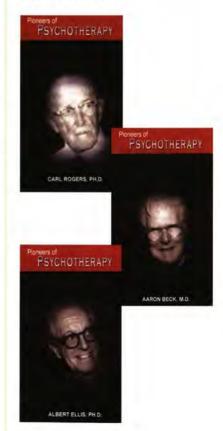
Uma imagem vale por mil palavras! Um conjunto de Vídeos Didácticos e Técnicos da Colecção "Pioneers of Psychotherapy" da Milton H. Erikson Foundation, na área Temática das Psicoterapias:

Carl Rogers (1985). Client-Centered Therapy.

Aaron Beck (1995).

Demonstration of Cognitive Therapy.

Albert Ellis (2000). Brief REBT Demonstration.



destaque

Cunha, M., & Rodrigues, S. (Org.) (2002).

Manual de estudos organizacionais: Temas de psicologia, psicossociologia e sociologia das organizações. Lisboa: Editora RH, 419 pp.



COORDENADORES:

MIGUEL PINA E CUNHA

Professor auxiliar na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa /ISPA SUZANA BRAGA RODRIGUES
Professora titular licenciada da UFMG-Brasil, Senior Research Fellow na University of Birmingham, Inglaterra e Overseas Visiting Scholar no St. John's College, University of Cambridge.

AUTORES:

Luís Araújo; António Virgílio Bastos; Carlos Osmar Bertero; Marcelo Bronzo; Augusto Cabral; Carlos Cabral-Cardoso; Miguel P. Caldas; Alexandre Carrieri; Ana Cristina Costa; João Vieira da Cunha; Manuela Faia-Correia; Fernando Coutinho Garcia; Teresa Garcia-Marques; Talita Ribeiro da Luz; Fernando C. Prestes Motta; Antônio Augusto Pereira Prates; Arménio Rego; Marc Scholten; Ana Rijo da Silva; Clóvis Machado da Silva; Joshua Skov; Thomaz Wood Jr.

Este livro reúne exemplos de estudos organizacionais no Brasil e em Portugal. Analisa a evolução do campo nos dois países, trazendo para discussão algumas questões que dizem respeito à sua estrutura e organização social. Além de abordar as bases epistemológicas do campo, esta colectânea trata de temas que têm preocupado não somente os académicos, mas também os gestores. Com o intuito de ser referência para a pós-gradução, para a graduação em Gestão, em Psicologia, em Sociologia e correlatas e também para executivos e para todos que passam a maior parte da sua vida em organizações, "Manual de Estudos Organizacionais" agrega temas que tratam das organizações em diversas dimensões: estrutura, tecnologia e estratégia, nos seus aspectos cognitivos e de inteligência, ética e cultural organizacional, bem como relacionamento com outras organizações e com o ambiente. A sociedade contemporânea é frequentemente caracterizada como uma sociedade organizacional, ou seja estruturada em torno de organizações formais. É esta centralidade da organização formal que justifica o crescendo de interesse pelos estudos organizacionais, um campo transdisciplinar, que congrega investigação de base da psicologia, sociologia, antropologia, gestão, economia e ciência política. Este "Manual de Estudos Organizacionais", escrito por autores portugueses e brasileiros, proporciona uma discussão dos principais temas dos estudos organizacionais, incluindo os seguintes: A perspectiva institucional; Aprendizagem organizacional; As organizações o e meio ambiente; Cognição social; Competitividade; Comportamento económico; Ergonomia; Ética nas organizações; Gestão do conhecimento; Governação empresarial; Improvisação nas organizações; Justiça; Liderança; Relações interorganizacionais, Tecnologia; Teoria das organizações.

revistas

números temáticos

Análise Psicológica, 20 (3), 2002 "Redimensionar e intervir em Reabilitação e Inserção Social"



Este número temático, organizado pelo Dr. Arménio Sequeira (Director da Licenciatura de Reabilitação e Inserção Social), pretende segundo o organizador "despertar o interesse entre pessoas e organizações sobre os contextos e práticas de produção dos handicaps e dos processos de reabilitação e inserção". Este número temático, reúne um conjunto de trabalhos de investigação relativo às dialécticas de inserção/exclusão social.

PSICOLOGIA COGNITIVA E DO DESENVOLVIMENTO

Cognitive Development, 17 (3-4), 2002 "Constructivism today"



Special lesue
Constructivent Today
Guest Editors
Jones Langer and Elici Turisi



Memory, 10 (5/6), 2002 "Levels of processing 30 years on"

Monographs of the Society for Research in Child Development, 271, 2002

"How children and adolescents evaluate gender and racial "



The European Journal of Cognitive Psychology, 13 (1/2), 2001 "Ageing and executive control"

PSICOLOGIA CLÍNICA / PSICANALISE

Bulletin de Psychologie, 462, 55 (5), 2002 "Violence, loi, crime"

Journal of the American
Psychoanalytic Association, 49 (1), 2001

"Psychodynamic empirical studies"



Journal of the American
Psychoanalytic Association, 50 (3), 2002

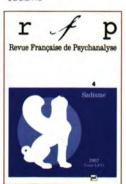
"Psychoanalysis: Practice and technique"

L'Evolution Psychiatrique, 67 (4), 2002 "Victimes"



Psychologie Clinique et Projective, 8, 2002 "Le T. A. T. Vica Shentoub"

Revue Française de Psychanalyse, 64 (4), 2002 "Sadisme"





S

0

CURRENT CONTENTS CONNECT (TODAS AS EDIÇÕES TEMÁTICAS)



http://ccc.isiglobalnet.com

A Web of Knowledge integra ainda os seguintes produtos ISI:

SCIENCE CITATION INDEX EXPANDED (DESDE 1945)
SOCIAL SCIENCE CITATION INDEX (DESDE 1956)
ARTS & HUMANITIES CITATION INDEX (DESDE 1975)



web of knowledge

LINKS DE ACESSO

O ISPA dispõe, desde Fevereiro de 2002 do acesso a um conjunto de bases de dados (acesso na Intranet do ISPA) associadas à plataforma de informação bibliográfica e bibliométrica digital Web of Knowledge, produzidas e comercializadas pelo Institute for Scientific Information (ISI), sediado em Filadélfia, EUA. Esta plataforma integra a Web of Science - a qual inclui o Science Citation Index Expanded, o Social Sciences Citation Index e o Arts and Humanities Citation Index -, juntamente com os Current Contents Connect (todas as edições temáticas), os Journal Citation Reports (as duas edições existentes), os ISI Proceedings (as duas edições existentes).

http://wos.isiglobalnet2.com

Estas bases possibilitam:

- a pesquisa no acervo das centenas de milhares de títulos de artigos publicados em mais de 8600 revistas científicas, entre as quais se incluem as mais prestigiadas mundialmente, bem como a actas de conferências científicas com peer review;
- · o acesso a resumos desses artigos;
- o estabelecimento de links para os conteúdos de revistas editadas em formato electrónico, uma vez que as mesmas sejam assinadas.

A informação é actualizada semanalmente, e a aquisição do ficheiro histórico faculta o acesso aos acervos existentes (para o Science Citation Index) desde 1945. Todas estas características fazem da combinação destes produtos uma ferramenta única no mundo de pesquisa bibliográfica e de acesso a conteúdos publicados, pela dimensão do acervo, sua extensão cronológica e actualização, bem como pela sua amplitude temática, constituindo o suporte por excelência para o desenvolvimento de uma Biblioteca de Ciência e Tecnologia em Rede.

Além disso, os Journal Citation Reports constituem a ferramenta fundamental para efeitos de estatísticas de publicação, de citações e de aferição de impacto das revistas nas respectivas áreas científicas.



http://jcrweb.com

Para mais informações contactar: Carlos Lopes (clopes@ispa.pt)

SOCIAL PSYCHOLOGY

http://www.socialpsychology.org

A nossa escolha recai neste fantástico Portal da Psicologia Social.

Um centro de recursos com mais de 5000 links, actualizado por um Psicólogo Social, atento a todas as particularidades do desenvolvimento da Psicologia como Ciência e com ênfase nas novidades da Psicologia Social e Ciências afins.

web sites

Navegando entre verdadeiros tesouros da Psicologia na Internet, encontramos os seguintes recursos: **ENCYCLOPAEDIA OF PSYCHOLOGY**

http://www.psychology.org/

Um centro de recursos de referência. Uma enciclopédia com grande capacidade de nos surpreender.

PSYCHOLOGICAL SCIENCE ON THE NET!!!

http://www.psychologicalscience.net/

Um bom e diversificado instrumento para descobrir os vários recursos existentes na Ciência Psicológica. Tem como objectivo este portal, actualizar todas as novidades da psicologia na Internet.

Pode participar, enviando as suas sugestões para info@ispa.pt



ADOLESCENTES SOMOS NÓS EDUARDOSÁ

uma escola com dificuldades em apreender toma os pais ora como débeis (que devem ser adestrados) ora como intrusos (a domesticar).

[Eduardo sá, p. 35]





isabel stilwell e Eduardo sá



No dia 12 de Dezembro de 2002, realizou-se na Biblioteca do ISPA, o lançamento do livro "ADOLESCENTES SOMOS NÓS" da autoria do Professor Doutor Eduardo Sá, editado pela Fim de Século.

Esta iniciativa, contou com as presenças de Dr.ª Dulce Rocha (Procuradora do Tribunal de Família e Menores) e Drª. Isabel Stilwell (Directora da revista Adolescentes e do Noticias Magazine) que efectuaram a apresentação da obra.

O papel desta obra, segundo as palavras

do autor: (...) "Tentei, com este livro, conciliar o rigor de um pensamento clínico acerca da adolescência, com a ironia e a coragem de falar verdade, mesmo que, em alguns textos (como aquele que escrevi sobre a delinquência), talvez seja "cáustico", como sinto que me torno sempre que tento desassossegar as pessoas acerca de incoerências insustentáveis que limitam os cuidados que exigem as crianças. No fundo, talvez haja dois capítulos distintos neste trabalho: um primeiro, que engloba um conjunto de textos mais acessíveis; um

segundo, em que a propósito do suicidio e da delinquência, surgem textos com uma tonalidade mais técnica".

De seguida, reproduzimos o prefácio de Isabel Stilwell que esteve na base da apresentação da obra:

AFINAL É APENAS UMA RECAÍDA

ainda do que aqueles sobre os quais recai, Mas, como acontece sempre, só as pessoas sensíveis e de génio é que constatam o óbvio. O óbvio, por ser óbvio, vive connosco, funde-se e confunde-se, e torna-se pior do que a nossa sombra ao meio-dia. Olhamos e não o vemos. quem descobre, com alívio, que a doença de que se sofre não é grave. "Obrigada, senhor doutor, nem sabe o sossego que sinto em saber que esta agitação que trago cá dentro é, afinal, apenas uma recaída de um 'mal' que conheco tão bem." É o que me apetece dizer. E, por isso, digo que quem cometeu a loucura de me convidar a escrever aqui não fui eu. Lembra-se da história que nos contaram? Era tudo tão simples: passávamos uma fase complicada, em que o corpo mudava, direito a dúvidas, a trocar de objectos de paixão, a amuar, a bater com a porta, a

chorar sem motivo, a rir sem razão.

Diziam-nos que podíamos escolher o caminho que quiséssemos, que todas as





- e tantas vezes parecia que lá estava e não adolescência. Muitos de nós nem seguer a uns anos e sacam o diploma antes de E a partir daí as nossas escolhas passavam a na mesma empresa de preferência; sinal da

que servíamos o patronato. No amor, era tempo do homem ou da mulher, que nos deixavam escolher, imagine-se, se em troca jurássemos que era para sempre.

As dúvidas deveriam eclipsar-se na transição, da mesma forma que se pretendia que as lágrimas, seguidas de risos, dessem lugar a um humor sereno, sem extremos.

O estado adulto, ao contrário da infância e da adolescência, não tinha altos e baixos, fronteiras, nem passagens. Alimentado de maturidade, um tipo de combustível de que nos devíamos abastecer com frequência

era, supostamente, uma longa (e monótona) auto-estrada, com Via Verde de preferência, para que nem nas portagens se tivesse que

Bastava abrir o mapa e seguir o trajecto: subir na carreira, passar de escalão, entrar para os quadros, acabar em chefe de alguém ou de alguma coisa. Pedir um empréstimo, comprar uma pequena casa, trocá-la e com o lucro da especulação, adquirir outra, maior, melhor situada, talvez com jardim, com a possibilidade emocionante de escolher - tão longe das emoções da adolescência -

se teria ou não piscina.

No amor, o manual garantia que a paixão crescimento dos filhos, que haveriam de a condecoração de "maiores e vacinados", exemplo a não seguir, mesmo se nem quem apontava, nem quem seguia o dedo, a trabalhar e entregámo-nos aos nossos



mais ninguém, ou não estivéssemos todos a escondê-la uns dos outros?

A primeira tentação é dizer que a doença não é nossa e imputá-la aos nossos filhos, afinal não são eles que estão agora na idade em que os sinais tão bem se aplicam, a tal adolescência? E aos sábados à noite, nos jantares de amigos, queixamo-nos uns aos outros de sofrer com a adolescência dos nossos filhos!

neles, só neles, nunca em nós, na ânsia de lhes dar tudo, de fazer tudo bem feito. De nunca mais pensar em nós. E queríamos mesmo que assim fosse. E foi, e não foi - foi e não foi ao mesmo tempo. Foi, e é, o papel que mais nos apaixona, o amor tão intenso e incondicional que até assusta (e às vezes irrita, ingratos!). Mas não foi tudo. Muitos de nós só demos pelo facto de que não podia, nem devia mesmo ser tudo, no dia em que não podemos ignorar em nós sintomas de uma adolescência - adolescência, outra vez? -, um desejo imenso de mudanca, um vazio a que não sabíamos dar nome - então não tínhamos tudo que o manual nos prometia? -, uma insegurança extemporânea, um medo inexplicável de dar mais um passo, uma tristeza profunda ou uma raiva e um inconformismo incompatível com a serenidade, supostamente correspondente à idade, expressa no bilhete de identidade. Que doença era esta, que não víamos em

Mas o Prof. Eduardo Sá não vai na conversa. Às vezes até enerva - por que raio parece querer virar tudo do avesso, por que não repete mais umas ideias feitas, daquelas que nos sossegam e nos impedem de pensar? Por que será que me faz perguntas incómodas, por que quer saber se escondo o meu medo de não ser feliz por trás da afirmação de que tenho medo que o meu primogénito não o seja? Por que lhe diz, a si, que deve ter a coragem de fazer-se à vida, em lugar de esperar que a sua filha a preencha? Por que lhe diz a ele,

a propósito, vá-se lá saber porquê, de comboios, que "para muitos pais que sentiram alguns dos seus desejos de infância 'descarrilar', uma locomotiva movida pela adolescência dos seus filhos, chega 'à tabela' para apanharem a vida que, com os desafios dos adolescentes, 'apita' mais uma vez"? Porque Eduardo Sá engana: escreve - tenho a certeza - tal e qual como fala, baixinho, mas essa serenidade não compactua com o politicamente correcto, com o deixar andar, com a falta de coragem para dizer aquilo que pensa e em que acredita. Porque balouçar-nos a alma, abalar as nossas falsas convicções para que possamos encontrar as verdadeiras, é a sua arte. A nós, resta-nos aceitar aquilo que somos - adolescentes para sempre. Porque ser adolescente, a sério, é não desistir nunca "de ser o melhor do mundo para alguém!"».

isabel stilwell



EDUCAÇÃO E CONFLITO: GUIA DE EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA XESÚS R. JARES

As guerras nascem na mente dos homens, também a paz começa nas nossas mentes.

A mesma espécie que inventou a guerra é também capaz de inventar a paz.

A responsabilidade pertence a cada um de nós.

[xesús R. jares, p. 245]





No âmbito do XI Colóquio de Psicologia e Educação - Experiência Social, Educação e Desenvolvimento, realizou-se no dia 14 de Novembro de 2002, no Centro de Documentação do ISPA, o lançamento do livro "EDUCAÇÃO E CONFLITO - GUIA DE EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA" da autoria do Dr. Xesús JARES (Professor Titular de Didáctica e Organização Escolar da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade da Corunha), editado pela Edições Asa.

O livro foi apresentado pela Prof. Doutora Ana Carita (Directora do Pós-Graduação em Educação para a Cidadania do ISPA) complementada por uma intervenção



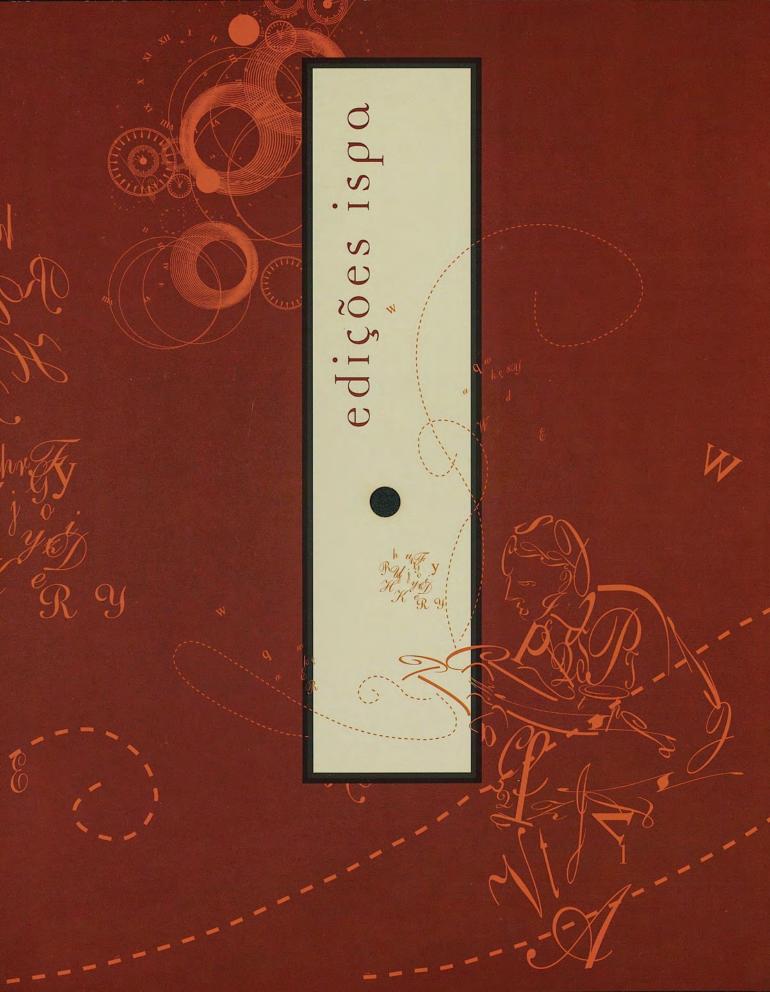
da Dr.^a Cláudia Prata (Directora do Departamento de Comunicação das Edições Asa).

Apresentamos de seguida um breve apontamento do livro de Xesús JARES: A nossa cultura sempre teve, e continua a ter actualmente, uma inequívoca relação negativa com o conflito. Esta leitura negativa condiciona, em grande parte, o processo educativo. E, contudo, o conflito faz parte da vida e afecta todos os âmbitos da nossa existência.

Não podemos, pois, pretender que a educação decorra sem problemas, nem que estes acabem por resultar, necessariamente, negativos. E, portanto, é bom que nos ocupemos do significado do conflito, das causas que o provocam, dos elementos que o conformam e das estratégias mais adequadas para o resolvermos duma forma positiva. Em conclusão, para compreender as diferentes possibilidades educativas que ele nos proporciona."

Concretamente, a nível didáctico, o conflito é abordado tendo em conta quatro planos complementares básicos: como forma de sensibilização face a determinadas situações; como mecanismo avaliador do andamento do grupo, do colectivo de pessoas ou da instituição; como recurso para o aprofundamento democrático; como objectivo educativo, em si mesmo, no sentido de desenvolver as nossas competências para o enfrentarmos de forma positiva. O autor ao longo da obra chama a atenção, para a necessidade de prevenir determinado tipo de conflitos. Se como dissemos, o conflito é consubstancial à vida, e não só não é negativo como pode constituir um factor de crescimento, também não é menos verdade que não podemos estar todos os dias nem todas as horas a tratar de conflitos, nem todo e qualquer tipo de conflituosidade é benéfico para o bom desenvolvimento quer das aulas quer da escola no seu conjunto. Portanto, a partir da análise dos conflitos e das suas tendências mais prováveis, bem como do exercício das estratégias de resolução positiva dos conflitos, podemos prevenir determinado tipo de conflitos. Assim, todas as propostas apresentadas no livro vão no sentido de promover um contexto educativo que fará, sem dúvida, diminuir um determinado tipo de conflituosidade e criará as bases para a abordar em melhores condições, quando ela surgir.









L'homme et le temps. Une vie, une trace, l'interprétation comme point d'appui.

A travers la cohue philosophique de la second moitié du XXième siècle, Ricoeur s'est proposé un chemin, chemin bien singulier, car il nous invite à voir clair. Penser les questions actuelles tout en considérant ses multiples perspectives, se refusant tout ce qui brille, parce qu'il ne* donne pas à voir et tout ce qui est à la portée de la main, parce qu'il ne demande pas trop d'effort, c'est se promettre à soi-même un long itinéraire.

Pourtant, on ne peut pas parler, chez Ricoeur, de simple conciliation entre les auteurs mis en face à face, puisque sa pensée ne peut pas être vidée ni de direction ni de contenu. Bien au contraire, le but de sa réflexion pointe les enjeux comuns qui tiennent ensemble les hommes qui nous sommes. Plusieures perspectives philosophiques - phénoménologie, philosophie réflexive et philosophie analytique - ainsi que des champs de pensée apparamment les plus divers - sciences humaines, philosophie, droit et religion - sont ses interlocuteurs preferés et ses contradicteurs constants. En effet, les hommes ne veulent que re-dire entre eux ce qui s'offre à être dit: le monde.

L'originalité philosophique de Ricoeur devient donc un pari, et pari difficile à soutenir. Dans le silence des longs moments de travail profond et de recherche continuée Ricoeur bâtit son oeuvre qui va de la réflexion sur l'homme coupable à la réflexion sur l'homme capable. En même temps, la quête du sens l'amène à réflechir sur les limites de la conscience et à accepter la multiplicité des interprétations.

En reprenant d'Husserl la méthode, Ricoeur souligne dans la phénoménologie, tant sa fécondité que ses apories. Dépasser, i.e., comprendre d'une façon autre, mais toujours d'après elle, la subjectivité transcendantale en la confrontant avec le corps propre et l'action, ainsi que refaire le fondement qui fonde l'étant, voilá le noeud dûr de sa recherche personnelle. Encore, repenser la question de l'histoire, qui se débat entre la narration temporelle des expériences humaines et la réfiguration de la conscience, elle-même donatrice de sens, constitue, selon Ricoeur, la dé-constrution indépassable des pièges de l'oubli et de la mémoire. C'est dans ce champ aporématique que la mouvance de la pensée de Ricoeur prend, dans le présent, l'allure d'une figure dominante, car elle

edições ispa

21

la conscience sur elle-même. A "l'interprétation amplifiante" toujours attentive au surplus de sens que Ricoeur proposait en Volontaire et involontaire succède, après le dialogue avec Freud et le structuralisme, la "médiation sémantique". Cependant, en Soi-même comme un autre Ricoeur plaide pour un troisième chemin, celui de la "médiation herméneutique". Agissant et souffrant, car il est simultanément mêmeté, ipseité et altérité, le soi ne peut pas être compris d'après l'échelle des savoirs déjá constitués. L'herméneutique, quand appliquée à l'interprétation de la parole et de l'action, ouvre à un questionnement qui ne se réduit pas à la mise en question des figures méthodologiques traditionnelles, car il considère le double sens et permet la discussion entre des interprétations concurrentes.

La véhémence ontologique, qui habite au plus fond du soi, témoigne et requiert que l'identité, bien que polysémique, ne se livre pas aux illusions du cogito brisé ou du cogito exalté. C'est la certitude et la fiabilité présentes dans le "je peux" qui assurent et confirment à celui-ci son identité personelle.

Encombré de ténèbres, le sujet ne doit conquérir le pouvoir de se penser, qu'après avoir analysé les actes que lui sont propres: celui de parler, d'agir, de faire des narrations et de viser tant la vie bonne que l'obligation envers soi-même et les autres. L'alternative dualiste, que la philosophie occidentale, toujours indécise entre le savoir absolu, doublé de son assurance, et le mythe empirique de l'évidence concrète, est définitivement dépassée chez notre auteur. L'homme, propose Ricoeur, est attestation et la méthode suivie pour le penser enseigne qu'il faut, tout d'abord, "expliquer plus, pour comprendre mieux". L'attestation devient donc un trait fondamental de la démarche ricoeurienne, car elle est l'assurance, que chacun a d'exister comme soi-même au sens de l'ipseité. Elle concerne, tant le champ épistémique que le lieu ontologique car elle vise un nouveau type de certitude qu'il nous faut comprendre. Témoignage ou aveu risqué, l'attestation est d'abord iniciative et après promesse que l'homme se fait à soi et aux autres de se tenir dans le temps. Cependant, l'attestation ne se soutient pas toute seule. La présence de l'autre lui est indispensable car uniquement l'autre oblige le soi au

ne veut pas le dire en troisième personne. Non plus le champ de l'imaginaire bien que séduisant, car il suppose la production du sens et la maîtrise des mots ne permet pas, selon Ricoeur, la compréhension de l'homme en tant qu'effort pour exister et mémoire reconnaissante. Confronter deux sortes de logique, la logique technicoscientifique et la logique humaine, ou essayer de bien entrecroiser "l'universel et l'historique", pousse Ricoeur, selon ces propres mots, à la recherche d'un juste équilibre, tout en lui permettant de pointer vers le caractère irremplaçable de l'homme lui-même. Unique, mais vulnérable, le sujet ricoeurien devient un soi et non un je, car son identité personnelle exige tout d'abord l'approche indirecte de la réflexion par le detour de l'analyse. Spinoza et Gabriel Marcel ont montré à Ricoeur, le premier, que la responsabilité éthique a pour but un sujet singulier, capable de veiller et de tenir promesse et, le second, que la polyssémie de l'autre, en renvoyant au soi, exige que celui-ci supporte sa rencontre sans perdre son identité. Faillibilité et conviction, en même temps que culpabilité et responsabilité, ne s'ex-

à tous fait penser. Son ouverture thématique, quelques

fois déstabilisatrice, défend, par contre, le philosophe

de se figer entre frontières sécurisantes, mais toujours réductrices, et l'invite à faire des choix que, parfois,

semblent heuter l'équité dûe, tant à l'autre qu'à soi-même,

puisqu'elles ne visent que l'accomplissement d'une

Impossible d'éliminer, l'homme est, dans la pensée de

Ricoeur, une réalité incontournable. L'irréductibilité du

sujet ne peut être comprise si l'objectivité des sciences,

et surtout des neurosciences, devient le modèle de sa

réflexion accrue. Il ne faut pas oublier les possibilités et

les illusions que la liberté et la corporalité, pensées

ensemble, offrent à la recherche sur l'individu, quand on

plenitude à tous commune: le bien.

L'herméneutique du soi, que Soi-même comme un autre développe, montre le souci constant et le sens le plus profond de la réflexion ricoeurienne sur le détour de

cluent pas, au contraire, elles ne s'opposent qu'à "la

prétention, à l'immediateté, à l'adéquation et à l'apodicité

du cogito cartésien et du 'Je pense kantien'."

EDIÇÕES ISPA



décentrement radical. Parce que le soi est, tant mêmeté qu'ipséité, l'homme ne peut jamais devenir, pour Ricoeur, un "ôtage" de l'autre. Le choix pour l'ipséité et ses souffrances exige, en conséquence, que notre auteur thématise l'homme comme imparfait mais perfectible.

L'énigme de la chair, condition indépassable de la réflexion ricoeurienne, ouvre un champ inexpugnable à la pensée. Tout d'abord l'homme se trouve dans un temps, mais aussi il se reconnait comme capable de penser le temps. En étant histoire, mais aussi en faisant histoire, l'homme capable configure, dans et par le récit, sa vie, l'histoire et les événements.

Reprennant le noeud de la réflexion augustinienne pour l'élargir, Ricoeur entrelace le "regard intérieur" et le "regard extérieur" de l'homme à travers la notion de "représentance". Héritier du temps, mais aussi capable de le refigurer, l'homme ricoeurien pratique cet incessant va-et-vient entre la réflexion théorique et l'insertion dans le monde pratique qui est le nôtre. L'intrigue n'est que la construction et le déroulement de cette tension. Ricoeur nous apprend aussi la continuité et le sens d'un travail de questionnement sous le couvert de l'identité narrative. Le narratif, en effet, est navire qui permet d'indescriptibles voyages. D'autres continents, d'autres mers, d'autres "variations imaginatives" attendent le soi pour êtres dits. La dialectique subtile de l'appropriation se situe précisament dans la compréhénsion herméneutique. C'est le défi de la conscience, comprise comme dialectique entre l'identité narrative et l'identité morale, qu'introduit à la possibilité de penser la passivité de la conscience face à son pouvoir d'afirmation donc, de comprendre la relation de l'ipséité avec l'altérité.

Ce n'est pas en opposant bonne à mauvaise conscience que l'agir éthique peut être compris. L'imagination narrative, en offrant à l'imagination éthique plusieures possibilités de chercher la vie bonne, requiert un long travail d'interprétation. Le rapport entre phronesis et phronimos, c'est l'invitation qui, adressée à tous, cherche à établir le rapport entre la loi universelle et le choix de chacun. S'inscrivant dans le cercle herméneutique, où le tout et la partie ne s'opposent pas, la sagesse pratique en visant

le concept d'estime de soi, défend au soi de se replier sur lui-même. La vie bonne ne peut pas oublier la solicitude envers autrui.

En La Mémoire, l'histoire, l'oubi, son dernier ouvrage, Ricoeur élargit la réflexion sur l'homme présentée dans Soi-même comme un autre car il y considère que celui-ci a aussi le pouvoir de "faire mémoire". Dans la dernière partie de La Mémoire, l'histoire, l'oubli, Ricoeur reprend un thème qui lui est cher: celui de la "disproportion". L'homme n'est pas seulement coupable il est aussi capable, non seulement d'avouer sa faute comme de pardonner à l'autre ce qu'il lui a fait de mal. Le problème du juste devient, en conséquence, de nos jours, incontournable pour Ricoeur.

Ce petit recuil de textes, qui a pour titre "Hommage a Paul Ricoeur", n'a aucunement un propos systématique. Il ne veut que rassembler les réflexions présentées dans la rencontre de Paul Ricoeur à l'ISPA (Institut Supériur de Psychologie Appliquée), le 1er juillet 1999, avec des auteurs portugais qui ont travaillé ses textes. Entendre la visée philosophique de Ricoeur lui-même, sur le sens de ses reflexions personnelles et sur les bouleversements contemporains s'impose de soi à tous. Chacun y retrouve sa place, chacun y est invité au dialogue attentif et exigeant. Remercier tout d'abord et vivement, Paul Ricoeur de sa bonne volonté et de sa patience tel a été notres propos le plus cher. Remercier ensuite Frederico Pereira, Cerqueira Gonçalves, Luisa Portocarrero, Marcelino Agis, Carlos João Correia, Joaquim Teixeira, A. de Oliveira Fernandes, de leur présence et de leurs contributs est devenu une deuxième exigence indépassable.

Ces études sont bien le signe de la présence et du défi de l'oeuvre de Paul Ricoeur dans la scène de la pensée herméneutique au Portugal.

paula ponce de Leão

PAUL RICOEUR, UMA HOMENAGEM Paula Ponce de Leão António Melo (Editores) ISPA, 2002, 166 págs. 8.51 €

edições ispa





pôr o corpo a pensar

Pôr o Corpo a Pensar é um texto que pretende chegar o mais próximo possível de uma linguagem do corpo em Filosofia. Contrariando o movimento da Filosofia racionalista, que efectua um discurso sobre o corpo, mas se encontra na impossibilidade de pôr o corpo a falar, o que é agido neste texto, até ao limite do possível, é uma linguagem do corpo na sua brutalidade, na sua violência mais primária, mais arcaica. E, chegar o mais próximo possível de uma linguagem do corpo em Filosofia tem como consequência trazer para primeiro plano os discursos do desejo, do afecto, do sonho. Tem como consequência contaminar o texto filosófico de personagens, de discursos que habitualmente lhe são estranhos. Tem assim também como consequência trazer para primeiro plano aquilo que no corpo é desgostante, feio, sujo,

repugnante, aviltante: a mancha. A concupiscência. O desejo de devir sujo. A besta.

Este texto não é um texto sobre autores; é um texto sobre os problemas que me inquietam em Filosofia. E, um dos problemas que mais me inquieta em Filosofia é o silêncio do corpo. Nessa medida, escolhi autores com os quais estou num regime de cumplicidade e de diálogo, e não num regime de fundamentação daquilo que eles disseram. É um trabalho onde penso sobretudo com Georges Bataille, Sade, Sigmund Freud e Melanie Klein. Georges Bataille e Sade são, precisamente, os autores que em Filosofia e em Literatura se situam o mais próximo possível de uma linguagem do corpo, na sua nudez primordial. *Pôr o Corpo a Pensar* implica esse movimento de violência que se encontra no texto de Sade. Violência,

edições isp

125

Há neste trabalho uma crítica ao racionalismo em Filosofia, àquilo a que eu chamo o movimento de dessubjectivação, mas não há, de modo algum, uma crítica à Filosofia. E a Filosofia é uma actividade intelectual, teorética; a Filosofia é pensamento, conhecimento intelectual. Aquilo que eu critico no racionalismo, naquilo a que chamo o movimento de dessubjectivação, é a guase identidade ou, a identidade mesmo que se estabelece entre o homem e o logos, ou a razão. Aquilo que critico no racionalismo é a exclusividade deste auto-reconhecimento no logos, na razão; e o facto de o corpo só poder surgir enquanto objecto de um discurso e não enquanto sujeito de um discurso. Aquilo que critico no racionalismo é ainda a limpeza do logos. Limpeza do logos na medida em que a Filosofia de vertente racionalista se recusa a pensar aquilo que no corpo é sujo, aquilo que no corpo nos aproxima da besta. O racionalismo apresenta-nos sempre uma meta-linguagem do corpo e, é incapaz de pôr o corpo a falar, a pensar, na exacta medida em que parte do princípio que o discurso do corpo é não--racional, é irracional, louco, insensato. Demonstro neste trabalho que o discurso do corpo obedece a uma outra lógica, mais subterrânea, mais arcaica, mais primitiva. O problema do movimento de dessubjectivação é o facto de fazer uma leitura racional, de acordo com as leis lógicas da razão, de realidades que escapam às leis lógicas da razão. Aplica a 'óptica' racional àquilo que a razão é incapaz de ver: tudo o que excede os limites da razão. Aplica a 'óptica' racional àquilo que é não-racional. O resultado, quando se parte, em simultâneo, do princípio que existe uma identidade entre o homem e a razão, e do princípio que a Filosofia é um discurso da razão, é a ilegalidade discursiva do corpo em Filosofia. É exactamente por isso que questiono neste texto o que é a Filosofia.

O movimento de Pôr o Corpo a Pensar conduziu-me para uma linguagem intimista. A linguagem do corpo é intimista. A linguagem do corpo, na sua vertente mais primária, mais primitiva, é intimista. Ser-me-ia impossível chegar o mais próximo possível de uma linguagem do corpo em Filosofia se não tivesse passado para o registo de um discurso intimista. E é por isso que este texto se encontra animado pelo meu desejo de devir Um com o feiticeiro; é por isso que este texto persegue a linha

invisível de um cheiro que enlouquece. É ainda por isso que este texto se encontra povoado de personagens; os meus personagens: o sultão, o feiticeiro, a borboleta que me entrou em casa para dizer "Saudade", a besta, a escultura sudanesa, o circo, a magia, os perfumes que me dão prazer, o anónimo, entre outros. Este texto persegue a linha invisível de um cheiro que enlouquece porque, ao procurar chegar o mais próximo possível de uma linguagem do corpo procuro aquilo que no corpo é mais básico, mais primitivo: o cheiro, o odor, o aroma corporal. Procuro a vinculação que mais se afasta da razão, da consciência racional e vigilante.

Pôr o Corpo a Pensar é assim um trabalho onde ponho o meu próprio corpo a pensar porque foi meu desejo desfazer a clássica atitude em Filosofia que faz o corpo devir um objecto de pensamento, de conhecimento, mas tem a maior dificuldade em fazer devir esse mesmo corpo um sujeito de pensamento, de conhecimento. A clássica atitude em Filosofia que se define por uma impossibilidade, uma incapacidade de relação com o próprio discurso do corpo. Transformar o corpo num sujeito de pensamento, abandonar o discurso sobre o corpo e permitir que ele fale na sua espontaneidade, é permitir que ele diga o desejo de inocência mas também é permitir que ele diga o desejo do mal, daquilo que uma determinada tradição classifica como sendo da ordem do mal. A concupiscência. Devir sujo. Pôr o Corpo a Pensar é fazer do acto do pensamento um movimento de escuta de todos os discursos do corpo; sobretudo o discurso do desejo, que habitualmente é remetido para o regime da ilegalidade discursiva ou para o regime do silêncio. A violência maior do texto de Sade reside precisamente na exposição brutal daquilo que é mais inconfessável, mais indizível no desejo. A exposição daquilo que para uma tradição que identifica

vdsi sagðina





o homem com o *logos*, com a instância racional, se encontra no regime da ilegalidade. O discurso do libertino. O obsceno.

Interrogo também neste texto o estatuto da verdade e da mentira em Filosofia. Interrogo o estatuto da verdade e da mentira em Filosofia com a finalidade de afirmar que o discurso do corpo é verdadeiro, diz a verdade. Aquilo que é sujo, promíscuo, impuro no corpo é tão verdadeiro como aquilo que é limpo, puro. O discurso do corpo pode ser contraditório, desarrazoado, insensato, no entanto, é um discurso que se encontra no regime da verdade. É então necessário estabelecer uma diferença entre as verdades racionais e aquilo a que chamo neste texto "as verdades loucas do afecto". Trata-se assim do surgimento de um outro tipo de verdade. Afirmar que o discurso do corpo diz a verdade é um dos momentos fundamentais do movimento de ressubjectivação que empreendo neste texto. Contrariando o movimento de dessubjectivação, que evacua do sujeito todos os discursos do corpo, des-realizando-os, negando-os, falsificando-os, silenciando-os, efectuo o movimento de ressubjectivação, sobretudo na companhia de Sade e Bataille, dando voz àquilo que tem permanecido em silêncio no corpo.

Pôr o Corpo A Pensar é o texto da minha Dissertação de Doutoramento em Filosofia que escrevi no regime da felicidade, do prazer, sob a orientação do Professor Doutor Frederico Pereira e do Professor Doutor João Paisana. Fico-lhes eternamente grata por me terem permitido seguir o meu percurso em Filosofia. Fico-lhes ainda eternamente grata pelo apoio que me deram num trabalho de risco, de vertigem, como este. O risco, a vertigem de expôr o meu corpo, o meu desejo, insurgindo-me assim contra uma tradição em Filosofia segundo a

qual o sujeito que escreve nunca se expõe na sua intimidade; apenas expõe os seus pensamentos, e sobretudo os seus pensamentos a respeito de ideias, de conceitos. O risco inerente ao facto de num trabalho académico, tendo em conta o puritanismo que existe no meio universitário, como afirma Alain Corbin, e cito-o neste texto, trazer o discurso do corpo para primeiro plano. Concluo com o discurso do corpo de Juliette: uma citação de Sade de "Histoire de Juliette, ou les Prospérités du Vice 2", que se encontra no Capítulo I deste texto: "Conheco este estado horrível, é a infelicidade dos meus dias; como quer que seja, aqui está o meu segredo*. É necessário que vós permaneceis quinze dias inteiros sem vos ocupar de luxúrias, distrai-vos, diverti-vos com outras coisas; mas até ao décimo quinto dia não permitis o acesso das ideias libertinas. Esse dia chegado, deitai-vos sozinha, calmamente, no silêncio e na obscuridade os mais profundos; lembrai-vos então de tudo o que afastaste durante este intervalo, e entregai-vos molemente e com indolência a esta polução ligeira pela qual ninguém se sabe excitar ou excitar os outros como vós sabeis. Dai em seguida à vossa imaginação a liberdade de vos apresentar, gradualmente, diferentes géneros de desregramentos, percorrei-los todos em detalhe; atravessei-los sucessivamente inspeccionando-os; persuadi-vos bem que a terra é vossa... que vós tendes o direito de mudar, mutilar, destruir, subverter todos os seres que bem vos parecer."

Maria João ceiti

PÔR O CORPO A PENSAR Maria João Ceitil ISPA, 2003, 368 págs. 21,00 €

epicões ispi

12

¹ Marquis de Sade, "Histoire de Juliette, ou les Prospérités du Vice 2", in OEuvres Complètes du Marquis de Sade, Vol.IX, Pauvert, 1987, pp.43/44: "-Je connais cet état affreux, il fait le malheur de mes jours; quoi qu'il en soit, voici mon secret*. Soyez quinze jours entiers sans vous occuper de luxures, distrayez-vous, amusez-vous d'autres choses; mais jusqu'au quinzième ne laissez pas même d'accès aux idées libertines. Cette époque venue, couchez-vous seule, dans le calme, dans le silence et dans l'obscurité la plus profonde; rappelez-vous là tout ce que vous avez banni depuis cet intervalle, et livrez-vous mollement et avec nonchalance à cette pollution légère par laquelle personne ne sait s'irriter ou irriter les autres comme vous. Donnez ensuite à votre imagination la liberté de vous présenter, par gradation, différentes sortes d'égarements; parcourez-les toutes en détail; passez-les successivement en revue; persuadez-vous bien que toute la terre est à vous ... que vous avez le droit de changer, mutiler, détruire, bouleverser tous les êtres que bon vous semblera.

A tese de Doutoramento do autor apresentada e defendida na Universidade do Minho, orientada pelo Prof. Doutor Paulo Machado do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho e pelo Prof. Doutor Mick Power da Universidade de Edimburgo, teve como objectivo estudar o papel do processamento, codificação e evocação de informação na génese e manutenção da depressão major.

São abordados numa perspectiva cognitiva as emoções, a depressão e as características mnésicas desta.

Efectuaram-se dois estudos, em que são comparados três grupos, sujeitos com depressão major, sujeitos com perturbação de pânico e sujeitos sem alteração psicopatológica. Em ambos os estudos trinta sujeitos com depressão major foram avaliados em dois momentos com um intervalo de três meses. Para a avaliação clínica foram utilizadas duas escalas de hetero-avaliação e quatro instrumentos de auto-avaliação. O nível de conhecimento de vocabulário foi também uma das variáveis controlada.

No primeiro estudo comparou-se as respostas a uma tarefa de esquecimento dirigido, em trinta sujeitos deprimidos, quinze sujeitos pânico e trinta sujeitos sem alteração psicopatalogica.

No segundo estudo utilizou-se uma tarefa de memória autobiográfica que foi aplicada a quarenta e dois sujeitos deprimidos, vinte e oito sujeitos pânico e cinquenta e um sujeitos sem alteração psicopatológica.

Com base nos resultados de ambos os estudos, concluiu-se que existe nos sujeitos deprimidos um enviesamento negativo e a perda de um enviesamento positivo, que se observava nos outros dois grupos. Os sujeitos deprimidos, com severidade elevada, apresentavam um processamento e evocação de informação preferencialmente com valência negativa. Este facto foi associado à existência de conteúdos negativos dos esquemas do self e ao processamento e evocação de informação concordante com esses conteúdos. Assim, nos sujeitos deprimidos não se registava o papel regulador do self sobre os efeitos do processamento e evocação da informação negativa. Este aspecto reforça a existência de um self ambivalente.

Considerou-se com base nos resultados, que evidenciaram diferenças no processamento e evocação da informação em função da severidade da depressão, que a génese e manutenção da depressão estão mais relacionadas com os processos de codificação e evocação de informação, dirigidos pelos esquemas negativos do self, do que com os pensamentos negativos.

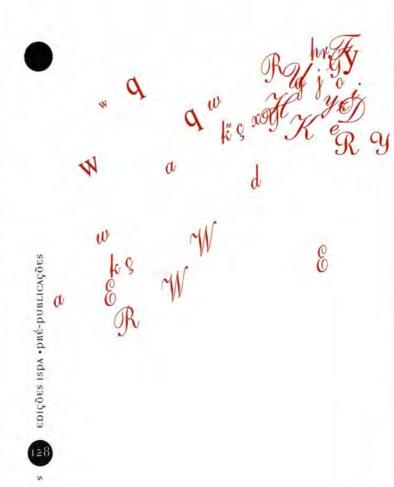
victor cláudio

"DA TRAMA DAS MINHAS MEMÓRIAS

O FIO QUE TECE A DEPRESSÃO:

ESQUECIMENTO DIRIGIDO E MEMÓRIA

AUTOBIOGRÁFICA NA DEPRESSÃO MAJOR"





Textos Fundamentais é o nome de uma nova colecção de livros a lançar pelas edições ISPA.

Esta colecção apresenta artigos científicos de grande impacto para o desenvolvimento de um campo especifico de estudos da Psicologia, traduzidos para português. Os artigos seleccionados para cada um dos volumes desta série de obras, são escolhidos entre aqueles que tendo sido publicados nas mais importantes e relevantes revistas científicas do campo, tiveram maior impacto científico e deram origem a um grande número de citações em estudos posteriores. A sua apresentação é enquadrada teoricamente por uma introdução original feita por autores portugueses. Textos Fundamentais é, assim, uma colecção que disponibiliza em língua portuguesa, artigos científicos clássicos e actuais que marcaram e marcam um determinado campo de estudo, integrando—os num contexto actual.

Conhecer um campo de estudo pressupõe o conhecimento dos artigos que fizeram história e que nos conduziram até ao estado actual dos nossos conhecimentos. Desenvolver este conhecimento em Portugal passa por uma maior divulgação destes textos. É este o objectivo da nova colecção editada pelo ISPA, designada de Textos Fundamentais, o de facilitar e promover essa divulgação em diversas áreas de estudo.

volume 1: estereótipos e cognição social

O primeiro volume da Textos Fundamentais, apresenta uma visão da investigação desenvolvida no campo de estudo dos estereótipos numa perspectiva cognitiva. Os artigos seleccionados são apresentados e organizados historicamente com o intuito de ilustrar o desenvolvimento desta área de estudos. O nosso objectivo neste volume é o de fornecer ao leitor o conhecimento de alguns dos textos, que independentemente da sua data de publicação, são hoje em dia tidos como "clássicos" pela sua importante contribuição para caracterizar a actual abordagem da Cognição Social ao estudo dos estereótipos e preconceitos.

teresa garcia-marques Leonel garcia-marques (Editores)

edições ispa «paé-publicações

•

S

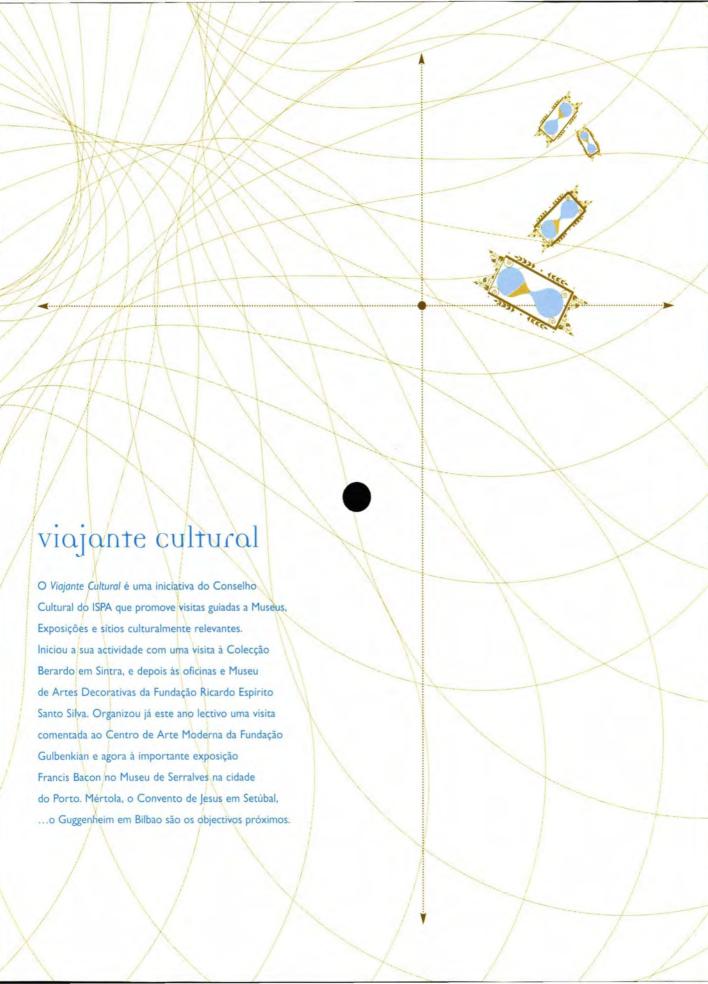
cuptura Cultura Cultura Conjuntura abertura





assinatura altura

quadratura





FRANCIS BACON [1909-1992]

"CAGED - UNCAGED"

MUSEU SERRALVES . 24 DE JANEIRO A 20 DE ABRIL DE 2003

"A arte é artefacto, quanto mais artificial, mais intensa"

francis Bacon

A pintura de Francis Bacon incomoda. Não menos do que o nosso mundo. Solitárias, aprisionadas nas suas jaulas translúcidas, que adivinhamos pelas arestas, as personagens que Bacon pinta, debatem-se em seus casulos, gesticulam, uivam no seu movimento liberatório, interrogam-nos. "Caged - uncaged" (Encarcerado - desencarcerado) é uma mostra de rara densidade, que a unidade temática torna mais violenta e mais eficaz. Deleuze fala a propósito de Francis Bacon que "chaque peinture à sa manière résume l'histoire de la peinture". Acontece que cada quadro de Francis Bacon resume e prolonga toda a sua obra. Cada grito amordaçado, cada gesto interrompido, cada movimento de desencarceramento, recapitula e continua as estações precedentes, transformando a sequência dos seus quadros num imenso políptico. E se a pintura é em boa parte cor, que outra pintura do nosso tempo nos provoca de forma tão directa, nos ampara e conduz para o centro da acção, para além do complexo imediatamente visível. E porque mais intensa, mais real.



C B O U C H I N G N U D E , I 9 5 9
OIL ON CANVAS, 198x142 CM
DBIVATE COLLECTION, LONDON



figure With Monkey, 1951 ${\rm Oll\ on\ canvas,\ } 66x56\ {\rm cm}$ Drivate Gollection, Bruges



POBTBAIT OF JOHN EDWARDS 1988, $198 \times 147.5 \; \text{cm}$ The Estate of Francis Bacon



MILITANTE DO AMOR ODO

AIMOB



Morreu José Craveirinha. Morreu *lo mais absorto homem triste do mundol*. Ou melhor, foi juntar-se a Maria, que já não aguentava a saudade dela, *o lugar do caril triste*, que fazia doer os domingos do poeta. Mesmo assim custou-lhe a espera — 24 anos é muito tempo para viver sozinho. Tardava estarem juntos. */Não aceito o teu dormir/ Além do sono/*, escreveu Craveirinha. Está o problema resolvido, agora, voltam a dormir os dois na *Casa definitiva*, que é a deles.

Sei bem que este homem, filho de um algarvio branco e de uma moçambicana negra, foi muitas coisas dignas de elogio.

Combatente da Liberdade, patriota, inimigo do racismo, preso dos cárceres da PIDE, expiando "a culpa" de ser (...) um subversivo na genuína ilegalidade/. Como sei /de um tal Zé Craveirinha/, que a morte levou em 6 de Fevereiro passado, da cama de um hospital da África do Sul, outras facetas respeitáveis. Que foi autodidacta, autor justamente laureado [Prémio Camões, em 1991, entre outros], justamente considerado como o mais importante poeta moçambicano e um dos maiores de Língua portuguesa.

Sei tudo isso, mas o que mais me fascina em Craveirinha é a sua profunda humanidade, a sua militância na causa do amor. Esse homem /semiclaro para não ser igual a um branco qualquer/ e seminegro para jamais renegar/ um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue/ amou sempre e desse amor fez bandeira. Nunca do ódio, da raiva, da vingança.

Ainda que dissesse /mas amar por amor só amo/ e somente posso e devo amar/ esta minha bela única nação do mundo/, o poeta amava para lá dessa fronteira. Até este Portugal, que volta e meia

visitava, talvez porque como escreveu num poema dedicado ao pai: /juro que em mim ficaram laivos/ do luso-arábico Algezur da tua infâncial; ou porque nas suas veias se africanizaram para a eternidade, algumas ibéricas heranças de fados e broas. O poeta amava o amor: a Moçambique, ao Algarve, a Portugal, ao pai, à mãe, a Maria /imerecida esposa toda a vida/ de um tal Zé Craveirinha./. Amava numa dimensão desmedida.

E amava não por ser poeta [ainda que o senso comum tenda (e com alguma razão) a representar os poetas como cultores desse sentimento, artefacto cultural, que a cultura tanto preza] mas por

ser gente, como ele próprio sabia que era: /Naturalmente se eu fosse poeta em vez de gente/. E esta dimensão humana, de homem discreto, impoluto, fiel aos afectos, contido nas emoções, devotado às causas, é, para mim, a maior herança que Craveirinha nos deixa. Mesmo se é enorme, e é enorme, o seu contributo para a poesia e a cultura de Língua portuguesa, afinal a sua outra pátria. Em jeito de conclusão, agora que José João Craveirinha morreu, talvez se pudesse perguntar, parafraseando Carlos Drummond de Andrade,

outro grande poeta da Língua lusa, /E agora, José?/. Quando morre alguém da dimensão de Zé Craveirinha é costume dizermos que ficámos, agora, mais pobres. Acho que, desta feita, tal preposição não se aplica. Ele é um daqueles que, como escreve Luís Vaz de Camões, por obras valorosas, se foi da lei da morte libertando. Está condenado a manter-se vivo no exemplo como Ser Humano, na obra que nos deixou. Mesmo que a sua ausência física nos possa fazer assomar aos olhos, volta e meia e como ele dizia, gotas de uma cacimba de solidão.

mário contumélias

A NOTÍCIA ODIADA

De mim ao teu súbito sossego
Nenhum pesadelo excede
A infausta notícia.
Não aceito o teu dormir
Além do sono.
Chagas de nuvens amortalham esta manhã.
Quantos lobos vão—nos uivando impunes?

E quantos algozes à solta nos executam?

À notícia mais odiada

josé craveirinha

A NOSSA CASA

Ambição minha e da Maria foi termos uma casa nossa onde nos contarmos os cabelos brancos. Sonho realizado. Casa definitiva já temos. Lote 42. Talhão 71883. Fachada pintada a cal. Clássica arquitectura rectangular. Uma via asfaltada com um único sentido. Tudo sito no derradeiro bairrismo que é morar no bairro de Lhanguene. Pelo menos envelhecer já não é problema. O resto na altura mais propícia surgirá por si. Parece que está por pouco. Na lista onde eu consto é injusto que tarde estarmos juntos.

josé craveirinha

UMA CANTIGA EM 3 TEMPOS

1

Um poema enclausurado
ou mesmo incomunicável seis meses
circula
e funciona
como um irrevogável
perfeito golpe de estado.
Até Platão
Esperto já sabia disso!

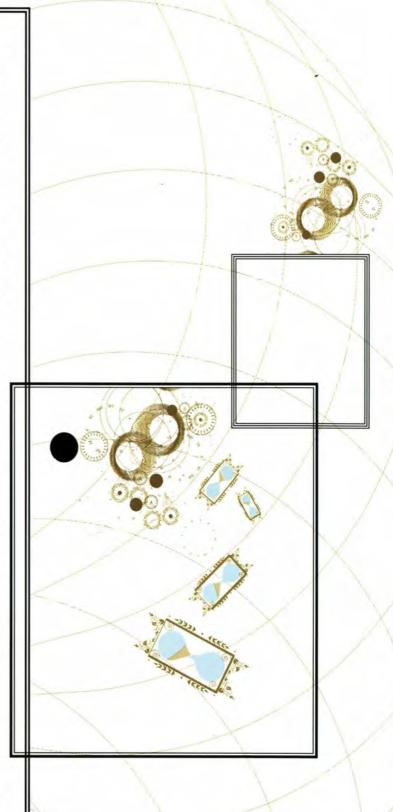
11

O poeta
apesar de preso
nunca tem o problema
de sentir-se completamente só.
Porque a poesia não lhe permite
estar detido
e ficar sozinho.

III

A dificuldade da verdadeira poesia não são as ideias.
São as palavras.
Quando
por exemplo quero dizer
que a cidade à noite é o palácio
onde privilegiados inquilinos
por estarem desempregados
não pagam renda...
Penso...
mas sem palavras
posso confessar muita coisa mas
ninguém sabe nada.
(1960)

José craveirinha





0 Z Σ Σ Z



Z





MUNDOS. UM SÓ MUNDO

FERNANDA CABVALHO
FOTOGRAFIA

GALERIA DO ISPA • 5 DE MAIO A 7 DE JUNHO 2003





Um tipo vestido a rigor, fato azul, sentado a uma secretária, numa garagem vazia, de fundo azul e branco. Está ao telefone. Pergunta por uma promoção levada a cabo entre uma empresa de iguarias e uma companhia aérea. É muito cedo. O sol mal se tinha levantado. Bebe café numa enorme xícara. Sem razão aparente desliga o telefone. Chega-se à rua. Vazia, sem movimento. Subitamente, aproxima-se um carro a grande velocidade. Capota sobre si mesmo, vezes sem conta, por entre um barulho ensurdecedor. Logo de seguida, surge uma camioneta que pára em frente ao homem de fato azul. Abre a porta. Deixa um piano. Um harmónio. Depende. Não mais veremos as viaturas. O tipo volta para dentro. Razões?

A luz do dia torna-se mais forte. Nesse momento surge uma mulher, figura cristalina, angélica. Pede ao homem de fato azul que lhe guarde a chave do seu carro e a entregue na oficina vizinha quando esta abrir.

A que propósito?

O tipo de fato azul volta para dentro, para a sua garagem que afinal tem outras divisões e apetrechos. Na verdade, funciona como loja. Vende utensílios para casas de banho. Desentupidores. O homem de fato azul chama-se Barry Egan, dono da garagem que é uma loja. Parece ser um indivíduo dedicado ao seu negócio. Atende os clientes,

animadamente, ao lado dos seus funcionários. Era o que estava a fazer nesse dia quando lhe pedem para atender uma chamada. Na linha 1. É uma irmã sua, pergunta-lhe se vai à festa mais logo à noite. Barry diz-lhe que sim, que irá. Desliga. Volta para o balcão, atender os seus clientes. Chamam-no novamente para atender um telefonema. Linha 2. É outra irmã, a certificar-se que Barry não faltará à festa familiar. Responde-lhe afirmativamente. Regressa ao balcão. Dois dedos de conversa com os clientes. Nova chamada. Desta feita, na linha 4. Outra irmã ainda. Já se sabe o motivo da chamada...

Perdoe-nos o leitor! Duplamente. Pela maçada de seguir estas curtas linhas monótonas, aparentemente sem nexo, e por se estar a deixar levar por uma descrição, porventura pouco precisa, do começo do último filme de Paul Thomas Anderson. Punch-Drunk Love. No entanto, mesmo o pedido de perdão não é inocente. É que, precisamente, parece-nos estar nos contrastes das ambiguidades, um dos interesses da história.

Acaso. Conexão Acidente. Relação. Interno. Externo. Vigília. Onírico. Sofrimento. Amor:

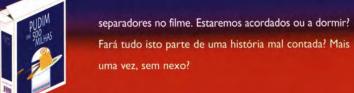
Sabemos que Barry é assaltado e invadido por um passado familiar que inclui sete irmãs avassaladoras; ou serão sete



pecados mortais? Sempre o trataram e continuam a vê-lo, diriamos mesmo, a possuí-lo como um doido. Ainda por cima de comportamento estranho! Tem ataques brutais de fúria que rompem como vulcões saídos da paisagem facial de Barry, quase sempre amena e amigável. Saberemos também que a rapariga (Emily Watson, sereníssima) que pede a Barry para guardar a chave do carro, não o fez por acaso. Mas porque razão terá a carrinha deixado um piano na rua? Barry Egan também não soube responder quando os seus funcionários lhe perguntaram porque vinha vestido de fato naquele dia. Percebe-se que não era habitual. Não houve resposta, muito menos lógica e racional.

No entanto, Barry Egan, no meio de um turbilhão de equívocos, não se deixa enganar e continua a explorar a campanha publicitária que oferece milhas para serem percorridas de avião. Dirige-se ao supermercado e compra um sem número de embalagens de pudim. Com cupões da promoção. Leva-os para a sua loja. Todos o interrogam. Tem resposta. Que diabo, para já, é só para estarem ali. Não são para mexer, simplesmente, para ficarem onde estão. Por outro lado, os fundos rendilhados e confusos do mundo interior de Barry, espelham-se em algumas imagens-pista dadas pelo realizador. As prateleiras horrivelmente decoradas, chocantes mesmo, do supermercado, o louceiro da casa de uma das irmãs, repleto de pratos pintados em estilo duvidoso. São redes intrincadas para Barry. Contrastam com a simplicidade do azul do fato, com a ligeireza do rosto, com a natureza do seu sentir.

E a propósito de fronteiras, Paul Thomas Anderson coloca-nos perante fortes intercepções imagéticas. Arco-íris horizontais e imagens de um universo escuro com pequenas estrelinhas cintilantes surgem como



lorge Leitão Ramos escreveu no Expresso (Actual, 15 Março 2003) que Paul Thomas Anderson mergulhou Berry Egan "num universo onde as coisas mais absurdas sucedem como se de factos normais se tratassem, mas num universo cheio de cores e sons vívidos que só no cinema podem ocorrer". Não concordamos. O realizador parece querer remeter-nos para os contrastes da vida, onde os acidentes poderão simplesmente acontecer, relacionados ou não, entre explosões de cores e sons, entre a vigília e o onírico, interna e externamente, com sofrimento e amor. Na vida mais do que no cinema! O espasmo do homem pelo mundo que se lhe aparece. E porquê dar razão a essa permanente necessidade de a tudo dar uma razão? De inserir e encapsular este admirável mundo nas malhas estreitas do puramente racional ou da fria fiabilidade.

E o homem de fato azul, Berry Egan, acaba por encontrar um motivo para uma acção sem razão aparente: a compra de pacotes de pudim. Com as milhas aéreas oferecidas pela campanha de marketing, poderá acompanhar Lena Leonard (Emily Watson) que, por razões profissionais, viaja com frequência. Mas sobretudo, mais do que uma explicação lógica para algo que parecia não ter racionalidade, Berry Egan, descobre a redenção no amor. As embalagens transformam-se num pudim imaginário que o levará a percorrer uma viagem na busca pela felicidade.

Não de avião. Numa nave espacial com formato de pudim. Feito de amor.

paniel sousa



EMOÇÕES - PRIMEIRA LIÇÃO

[para a ana bárbara, carinhosamente]

1.

as emoções voam em ciclos prendem-se aos retratos em silêncio espreguiçam-se na memória escondem-se no segredo das lágrimas sempre são alegria quando as vemos tão distantes e serenas escorregam nos anos já vividos demoram-se esperam ser revisitadas... há quem as guarde numa arca para quando os dias forem longos há quem as gaste logo e nada deixe para depois.



2

fazem sempre chorar

sobretudo quando cheira a romãs e a noite se fecha sobre o próprio ventre do propício momento são flores numa velha mas não fenecem nunca recusama murchar antes ganham cor patine [acho que é assim que se diz patine] vestem-se de luz e sombra disfarçam-se com a roupa de outros tempos avermelham os lábios deitam fora as rugas rescrevem na face o rubor antigo.

ah! as emoções...

3.

sabem tudo da música conhecem o pudor das palavras mais secretas dancam nuas nos corredores quando os gatos adormecem coleccionam silêncios gestos impensados pequenos objectos imprestáveis papeis amarelecidos e dobrados discretas disfarçam-se nas datas mais difíceis vezes cheiram a mar outras à lânguida terra que a chuva possuiu renovam-se são assim as emoções quando a serenidade nos deixa olhá-las perto.

4.

outras vezes não outras vezes tomam-nos de assalto há mesmo quem soçobre feche os olhos e parta para o longe é então que elas se revelam na sua forma de aves sibilinas rompem o espanto rasgam as veias predizem o futuro exalam odores que pensáramos perdidos sussurram em desconhecidos idiomas mas logo se aquietam o seu ofício a quietude.

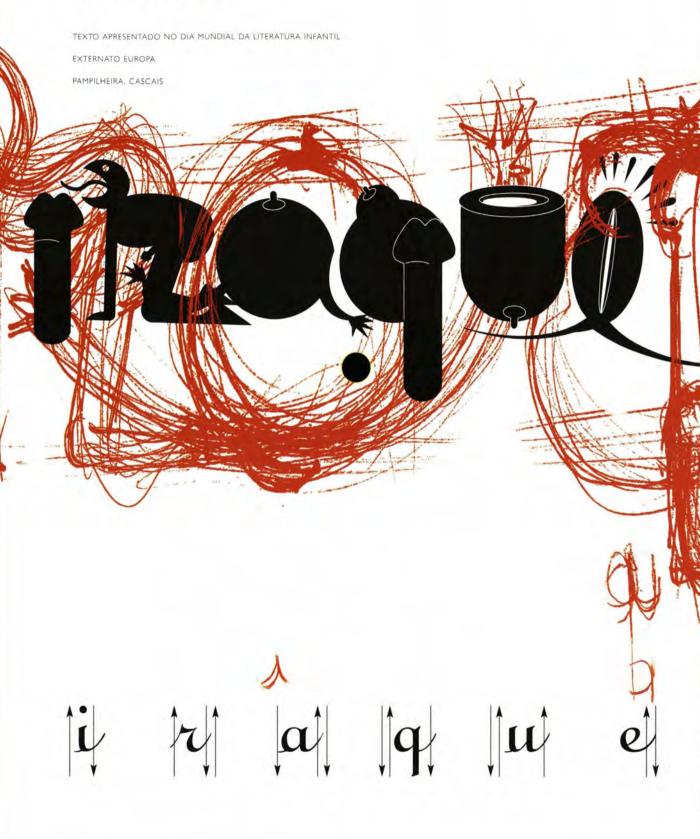
5.

ah!, as emoções...

mário contumélias

Ira — a importância da aprendizagem da leitura ou a rerdadeira guerra do Iraque

LUÍS SOUSA RIBEIRO



Começar por uma história pareceu-me o melhor modo de iniciar esta pequena excursão pela *Importância da Leitura*. Trata-se não só de uma história famosa – no seu restrito circulo de audiência – como ainda de uma história muito anterior à época na qual a questão da leitura se coloca à criança e ao educador; advém sua justificação de a leitura não poder ser vista isoladamente, suspensa da história das relações, intercâmbios, estratégias e instrumentalidades que alguém vai desenvolvendo e assimilando nesse pôr-se ao mundo que a vida é.

E é a história da observação do jogo de uma criança de dezoito meses, aparentemente um neto de Freud, com o seu brinquedo, um carrinho de linhas antigo, em madeira, atado a um cordel, relatada no seu tão obscuro quanto famoso texto de 1920 "Além do Princípio do Prazer".

O título, a referência ao autor e à dificuldade do texto provocam um recolocar do corpo na cadeira, um respirar de quem se prepara para o esforço desiludido após o tão prometedor início: "Afinal não era só para ouvir uma história a propósito da importância da leitura?". Era, e é, mas a história da leitura e o ler em si-mesmo são um para além do princípio do prazer cujo desconforto, ou melhor uma história cujo prazer resulta de se poder, ou não, suportar o desconforto, esse a mais por vezes, aparentemente, apenas excesso injustificado – e se assim não fosse não se perceberia porque tantas vezes corre mal a aprendizagem escolar e ser professor seria, *realmente*, a melhor das profissões, como cada um de nós, quando criança, e como alguns de nós, que disso fizemos vida, pensámos.



A criança de modo algum era precoce em seu desenvolvimento intelectual. À idade de ano e meio podia dizer apenas algumas palavras compreensíveis e utilizava também uma série de sons que expressavam um significado inteligível para aqueles que a rodeavam. ...[...] tributos eram-lhe prestados por ser um "bom menino". Não incomodava os pais à noite, obedecia conscientemente às ordens de não tocar em certas coisas, ou de não entrar em determinados cómodos e, acima de tudo, nunca chorava quando sua mãe o deixava por algumas horas. ... Esse bom menininho, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objectos que pudesse agorrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado "o-o-o-ó", acompanhado por expressão de interesse e satisfação. Sua mãe e o autor do presente relato concordaram em achar que isso não constituía uma simples interjeição, mas representava a palavra alemã 'fort'. Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de "ir embora" com eles. Certo dia fiz uma observação que confirmou meu ponto de vista. O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por ex., e brincar com o carretel como se fosse um carro. O que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita pericia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo "o-o-ó". Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava seu reaparecimento com um alegre "da" (ali). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeiro acto, que era incansavelmente repetido como um jogo em si-mesmo, embora não haja dúvida de que o prazer m

Foi esta a história de que me lembrei, e resta-me pedir um pouco mais de paciência pois, por agora, não se percebe porque a mesma ilustra a importância da leitura. No entanto, o ponto fulcral consiste em saber porque seria o primeiro acto (fort/longe), o menos prazeroso, aquele que a criança mais vezes repetia. Será por aqui, penso, que poderemos prosseguir na investigação daquilo que move e sustenta esse esforço para Além do Princípio do Prazer que a aprendizagem escolar suscita à criança.

Escreve Freud, A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efectuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objectos que se encontravam a seu alcance. ... A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, se harmonizava com o princípio de prazer? ... De um ponto de vista não preconcebido, fica-se com a impressão de que a criança transformou sua experiência em jogo devido a outro motivo. No início, achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel activo.

No texto agora apresentado encontra-se tudo aquilo que penso acerca da importância da leitura; essa curiosa actividade que consiste em lidar com experiências reais através de objectos, as palavras, que as representam, fazendo existir dentro do próprio, que assim se enriquece, o que de outro modo apenas existiria fora ou imprestável para o pensar. Mais, em poder fazê-lo sozinho ganhando autonomia, crescendo; agora pode ler ele as histórias mas, sobretudo, poderá ser ele a manipular, alterando e recriando as histórias, um mundo que lhe obedece, invertendo a dependência da habitualmente tão escassa prontidão dos adultos para lhe contar histórias e, mais importante, acrescentando à internalização acima descrita uma externalização que lhe dá um lugar no mundo fazendo com que este seja, efectivamente, um mundo onde tem lugar.

E ao assim fazer, pela palavra, um mundo próprio, é a sua própria intimidade que se altera; doravante não mais o insubstituível, incomunicável e intransitivo, concretismo da experiência corporal, sensorial ou emotiva que porque irreplicável constitui a sua singularidade no reino do efémero [insistência na imobilização que se observa sempre que a coisa corre mal e percorre um espectro desde o autismo, onde nenhum objecto pode ser alterado, à psicose e à obsessão, onde a maioria dos objectos não podem ser movidos e onde o prazer se limita à experiência de uns poucos



em condições muito particulares, manobra que atinge o seu apogeu no estatuto jurídico das especificações do cenário na cena perversa, concluindo, na depressão, com o anelo de um mítico e saudoso reencontro, re-apresentações e repetições sempre condenadas ao fracasso por a vida ser irrepetível fluir]. Essa alteração qualitativa do íntimo, se não mesmo do imo, advém de este ser agora constituído por elementos, as palavras, cuja natureza é ab-initio comunicacional e cujo lugar é o de entre-dois, e produz um eu que é um de-mim-para-comigo(enquanto outro de mim)-e(logo)-para-com-os-outros. Um eu connosco e cognoscente para além do mim tal como a língua, estabelecida e fixada por outros, antes e depois de mim, onde me incluo enquanto falante, estabelecendo e estabelecendo-me fora do solipsismo e do efémero do concreto-sensorial, permitindo-me um apoio menos personificado e mais diluído, mas mais eficaz e vasto – não a minha mamã, fulano ou beltrano, mas a minha família, amigos e povo (os com a minha língua) – que permite uma quase imortalidade, a sobrevivência do léxico e da função comunicativa resistente, quanto possível, à própria alteração e extinção de uma semântica individual (que é quase tudo o que somos).

E assim se passou do seio que me alimentou para mãe, pai até casal, família, povo e, mais para além, até puras faculdades do juízo. Passou-se com as palavras, esses obscuros símbolos que constituem as histórias e cada um de nós enquanto narrativa particular de um particular estar no mundo, rabiscos cuja decifração e manejo constitui a leitura e o pensamento (que é tão só leitura do mundo), arabescos que algures foram apenas a marca de um gesto motor (o braço que atirava ou puxava), a que foi agregado um grama (bobine, cordel), e um som socialmente estabelecido (fort/do). Passou-se de um conjunto jogo para um jogo conjunto – mesmo quando apenas leio é, sempre, uma história que me é contada por alguém que a escreveu, muitas vezes antes de eu nascer, tal como quando se escreve é uma história que se conta, mesmo depois de morto, para aqueles que ainda não nasceram.

Percebe-se, portanto, a tranquilidade característica do adulto, do falante actor e realizador do jogo linguístico, comparativamente à ansiosa e intensa experiência do efémero concreto do prazer (corporal), e do gozo (imaginário/visual), característicos da criança, o infante, o que não tem lugar no conselho do rei, o que não tem direito à palavra.

Que as palavras são como as cerejas todos o sabemos, mas se tantas cerejas se pode comer sem enfartar é por tal fruto ser tão pouco calórico, quase água como as histórias que, deste ponto de vista, são um escrever na água. E as cerejas dão muito trabalho a apanhar, são pequeninas e apenas muito lentamente enchem um cesto. E as cerejas têm um caroço duro de roer.

Falemos agora disto; qual o imarcescível caroço do falar, qual a fraqueza dos seus nutrientes? Porque é o homem, não obstante tanta história, mais faber que sapiens? O que terá tudo isto a ver com a leitura?

Lemos porque falámos; lemos para poder falar aquém e além de nós, mas tal não nos liberta de termos falado porque algo nos faltou e teve, então, essa ausência de ser representada, para poder ser anulada e superada, dita para não ser tida.

Tudo aquilo que nos aproxima da linguagem, da leitura e da escrita aproxima-nos da dura consistência desse nódulo de vazio que tentamos cobrir com a polpa do falar; pelo que, como com as cerejas, quando começamos não nos resta senão continuar.



Trata-se, então, dos modos de cozer a ferida e da travessia dos hiantes abismos rasgados pela separação outrora ocorrida; trata-se de como alcançar o que quer que seja, e sempre pensamos ter sido muito, que ficou do outro lado dessa cesura – o que no pensamento das crianças equivale ao que ficou no interior do corpo dos adultos e se vai afastando, por eles afastado, nesse doloroso alongar da brecha a que chamam *crescer*.

É algo que pode chegar ao apaziguar mas sempre nasce do odiar, e até lá quantos perigos, quantos deslizes, quanta luta e incerteza, sempre espreitam o viandante – como em todo o conto infantil digno desse nome. È por isso que aquando da desesperança de um final feliz sempre se obtêm esses inequívocos sinais da agonia que são o insucesso escolar (sinal do insuportável da viagem), e o mau comportamento (marca da intranquilidade quanto ao poder criador e devolutivo da palavra e da história). Pode-se, até, jogar muito, e radicalmente, mas bem se sabe serem maus tempos estes em que tão pouco se lê.

É muito agradável ouvir contarem-nos uma história, mesmo como esta que agora conto, pois tal parece anular a fissura, mas o único modo de operar tal salto é sermos nós a contá-la e, em primeiro lugar, acerca de nós próprios. Mas tal implica o confronto com a dor, por isso a criação e a escrita de uma história, mesmo como esta, é tão difícil e o escritor, como o pensador, o artista e o cientista, todos aqueles que ousam e nesse ousar extraem os rabiscos do entendimento, são tão admirados, por uns, e aviltados e invejosamente odiados, por outros.

Pois a diferença entre ler uma história e escrevê-la está, e é por isso que o escrever é mais importante, no segurar do instrumento,

no marcar e no ousar ficar por cima; traços distintivos da diferença entre os que passam a vida a ler e aqueles que escrevem os livros que os primeiros lêem. Ninguém pode dizer por nós e há uma diferença evidente entre ver passar os comboios e ir na viagem – embora toda a viagem tenha riscos [a tese deste texto é mesmo a de toda a viagem ser um rabisco].

Ora o acesso ao corpo do outro, base do falar, chama-se, noutro registo, o sexual. E mesmo que as crianças o não soubessem já, sabe-loiam rapidamente quando iniciam a aprendizagem da escrita pelo \hat{i}_i o para cima e para baixo base de toda a escrita, movimento que constitui o mais básico do sexual.

E ao i, segue-se o e, um para cima e para baixo que tem uma argolinha, um buraco, por oposição ao ponto do i - o embate do instrumento - e desde a' (veja-se mais à frente) todo o escrever e toda a escrita é a manifestação da prole resultante da união de i 's e e 's, e o ler o espreitar dessa misteriosa capacidade procriadora do autor que agora representa aqueles de cuja autoria somos monumento. É por isto, o inconfessável e o indizível do sexual, que toda a primeira escrita é secreta - os diários - e que as crianças que passaram as anteriores barreiras podem, agora, falhar na inibição escolar e na impropriamente denominada "fobia escolar" que é apenas o medo de ser apanhado que acompanha a masturbação (a qual é tão só um ler e reescrever do sexual), mas, sobretudo, o medo de ser comparado e avaliado pelo sobre (lapso de sober), dos colegas e professores.

Uma última história; Mário, um menino de cinco anos com profunda angústia de castração, aprendeu a fazer a sua letra com três anos quando o pai lhe ensinou que **M** se fazia para-cima-e-para-baixo-para-cima-e-para-baixo. Aprendeu bem a lição e nas consultas quando desenha, desenha antes de tudo a sua letra. A sexualidade está sempre presente e o temor assoberba-o; não consegue adormecer sozinho e é perseguido por intensos terrores nocturnos, faz-se de mais bebé e não quer comer pela sua mão. O irmão, um rapaz de sete anos, sem queixa, vai muito bem na escola, na vida e no futebol, que muito aprecia; apenas tem um grande medo de cães.







Vou levar Mário ao pai que o espera na companhia do irmão e, que em jeito de desabafo, diz que M. vai muito melhor e que parece ser o irmão quem agora anda atrapalhado. Ontem fartou-se de chorar porque o irmão lhe tinha estragado um brinquedo que o pai lhe dera. Foi uma coisa de nada que mal se vê e, de noite, acordou a chorar e com vómitos, a chamar pela mãe e a dizer que tinha os brinquedos todos estragados e que o pai não lhe queria dar outros. A mãe teve de ficar com ele e adormeceu a dizer "ó mãe, convence o pai!".

O pai vai levar uns papéis à secretaria e eu fico com os dois, o mais velho pergunta-me:

- Esta guerra do país das armas contra o país dos mísseis, eles ontem estragaram uma antena de electricidade. Porquê?
- Deve ser para os outros não terem electricidade para atirarem os mísseis.
- Mas qual é o verdadeiro nome do país que eles estragaram a antena de electricidade?
- É Iraque.
- E quantas antenas de electricidade tem um país?
- É conforme, mas o Iraque é um país que tem muitas.
- Ah! É por isso que os outros não vão lá e só atiram bombas para estragar as antenas dos outros ... mas se esses têm electricidade, porque é que não põem o telecomando para atirar os mísseis aos do país das armas?
- Porque esses têm um telecomando mais forte.
- Ah! Então como os dos mísseis são mais fracos não podem lançar os seus mísseis e estão lá a fazer electricidade, estão a jogar à defesa.
 (desinteressa-se do assunto)

Mário, que ouvira atentamente esta história, apenas intervira uma vez para dizer: Quando é que vamos embora? E no preciso momento em que a conversa termina tem um forte acesso de angústia claustrofóbica e, agitado, diz: Não podes abrir-me as portas para me ir embora? Não, não podemos abrir as portas para/por ninguém; pais ou educadores só podemos, no melhor, apontar a direcção das portas e então, tranquila e pacientemente, observar e suportar as arremetidas por vezes, tantas vezes, tão agressivas quanto desajeitadas. O resto é com cada um de nós: suportar o medo dos cães, temer que nos destruam os brinquedos e as antenas mas, pacientemente, continuar a produzir a electricidade necessária para que algum dia sejamos nós a lançar o nosso míssil. É isto que igualiza e distingue estes dois meninos e quaisquer outros dois meninos que possam, ou não, aprender, que possam, ou não, crescer.

Por isso esta história, a guerra do Iraque, como qualquer outra história, só pode ser lida, contada ou escrita quando fortes ante o horror. Por isso a história da guerra do Iraque é a verdadeira história da importância da leitura, pois dela é sabido já se ter dito A Mãe de Todas as Guerras. Por isso este texto se vai chamar:



P.S.: $\mathcal{G}_{\tau\alpha\mu\nu} = \{\mathcal{G}_{\tau\alpha} + ira\ [o\ elemento\ masculino\ e\ externo\ no\ qual\ o\ \alpha\ (um\ redondo\ de\ braços\ abertos,\ o\ seio\ contentor)\ recebe\ o\ i\ (já\ descrito)\ sendo\ \alpha\ relação\ sexual\ expressa\ no\ \tau\ (o\ coito\ parental\ à\ tergo)]\ +\ que\ [o\ elemento\ feminino\ e\ interno\ constituído\ por\ q\ (o\ pénis\ interior\ da\ mãe)\ u\ (o\ seio\ latrina)\ e\ e\ (já\ descrito)]\}.$ Assim $Iraque\ e\ um\ nome\ total\ e\ Ur\ a\ primeira\ cidade\ comprova\ o\ facto\ de\ a\ realização\ cultural\ se\ iniciar\ pelo\ manejo\ dos\ produtos\ mentais\ não\ assimiláveis\ através\ da\ sexualidade;\ Ur\ (que\ significa\ cidade)\ pátria\ de\ Abraão\ que\ formulou\ o\ Deus\ único\ doando\ à\ humanidade\ a\ posição\ depressiva\ e\ suas\ funções\ introjectivas\ e\ sintéticas.\ i,\ e\ e\ u,\ são\ utilizados\ conforme\ as\ conclusões\ de\ M.\ Klein,\ as\ restantes\ letras\ são\ conjecturas\ minhas.$

Uma clara consonância em torno da ideia de que não há soluções bélicas para os problemas do Mundo, constituiu a tónica maior de um debate sob o título "A Nossa Guerra", que se realizou no bar do ISPA, na noite de 25 de Março passado.

Presentes como oradores estiveram o presidente da AMI, Fernando Nobre,

Fernando Nobre,
e os docentes do ISPA, Mário Contumélias, Teresa Garcia-Marques
e Vítor Cláudio; António Melo encarregou-se de moderar o debate.
Após curtas intervenções de cada um dos oradores, todas
condenando a agressão contra o Iraque e chamando a atenção para algumas situações daí decorrentes; neste plano o contributo



de Fernando Nobre, como testemunho de uma experiência vivida foi particularmente valioso; e de ter sido aflorada a análise do conflito, do ponto de vista da Psicologia Social, iniciou-se o debate.

Com larga participação de alunos, as questões levantadas mostraram a preocupação dos presentes pela forma como a posição dos "aliados" faz tábua rasa do Direito Internacional e revelaram a preocupação partilhada

de encontrar formas positivas de cada cidadão poder mostrar a sua clara opção pela paz.

O debate, o primeiro da iniciativa dos "Argumenta", terminou, mas a discussão continua. Desde já nas páginas deste número do "SER".





Desde o princípio do século catorze que a ordem de S. João do Hospital se encontrava sediada na ilha de Rhodes. Em 1523 os cavaleiros de S. João perdem o bastião da cristandade no Oriente, após um longo cerco, para os turcos comandados por Solimão. Sete anos passados, Carlos V, Imperador do Sacro Império Germânico, doa-lhes uma pequena ilha no Mediterrâneo. Aqui, sob o comando do Grão Mestre Jean de la Vallete, sofrem nova investida turca. Os cavaleiros resistem valorosamente no que ficou conhecido como o *Grande Cerco*. Esta ilha não mais será perdida para os seguidores do profeta. No século dezanove torna-se uma colónia inglesa e a 21 de Setembro de 1964 passa a estado independente. Seu nome: Malta.

Mares do Sul, algures entre a Polinésia e a Austrália, pouco antes do eclodir da primeira Grande Guerra. Um catamarã das ilhas Fiji, comandado por um russo chamado Rasputine, dirigese para a Escondida, uma ilha fora dos mapas. Esta era o lar de um misterioso Monge, que dominava os seus habitantes. Durante a viagem, são recolhidos os primos Pandora e Caïn Groovesnore, náufragos do navio "A Jovem de Amesterdão". Enquanto recuperam, um outro náufrago é recolhido. Um marinheiro de orelha furada, amarrado a uma jangada como punição pela sedução de uma jovem maori.

Hugo Pratt trabalha há cinco anos no jornal infantil italiano "Corriere dei Piccoli", depois de 13 anos passados em Buenos Aires. Aproveita esta fase para conhecer o mundo: Etiópia, Tanzânia, Portugal, Inglaterra e Amazónia. Finalmente, depois de 36 anos de uma vida atribulada, um editor oferece-lhe total liberdade criativa.

Este é um capitão da marinha mercante que também trabalha para essa personagem misteriosa intitulada: Monge. A soldo dos alemães, assaltam navios mercantes de transporte de carvão, de forma a abastecer a sua frota do Pacífico. São piratas. O marinheiro, descobre-se posteriormente, prefere ser designado por gentilhomem de fortuna. Rege-se pelo seu código de moral, não o impondo a outros.

Surge assim Sargent Kirk. Revista de Banda Desenhada fundada em 1967. No seu primeiro número traz aventuras de personagens consagradas como Terry and the pirates ou Sargent Kirk. É aqui que aparece a primeira parte de um romance gráfico, escrito pelo próprio Pratt: A Balada do Mar Salgado. Durante três anos, esta revista sai com alguma periodicidade. Em 1969 é publicado o seu último número.

Rasputine encontra-se com o general alemão Von Speeke. Tinham capturado um cargueiro holandês que iam entregar. O marinheiro dirige o catamarã para a Escondida. Os primos Groovesnore são levados como reféns, na perspectiva de fornecerem um valioso resgate. A viagem faz-se com vários contratempos. Sofrem um naufrágio, são aprisionados por nativos de uma ilha polinésia. Finalmente conseguem juntar-se a Rasputine e seu novo companheiro Slütter, um jovem tenente, comandante de um submarino cedido pelo almirantado para as suas operações.

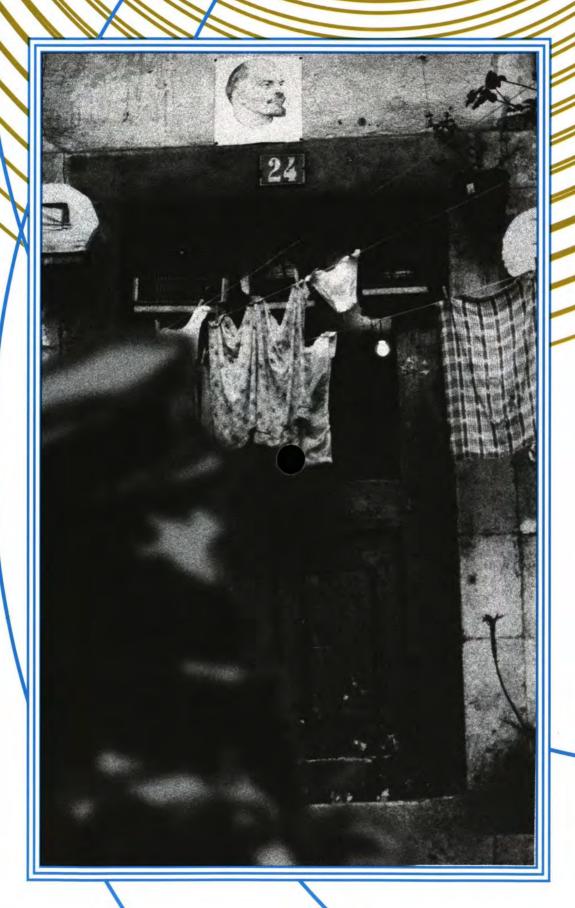
Chegam à Escondida. O Monge não se encontra na ilha.

Num congresso de Banda Desenhada conhece Georges Rieu, director da redacção da revista Pif Gadget. Esta era lida regularmente por um milhão de pessoas. Enquanto conversam, acompanhados de Chianti, Rieu, ligeiramente eufórico, oferece-lhe trabalho. Hugo, aproveitando o fim de Sargent Kirk, parte para Paris algumas semanas mais tarde. Durante a viagem, pensa em novos projectos a realizar em Paris. Recorda-se da sua última criação.









Durante alguns dias, esta vive um período conturbado. Pandora fica gravemente ferida, no seguimento de um acidente. Vários conflitos surgem entre os habitantes da ilha, nomeadamente entre Rasputine e o marinheiro. O russo torna-se cada vez mais perigoso. O Monge chega. Com ele traz a notícia do começo da guerra. Alguns conflitos surgem entre ele e os seus companheiros de corso. Considera o marinheiro um subversivo, pois este considera que a autoridade só se mantém até ao momento em que se é obrigado a impô-la. Slütter encontra-se dividido entre a obediência a ordens e o código de conduta de um oficial da marinha alemã.

Em Paris, dirige-se a George Rieu. No entanto, este já não se recordava de Pratt, muito menos de lhe ter oferecido trabalho. Mais tarde Pratt acaba por admitir que a proposta foi feita um "pouco no ar". No entanto, Rieu acaba por convidá-lo a desenhar pranchas esporádicas, pagas à unidade. Hugo aceita.

A situação na Escondida piora irreversivelmente. Monge tenta matar o gentilhomem de fortuna, o único a quem chamava amigo. Parte de seguida para um encontro com os alemães. Rasputine fica encarregue da ilha. O russo, aproveitando o vazio de poder, intitula-se rei. Pandora consegue fugir com um jovem marinheiro maori numa pequena embarcação. Resgatados por um navio de guerra comandado pelo almirante Rinald Groovesnore, tio de Pandora, o maori transmite-lhe a localização da misteriosa ilha. Dirige-se a ela. A sua captura é simples.

Slütter é fuzilado como criminoso de guerra. O Monge nunca é encontrado. O marinheiro não é acusado por ter o testemunho favorável dos jovens Groovesnore.

Usa como herói das aventuras que desenha um marinheiro de orelha furada que surge na Balada. Durante quatro anos trabalha ininterruptamente. O sucesso é enorme. Em 73, a editora Casterman

passa a editar estas aventuras em albúm. Finalmente, adquire prestígio como desenhador e escritor de banda desenhada. A este personagem, dedica 12 álbuns.

Pandora encontra-se no convés de um navio. O marinheiro vai partir no seu veleiro. Enquanto a olha, recorda-se de um tango que ouvia em Buenos Aires, no café Parda Flora. Ela sugere que talvez lhe fizesse lembrar alguém.

É precisamente por não te pareceres com ninguém que gostaria de te encontrar sempre... Em toda a parte...

Pandora fica. Ele parte. Sempre em direcção ao sol poente. Quem é? Um homem do destino, um gentilhomem de fortuna ou apenas alguém que se descreve como tendo recebido mais do que deu. Alguém que, em dias de Outono, sentado em bancos de jardim, pensa em como era bom cair nos braços das mulheres, sem lhes cair nas mãos.

Há quem diga que a sua presença favorece quem com ele se cruza. Afinal, a sua linha da sorte é extremamente auspiciosa. Feita com uma navalha no dia em que descobriu que tinha nascido sem ter o destino marcado na palma das mãos.

Seu nome é Corto, Corto Maltese.

Tiago de sousa mendes

PARA SABER MAIS VIDE:

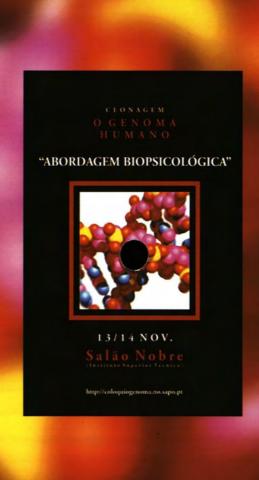
Moliterni, Claude (1987).
Les auteurs par la Bande PRATT. Paris, Seghers.

Pratt, Hugo (1991)

Le Désir d'être inutile. Souvenirs et réflexions entretiens avec Dominique Petitfaux. Paris, Robert Laffont.









A Comissão Organizadora do evento "Clonagem: Genoma Humano (Abordagem Biopsicológica)" foi constituída por alunos das Licenciaturas de Psicologia Aplicada do Instituto Superior de Psicologia Aplicada e do Departamento de Engenharia Química do Instituto Superior Técnico, tendo contado com o apoio do IST e do ISPA.

O objectivo foi de criar um espaço de debate e promover a multidisciplinaridade entre as várias áreas de conhecimento acerca da temática "Clonagem Humana", através da participação de oradores com diferentes formações específicas.

O facto deste colóquio ser organizado por alunos pertencentes a diferentes Institutos e áreas de estudo constitui-se como um desafio e oportunidade de intensificar a intercâmbio de diferentes interesses.

Pretendia-se, também, sensibilizar a sociedade para as vantagens inerentes às possibilidades biológicas e para as repercussões psicológicas que advêm da clonagem humana.

Outro aspecto relativamente a esta temática deve ser mencionada. Segundo Atlan, Augé, Delmas-Marty, Droit & Fresco (1999), "a clonagem humana aparece inicialmente como uma ameaça confusa. Apesar de não sabermos

"CLONAGEM: GENOMA HUMANO (ABORDAGEM BIOPSICOLÓGICA)"

em que consiste exactamente, inquietamo-nos, assustamo-nos. Trataremos os corpos humanos como coisas? Iremos nós reproduzir de um modo idêntico um mesmo corpo? Poderemos conceber a "cópia" de uma pessoa segundo vários exemplares? Podemos permiti-lo? Ou devemos proibi-lo?". (Atlan, et al., 1999, p.9)

Na generalidade, o ser humano tem o hábito de rejeitar ou de se precaver com tudo aquilo que é novo ou desconhecido. E foi este mesmo hábito que nos motivou à realização deste colóquio.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os oradores dos diferentes painéis (Prof. Doutor José Rueff, Dr. Luís Sousa Ribeiro, Prof.ª Doutora Maria Emília Marques, Prof.ª Doutora Isabel Leal, Prof. Doutor Victor Cláudio, Prof. Doutor Daniel Serrão, Padre Feytor Pinto, Prof.ª Doutora Paula Ponce de Leão, Prof. Doutor Carlos Jesus, Prof. Doutor Álvaro Tavares, Prof. Doutor Rui Oliveira, Prof. Doutor Jorge Buescu), ao Prof. Doutor Carlos Matos Ferreira (Presidente do IST), Prof. Doutor Telmo Baptista e Doutor Fernando Silva (Presidente e vice-presidente da Associação Pró-Ordem dos Psicólogos), Prof. Doutor Pedro Mendes (Vice-presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia) e, finalmente, menciono dois agradecimentos especiais, à Prof.ª Doutora Manuela Verissimo e ao Prof. Doutor Joaquim S. Cabral, por nos terem ajudado de uma forma incansável em todo este projecto e, também, por terem acreditado em nós. Um nosso muito obrigado.



PSICOTUNA



A formação de uma Tuna consiste na fusão de dois pontos fundamentais: amor pela música e amizade. O gosto de envergar uma capa negra, o sentimento e espírito académico, é revelação do que está intrínseco em qualquer tuna... facto de que a nossa não é excepção.

A Psicotuna é a Tuna Feminina do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Formou-se como Tuna Feminina em Novembro de 1995, tendo existido desde 1993 mas como Tuna Mista. A partir daí tem participado em inúmeras actuações por todo o país, Bragança, Castro D' Aire, nos festejos da Semana Académica 97 dos Institutos Superiores da Marinha Grande onde ganhou o prémio de Melhor Pandeireta.

Actualmente esta nossa Tuna é constituída por 20 elementos que pretendem manter vivas as tradições académicas, que trabalham com muita garra, divulgando a nossa boa música popular, não deixando nunca de apostar nos seus originais. Têm algumas divisões às quais os seus elementos estão sujeitos como as categorias de Veteranas, Excelentíssimas Caloiras e Caloiras.



Covilhã, Coimbra, Alcobaça, Tavira, e outras mais, assim como a sua participação em diversos Encontros de Tunas realizados na nossa grande cidade de Lisboa. Participou em alguns eventos sociais, espectáculos de beneficência e solidariedade e colaborou na organização do 1º Boémio. Das diversas actuações destaca—se a participação no seu 1º Festival de Tunas - FATFUBI '95 (Festival Académico de Tunas Femininas da Universidade da Beira Interior) - realizado na Covilhã, onde conquistou o prémio de Melhor Tuna e ainda a participação no Festival de Tunas inserido

Acima de tudo pretendemos manter vivo o tão falado "Espírito Académico", que felizmente tem aumentado na cidade de Lisboa, notando-se já um bom companheirismo entre as Tunas das diversas faculdades.

A Psicotuna pretende honrar com humildade o traje que enverga e o nome da sua Faculdade por todo o lado onde vão. A todos os que se revejam neste *modus vivendus* as portas estão abertas à vossa espera! Não esquecer para tal: "O trunfo é copos!"

relma sociro, sophie picoto



ageno

BEUNIÕES CIENTÍFICAS

NACIONAL

Título: Ciclo de Conferências 2003 - Centro de Investigação e Intervenção do ISPA

Data: 14 de Marco a 21 de Novembro 2003

Local: Sala de Actos - Instituto Superior

de Psicologia Aplicada

Contactos:

Tel.: 218 811 708, Fax: 218 860 954

e-mail: cii@ispa,pt

Ver informações na pág. 63

Título: 6ª Secção do Ciclo de Conferências "A Odisseia do Bebé" - Reanimação

Psicológica do Bebé. Data: 9 de Maio de 2003 Local: Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Beja

Contactos:

Secretaria ISPA - Beja Tel: 284 321 450

Título: Psicologia e Urbanismo com Goncalo Ribeiro Telles Data: 15 de Maio de 2003 - 19h30

Local: Livraria Almedina.

Atrium Saldanha, Loja 71 - 2º Piso, Lisboa

Contactos:

Associação Pró-Ordem dos Psicólogos www.ordemdospsicologos.org e-mail: apop@mail.pt

Titulo: 11° Congresso Europeu de Psicologia Organizacional e do Trabalho - "Identidade e diversidade nas Organizações"

Data: 14-17 Maio 2003 Local: ISCTE - Lisboa

Contactos:

www.eawop-congress.iscte.pt

Título: Il Encontro Nacional de Psicologia e Sociedade - "O Stress na Vida

Contemporânea"

Data: 16-17 Maio 2003 Local: Unidade de Psicologia e Investigação ISLA - Leiria

Contactos:

Rua da Cooperativa. S. Romão, 2410-017 Leiria

Tel.: 244 820 657, Fax: 244 813 021

e-mail: uuiipsi@lr.isla.pt

Título: IV Conferência de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental - "Prevenção: Os Novos desafios para o Desenvolvimento Comunitário"

Data: 22-23 Maio 2003 Local: Instituto Superior de Psicologia Aplicada Contactos:

Rua Jardim do Tabaco, 34 1149-041, Lisboa

Tel.: 218 811 700, Fax.: 218 860 954

Ver informações na pág. 84

Titulo: III Congresso Nacional de Neuropediatria Data: 23-24 Maio 2003

Local: Centro de Reuniões da FIL

- Parque das Nações

Contactos:

Sociedade Portuguesa de Neuropediatria, Apartado 30292, 1400-999 Lisboa congresso2003@neuropediatria.online.pt

Título: Psicologia e Literatura com Agustina Bessa Luís

Data: 5 de Junho de 2003 - 19h30

Local: Livraria Almedina,

Atrium Saldanha, Loja 71 - 2º Piso, Lisboa

Contactos:

Associação Pró-Ordem dos Psicólogos www.ordemdospsicologos.org e-mail: apop@mail.pt

Título: 7ª Secção do Ciclo de Conferências "A Odisseia do Bebé" - Aplicabilidade e Aspectos Práticos da Observação de Bebés.

Data: 6 de Junho de 2003

Local: Instituto Superior de Psicologia

Aplicada - Beja Contactos:

Secretaria ISPA - Beja Tel.: 284 321 450

Título: Linguagem, Cultura e Cognição - Congresso Internacional de Linguistica Cognitiva

Data: 16-18 Julho 2003

Local: Faculdade de Filosofia de Braga

Contactos:

www.facfil.ucp.pt/lingcog

Título: V Simpósio Nacional de Investigação

em Psicologia

Data: 16-18 Outubro 2003

Local: Fundação Caloust Gulbenkain,

Lisboa

Contactos:

Edificio ISCTE - Sala 2ELL

Av. Das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa http://appsicologia.cidadevirtual.pt

Título: Il Colóquio Europeu de Psicologia e Ética Data: 5 a 7 de Novembro 2003

Local: Fundação Caloust Gulbenkain. Lisboa

Contactos:

e-mail: etica@ispa.pt Ver informações na pág. 82





INTERNACIONAL

Título: III Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e IX Simpósio Paulista de Educação Física Data: 30 de Abril a 3 de Maio 2003 Local: UNESP - Rio Claro - São Paulo Contactos:

Tel.: 19 526 41 60, Fax: 19 534 00 09 e-mail: simpsio@rc.unesp.br

Titulo: III Congresso Panamericano de Gerontología

Data: 30 de Abril a 3 de Maio 2003 Local: Sheraton Hotel, Mar del Plata,

Argentina

Contactos: Sociedad Argentina de Gerontologia y Geríatria, Tel./fax: 54 | 1 | 49 | 61 | 00 | 70 e-mail: panamericano@sion.com sagg@sion.com

Título: IV Congresso Ibero-Americano de Psicodrama - "Crise, Compromisso e Transformação: do Isolamento ao Encontro

Data: I a 4 de Maio 2003 Local: Buenos Aires - Argentina Contactos:

Tel./fax: 54 11 48 54 87 42 e-mails: info@psicodrama2003.com

fundacion@alumine.org.ar

Título: III Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e IX Simpósio Paulista de Educação Física Data: 30 de Abril a 3 de Maio 2003 Local: UNESP - Rio Claro - São Paulo Contactos:

Tel.: 19 526 41 60, Fax: 19 534 00 09 e-mail: simpsio@rc.unesp.br

Título: European Congress of Sports Medicine

Data: 14 a 16 de Maio 2003 Local: Hasselt - Begium

Contactos:

Tel.: +32 09 344 39 59, Fax: +32 09 344 40 10 e-mail: congresses@medicongress.com sports@medicongress.com

Título: VI Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana

Data: 19 - 23 de Maio 2003

Local: San Luis Poosi - México

Contactos: iberoamericano@colsan.edu.mx

Título: VIII European Congress of Psychology

Data: 6-11 Julho 2003 Local: Vienna- Austria

Contactos: The Austrian Professional Association of Psychologists.

Möllwaldplatz 4/439, A-1040 Tel.: ++43/1/407 26 71/17 Fax: ++43/1/407 26 71/30 e-mail: info@psycongress.at

Título: 36th World Congress of the International Institute of Sociology - "Social Change in the age of Globalization".

Data: 7-11 Julho 2003 Local: Pequim - China

Contactos: e-mail: ios@iis2003beijing.com.cn Tel.: 8610 6513 8276, Fax: 8610 6513 3870 **Título:** 8th Annual Congress of the European College of Sport Science

Data: 9-12 Julho 2003 Local: Salzburg - Áustria Contactos: http://www.ecss.de

Título: 3rd International Conference on Researching Work and Learning

Data: 25-27 Julho 2003

Local: University of Tampere, Filand Contactos: e-mail: rwl2003@uta.fi

Tel.: +358 321 576 59, Fax: +358 321 575 02

Título: 111th Annual Convention of the American Psychological Association

Data: 7-10 de Agosto 2003 Local: Toronto- Ontario - Canada Contactos: e-mail: convention@apa.org

Titulo: The 17th Conference of the European Health Psychology Society (EHPS) - "Gander, Culture and Health"

Data: 24-27 Setembro de 2003

Local: Grécia

Contactos: Fórum Internacional Congress Organizer, 24 Mitropoleos Str, 54624,

Thessloniki, Greece,

Tel.: +302 310 257 128, Fax: +302 316 231 849

e-mail: info@forumcongress.com

CONFERENCIA NACIONAL DOS INSTITUTOS RELIGIO OS MASCULINOS



PEDERAÇÃO NACIONAL

INSTITUTOS RELIGIOSOS FEMININOS SECRETARIADO GERAL

CIRCULAR N.º

INSTITUTO DE CIENCIAS PSICOPEDAGOGICAS LISBOA

I. DIRECCÃO DO INSTITUTO

- CONSELHO DA PRESIDENCIA: Presidentes e Secretários Gerais da C.N.I.R.M. e da F.N.I.R.F..
- CONSELHO DIRECTIVO: Director, Secretário e três membros do Corpo Docen-
 - DIRECTOR: Rev. Dr. Lúcio Craveiro da Silva, S.J., Doutor em Filosofia, licenciado em Ciências Políticas e Sociais e em Cincias Económicas, ex-Reitor Magnífico da Faculdade Pontific: de Filo-sofia de Braga e actual Superior Provincial da Compunhia de Jesus.
 - SECRETARIO: Rev. Dr. Josquim Antônio de Aguiar, C.M.F., licenciado em História e Filosofia, Director do Colégio Universitário Pio XII.
- TESOURARIA: Tesoureiros de C.N.I.R.M. e da F.N.I.R.F..

II. PLANO

ESTUDOS

I. Psicologia:

Psicologia humana:

- a) racional
- experimental
- evolutiva d) colective
- 2. Técnicapsicológica:
 - A. Estatística
 - B. Psicometria
- 3. Psicopatologia
- Pedagogian

A. Geral

B. Especial

A 7 Novembro de 1962 foi inaugurado o Instituto de Ciências Psicopedagógicas pelas Conferência Nacional dos Institutos Religiosos e Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos.

O Instituto destinava-se à formação de professores dos colégios religiosos. Abriu com 38 inscrições, com sede no Colégio Sagrado de Maria. O curso a leccionar tinha a duração de 3 anos.

Em 1964, ocorre uma restruturação a nível pedagógico e curricular,

passando a designar-se Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA Nesta edição da SER mostramos alguns documentos relativos aos anos de 1962/63, nos quais se incluem informações sobre a Direcção do Instituto, Planos de Estudos, Corpo Docente e Distribuição de Disciplinas.

> São também apresentados o convite da primeira Sessão Solene de Abertura do Ano Académico (1962) e algumas notícias da época.

5. Didática: A. Metodologia: a) Geral b) Especial B. Organização escolar: a) Direito escolar b) Higiene " 6. História da Educação 7. Orientação: A. Vocacional B: Escolar C. Profissional 8. Formação Teológica

III. DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS

Iº Ano

60	Horas	3.	Pedagogia 30	horas
30	"	4.	Formação Teológica 60	40
	2º Ar	00		
30	horas			
60	11	4.	Orientação Hostule 30	
		5.	Formação Teológica30	11
	32 Ar	no		
30	horas	3.	Diddtica30	horas
30		4.	História da Educação60	horas
		5.	Aulas práticas e seminários 30	
	30 60 60	2º Au 30 horas 60 " 60 " 3º Au 30 horas	30 " 4. 22 Ano 30 horas 3. 60 " 4. 60 5. 32 Ano 30 horas 3. 30 4.	30 " 4. Formação Teológica 60 2º Ano 30 horas 3. Pedagogia 30 60 " 4. Orientação / Horas 30 5. Formação Teológica 30 3º Ano 30 horas 3. Didática 30 4. História da Educação60 5. Aulas práticas e

IV. CORPO DOCENTE

Iº ANO:

- I) Psicologia Racional
- 2) Psicologia Evolutiva -Rv. Dr. Agostinho Pereira S.J.
- 3) Psicologia Emperimental Reve Irma Maria da Pureza A.M.
- 4) Pedagogia Prof. Emilio Planchard, da Universidade de Coimbra
- 5) Pedagogia Geral e Aplicada Rev. Diamantino Costa Monteiro S.D.B. Reitor do Seminário de Manique
- 6) Formação Teológica Rv. Dr. Jorge Sanches S.S.P. Reitor do Seminário de Carcavelos

memória

DESEJO QUE A SUA VIDA FELIZ E FECUNDA

1 No Colegio do Sagrado Coração de Maria, procedeu-se ontem, peias 17 horas, à inauguração do Instituto de Ciências Psicopeias do Instituto de Ciências Psicopeias dogicas organizado por iniciativa da Conferência Nacional dos Institutos Religiosos Macional dos Institutos Religiosos Femíninos Ao acto, efectuado no Salão de Feitas, presidiu o Ministro da Educação Nacional, Prof. Lopes de Almejda que foi recebido, à entrada do edificio, pelos organizadores e dirigentes do Institutoasifin como por numerosos convidados que se encontravam presentes.

-disse o Ministro da Educação Nacional ao inaugurar

Na sessão solene que se reali-zou o Ministro da Educação Nacional tinha, na mesa, à sua direita Mons. Adriano Meile, que representava o Sr. Núncio Apos-tólico, e a presidente da Federacão Nacional dos Institutos Re-

ligiosos remininos e, a sua esquerda, os Rws. Padres Armando da Costa Monteiro e dr. Lúcio Craveiro da Silva S. J. Em lugar de honra encontra-va-se o Senhor Bispo de Tiava, D. José Pedro da Silva.

D. José Pedro da Silva.

Na primeira fila da assistência viam-se, entre outras, as seguintes individualidades: eng. Carlos Castro, em representação do Ministro das Obras, Públicas, a Senhora, Infanta, D. Maria Adelaide de Bragança, Prof. Delfim Santos, da Faculdade de Letras de Lisboa, dr. Melo e Castro, pro-

(Continua na 3.º página)

1962/63

As Direcções da Conferência Nacional dos Institutos Religiosos Masculinos e da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos e o Conselho Directivo do Instituto de Ciências Psicopedagógicas, iniciativa destas organizações funcionando provisòriamente no Colégio do Sagrado Coração de Maria, Av. Manuel da Maia-2, têm a honra de convidar V. Ex. ca para a sessão solene de abertura do Ano Académico, do novo Instituto, pelas 17 horas do dia 🗗 de Novembro, com a presenca de S. Ex. da o Sr. Ministro da Educação Nacional e Delegado de Sua Em. da Rev. na o Sr. Cardeal Patriarca, e de outras Ex. " Autoridades. Fará a Oração de Sapiência o Director do Instituto Rev. " Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, S. J. Agradecem a comparência de V. Ex. 4

Lisboa, 31 de Outubro de 1962

O ministro da Educação inaugura ao fim da tarde o Instituto de Ciências Psicopedagógicas

Este Instituto, de nivel universi-tário, tem por finalidade proporcionar especialização psicopedagógica,

especialmente a membros do clero que se dediquem á educação da ju-ventude, tratando-se, portanto, de um estabeelcimento de ensino eminentemente católico.

O curso, que tem a duração de

três anos, abrange as disciplinas de Psicologia, Técnica Psicológica, História da Educação, Didáctica, Órien-

a miniminiminimi

É noje inaugurado, ao fim da tarde, no Celégio do Sagrado Coração outras, e nele se podem matricular de Maria, a Alameda Afonso Henriques, o Instituto de Ciências Psicopedagógicas.

Estimate de nivel university de Magisterio Primário, de Magister

ou de Educadoras da Infancia.

O corpo docente é formado por um grupo de padres e freiras das mais ilustres na tarefa de educação da juventude, tendo a iniciativa da criação deste Institute partido da Conferência Nacional dos Institutos Religiosos e da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Federaçãos Pederaçãos Pe mininos.

À inauguração desta tarde presi-de o sr. ministro da Educação Nacional, assistindo, entre outras individualidades, o sr. bispo de Tiava, em representação do patriarca de Lisboa, que se encontra em Roma, e o encarregado de Negócios da Nunciatura Apostólica, monsenhor Maille.

A abrir a sessão solene falará o padre Armando Monteiro, presiden-te da Conferência Nacional dos Ins-titutos Religiosos, que exporá a evolução sofrida pela ideia de criar este Instituto, abordando depois as dificuldades e fins da sua concreti-

zação.

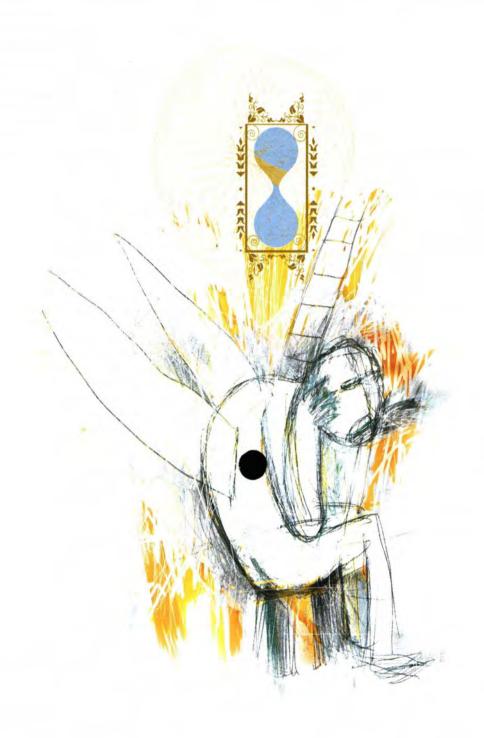
Discursará, depois, o padre dr.
Lucio Craveiro da Silva, director
do novo estabelecimento de ensino, que definirá a orientação pedagógica que ali será seguida, pondo em foco o papel que o Instituto desem-penhará no quadro de ensino uni-versitário e científico da pedagogia moderna.

Encerrará a sessão e a série de discursos o sr. ministro da Educa-

O Instituto de Ciências Psicope-dagógicas inicia o seu primeiro ano lectivo com uma frequência de 30 alunos, de ambos os sexos, perten-centes a várias congregações reli-giosas. As aulas principiam depois de amanhã.

COM O INSTITUTO DE CIÊNCIAS PSICO-PEDAGÓGICAS é lançada uma das pedras sobre que será erguida a Universidade da Igreja

- DECLAROU O CARDEAL--PATRIARCA DE LIS-BOA EM MENSAGEM ENVIADA PARA A SES-SÃO INAUGURAL DO INSTITUTO A QUE PRESIDIU O MINISTRO DA EDUCAÇÃO





FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO:

Daniel Sousa • daniel@ispa.pt

COLABORARAM NESTE NÚMERO:

André Barata Antônia Fernandes António Coimbra de Matos António Melo Arménio Sequeira Carla Alves Carla Oliveira Carlos Lopes Carlos Miguel Santos Claúdia Moura Inês Silva Dias Isabel Andrade Isabel Matta Isabel Stilwell Jorge Gomes lose Carvalho Teixeira José Morgado Jose Ornelas Leonel Garcia-Marques Luis Balula Luis Sousa Ribeiro Maria João Ceitil Maria João Gouveia Mário Contumelias Miguel Pina e Cunha Paula Ponce de Leão Pedro Duarte Rui Angela Rui Oliveira Sophie Picoto Susana Maria Telma Soeiro Teresa d'Oliveira Teresa Garcia-Marques Tiago de Sousa Mendes Valério Romão Victor Claudio Zilda Fidalgo

SECRETARIADO:

Sandra Russo + srusso@ispa.pt

DESIGN GRÁFICO:

Golpe de Estado

PAGINAÇÃO:

Golpe de Estado / Inês Costa

APOIO TÉCNICO:

Ricardo Romão, Manuel Pinto. Niccoló Bonacchi Centro Audiovisuais ISPA

PRÉ-IMPRESSÃO:

Escala 3, Lda. R. 7 de Junho, 24 R/C – C Loja 2745-476 Barcarena Tel.: 21 422 87 17 E-mail: escala3@mail.telepac.pt

IMPRESSÃO:

Printipo – Artes Graficas, Lda R. Mousinho de Albuquerque, 6 C Damaia, 2760-390 Amadora Tel.: 21 490 60 20 E-mail: printipo@mail.telepac.pt

DISTRIBUIÇÃO:

Maria Afonso Coxo Departamento de Mailings do ISPA

PROPRIEDADE:

ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada Rua Jardim do Tabaco, 34 1149-041 Lisboa Tel.: 21 881 17 00 • Fax: 21 886 09 54 info@ispa.pt • www.ispa.pt

ISSN: 1645-6378 Depósito Legal nº 189630/02

TIRAGEM:

5.000 exemplares



